



A MARCA DO SUCESSO

Centro Universitário de Caratinga
Mestrado Profissionalizante em Meio Ambiente e Sustentabilidade

**O LAZER E A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DOS
JOVENS RURAIS DE SÃO JOÃO EVANGELISTA-MG.**

EDMAR GERALDO DE OLIVEIRA

Caratinga – Minas Gerais – Brasil
Outubro de 2006



Centro Universitário de Caratinga
Mestrado Profissionalizante em Meio Ambiente e Sustentabilidade

**O LAZER E A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DOS
JOVENS RURAIS DE SÃO JOÃO EVANGELISTA-MG.**

EDMAR GERALDO DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Centro Universitário de Caratinga, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Sustentabilidade para a obtenção do Título de Mestre.

Caratinga – Minas Gerais – Brasil
Outubro de 2006

EDMAR GERALDO DE OLIVEIRA

**O LAZER E A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DOS
JOVENS RURAIS DE SÃO JOÃO EVANGELISTA-MG.**

Dissertação apresentada ao Centro
Universitário de Caratinga, como parte das
exigências do Programa de Pós Graduação em
Meio Ambiente e Sustentabilidade para a
obtenção do Título de Mestre.

Aprovado em 05 de outubro de 2006.

Prof. D. Sc. Jorge Luiz de Góes Pereira
Orientador

Prof^ª. D. Sc.. Mônica A. Del Rio Benevenuto
Co-Orientadora

Prof^º. D. Sc. Meubles Borges Júnior

Prof^ª. D. Sc. Pierina German Castelli

Não basta ter belos sonhos para realizá-los. Mas ninguém realiza grandes obras se não for capaz de sonhar grande. Podemos mudar os nossos destinos, se nos dedicamos à luta pela realização de nossos ideais. É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho; de examinar com atenção a vida real; de confrontar nossa observação com nosso sonho; de realizar escrupulosamente nossa fantasia. Sonhos. acredite neles.

(Lênin)

DEDICATÓRIA

- 📖 À minha mãe, Maria Geralda Afonso de Oliveira. As palavras nunca serão suficientes para expressar a gratidão e o respeito que tenho por você que não só me deu a vida, como também orientou os meus passos. Foi por você que cheguei até aqui.
- 📖 Ao meu pai, Waldemar Celestino de Oliveira. Você partiu antes que este momento tão esperado chegasse. Partiu deixando uma saudade imensa, um vazio às vezes sufocante. O seu exemplo de homem íntegro e de pai dedicado e amigo é que me tornaram uma pessoa capaz de chegar até aqui e de concretizar este sonho.
- 📖 À minha filha, Ana Carolina Pighin de Oliveira. O seu nascimento me trouxe um novo sentido à vida. É por você que seguirei em frente.
- 📖 À minha esposa, Cláudia Pighin de Oliveira, que partilhou de meus anseios e desejos, sonhos e realidades e me deu estímulo para que pudesse continuar nas horas de desânimo. Esta vitória também é sua.

AGRADECIMENTOS

- 📖 À DEUS, presença constante em minha vida, que me oportunizou tantas emoções, tantos sentimentos contraditórios, que me deu o pranto para limpar minha visão e encarar de frente meus bloqueios e temores, preparando-me para outros desafios maiores e mais complexos.
- 📖 Ao meu orientador, professor Dr. Jorge Luiz de Góes Pereira, que acreditou no meu trabalho e sempre me incentivou para que eu chegasse até o final. Agradeço por aceitar os desafios de me orientar, as suas críticas e sugestões foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigado por escutar minhas dúvidas e aflições e por compreender o paralelo entre as dificuldades pessoais e os prazos acadêmicos;
- 📖 A professora, Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto, co-orientadora deste trabalho, que desde o primeiro momento se colocou a disposição e mesmo distante contribuiu de forma significativa através do incentivo, das correções e das sugestões para o desenvolvimento deste estudo.
- 📖 Aos meus irmãos, Edgar e Eliane e aos meus sobrinhos Paulo Afonso, Sophia e Iara, pessoas como vocês o tempo não apagará, a distância não esquece e a maldade não destrói. São pessoas que nunca negam um sentimento sincero. São atos, palavras e atitudes que se solidificam com o coração aberto.
- 📖 Aos amigos e colegas de curso, Nildimar Gonçalves Madeira, Sidilene Aparecida Silva Gonçalves e Celma de Cássia Rocha Mello. Nada é difícil nem impossível

quando existem pessoas de coração limpo prontas para doar um pouco de si. A todos vocês os meus mais sinceros agradecimentos.

- 📖 Aos dirigentes da Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista-MG, pela liberação e apoio para fazer o mestrado, colocando em minhas mãos as ferramentas com as quais, com certeza, abrirei novos horizontes rumo à plena satisfação dos meus ideais profissionais.
- 📖 Ao Professor Joaquim Gonçalves, Alba e Isadora, que me acolheram com carinho em sua aconchegante casa e mostraram-me com seus exemplos que um dos pilares da felicidade está na entrega total às pessoas que amamos.
- 📖 Às pessoas que me apoiaram ao longo deste trabalho e que repartiram comigo seus conhecimentos e experiências profissionais. Quero agradecer especialmente a Eliane Santana de Melo, a Kássio Franklin, a Marcirene Ducarmo Cupertino, a Sara Duarte Teixeira, a Hércules José Procópio, a Roberto Carlos Alves, a João Eustáquio da Costa Santos e a Sehany de Fátima Marinho.
- 📖 Aos jovens rurais de São João Evangelista-MG participantes da pesquisa, pela disponibilidade e sinceridade de seus relatos, compartilhando experiências e conhecimentos que possibilitaram o desenvolvimento desta dissertação.
- 📖 Finalmente, expresso meus sinceros agradecimentos a todos que me apoiaram durante esta jornada e que contribuíram decisivamente para a elaboração e conclusão deste estudo.

BIOGRAFIA

EDMAR GERALDO DE OLIVIERA, filho de Waldemar Celestino de Oliveira e Maria Geralda Afonso de Oliveira, nasceu no dia 04 de agosto de 1972, em Capelinha, Estado de Minas Gerais.

Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em abril de 1997.

Pós Graduação “Latu Sensu” – Especialização em Treinamento Desportivo pela Universidade Castelo Branco no Rio de Janeiro-RJ, no período de 30/08/1997 a 19/12/1998.

É Professor de Educação Física na Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista-MG, desde julho de 1998 tendo assumido paralelamente outras funções como a Coordenação de Esportes e Lazer e posteriormente a Coordenação Geral de Atendimento ao Educando.

Em março de 2004 iniciou o Curso de Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade, no Centro Universitário de Caratinga, em Caratinga, MG, obtendo o título de mestre em 05 de outubro de 2006.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Produção agrícola do município de São João Evangelista em 2001	18
TABELA 2 - Reação dos pais diante das formas de diversão dos jovens, segundo gênero . resposta estimulada e única).	50
TABELA 3 - Principal aspecto a ser considerado para se ter uma boa qualidade de vida, segundo gênero. (respostas estimuladas e múltiplas).	52
TABELA 4 - Ocupação do tempo livre, segundo gênero. (respostas estimuladas e múltiplas).	61
TABELA 5 - Das coisas que você nunca faz nas suas horas livres, o que gostaria de fazer, sem se preocupar com quaisquer impedimentos, segundo gênero. (respostas estimuladas e múltiplas).....	63
TABELA 6 – Programas/Projetos do governo federal voltados para a juventude.	70
TABELA 7 - Na sua opinião quais são os principais problemas da localidade onde você reside? segundo gênero.(respostas estimuladas e múltiplas).	74
TABELA 8 - Entre os temas relacionados abaixo, quais são os três que você tem mais interesse pessoal? Segundo gênero e faixa etária (respostas estimuladas e múltiplas).....	75

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Mapa de Localização do município de São João Evangelista-MG.	11
FIGURA 2 – Ocupação profissional dos jovens rurais de São João Evangelista-MG ...	25
FIGURA 3 – Locais em que os jovens viveram a maior parte da infância	32
FIGURA 4- Situação dos jovens rurais de São João Evangelista-MG com relação ao trabalho.	40
FIGURA 5 – Atividades de lazer e contribuição para a melhoria da qualidade de vida.	54
FIGURA 6– Principais contribuições das atividades de lazer para a melhoria da qualidade de vida.	55
FIGURA 7– Espaços de lazer disponibilizados aos jovens rurais de São João Evangelista-MG. (respostas estimuladas e múltiplas).	59

LISTA DE ABREVIATURAS, NOMENCLATURAS E SÍMBOLOS

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

EAFSJE-MG – Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista-MG.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

CENAFOCO - Centro Nacional de Formação Comunitária

ITR – Imposto Territorial Rural.

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário.

MST – Movimento dos Sem Terras.

OIJ – Organização Ibero Americana da Juventude.

PEA – População Economicamente Ativa.

PIAPS - Plano de Integração e Acompanhamento dos Programas Sociais de Prevenção à Violência

PLANFOR - Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

SAF - Secretaria de Agricultura Familiar.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

RESUMO

OLIVEIRA, Edmar Geraldo de. M.S. Centro Universitário de Caratinga-MG, setembro de 2006. **O lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista-MG.** Orientador: Professor Dr. Jorge Luiz de Góes Pereira. Co orientadora: Professora Dra. Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto.

Trata-se de um estudo sobre a realidade do trabalho e do lazer dos jovens rurais do município de São João Evangelista-MG, cuja realidade informa as dificuldades de emprego e a falta de espaços de lazer próprios para os jovens. O objetivo geral do estudo é analisar como o trabalho e o lazer, nesse município, influenciam na qualidade de vida dos jovens rurais, bem como propor lineamentos ou diretrizes para o estabelecimento de políticas públicas voltadas para os jovens rurais. É um estudo de abordagem qualitativa com dados coletados a partir da amostra de entrevistas e questionários semi-estruturados. A necessidade em obter uma renda que permita atender às necessidades do trabalhador e de sua família, aliada ao desgaste decorrente da sobrecarga de trabalho nas atividades agrícolas, tem levado diversos jovens a buscarem nas poucas atividades de lazer, momentos de descontração e alívio da tensão do dia-a-dia. Ao contrário dos moradores da cidade que buscam no meio rural momentos de tranquilidade, lazer e descanso, para quem reside no campo, este representa um local de trabalho. As poucas opções de lazer existentes nas localidades de origem dos jovens favorecem a migração dos mesmos para a sede do município nos finais de semana. As observações realizadas no cotidiano destes jovens expõem a necessidade de um lineamento das políticas públicas voltadas a este segmento da população.

Palavras chaves: juventude rural, lazer, qualidade de vida, políticas públicas.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Edmar Geraldo de. M.S. University Center of Caratinga-MG, September of 2006. **The entertainment conditions and the improving of rural youth's quality of life in São João Evangelista County - Minas Gerais.** Chair: Professor Dr. Jorge Luiz de Góes Pereira. Co-chair: Professora Dra. Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto.

This dissertation examines the features of rural youth's working conditions and entertainment activities at São João Evangelista county, in the state of Minas Gerais. The reality of this county is the lack of job opportunities and of entertainment spaces appropriated to the youth. The main objective of this research is to analyze how the work and entertainment conditions in São João Evangelista interfere in rural youth's quality of life, as well as to propose a path to establish public politics headed to them. This is a qualitative research whose data were collected by interviews and semi-structured questionnaires. The preoccupation about earning a salary that supplies the needs of the worker and his family, besides the stress caused by the common overworking in agricultural activities, have been frequently led the young workers to use their free time as a way to relief the tension of daily routine. Differently of urban population, whom often go to the rural environment to search for pleasant moments and rest, the rural population sees it only as their working place. But the lack of entertainment options make them go to the city centers at their free time. The features observed about the routine of this young people show the need of public politics headed to this specific public.

Key words: rural youth, entertainment, quality of life, public politics

CONTEÚDO

LISTA DE TABELAS.....	IX
LISTA DE FIGURAS.....	X
LISTA DE ABREVIATURAS, NOMENCLATURAS E SÍMBOLOS	XI
RESUMO.....	XII
APRESENTAÇÃO.....	1
INTRODUÇÃO.....	3
Metodologia.....	7
Trabalho de campo.....	9
Caracterização do município de São João Evangelista-MG.....	11
CAPITULO I.....	16
O LUGAR DA JUVENTUDE RURAL NA DINÂMICA DA AGRICULTURA FAMILIAR	16
1.1 Agricultura familiar e as relações de trabalho	16
1.2 As transformações na agricultura familiar: o novo rural brasileiro	22
1.3 O que entendemos por juventude rural?	26

1.4	Juventude rural: campo versus cidade.	30
1.5	Juventude e gênero na agricultura familiar	34
CAPÍTULO II.....		42
O LAZER NO ESPAÇO RURAL		42
2.1	A trajetória Histórica do sentido de lazer	42
2.2	Lazer e Qualidade de Vida: na cidade e no campo.....	51
2.3	Lazer: definições e opções para os jovens rurais	57
CAPÍTULO III.....		66
JUVENTUDE RURAL E POLÍTICAS PÚBLICAS		66
3.1	Juventude rural e políticas públicas	66
3.2	Programas e projetos voltados para a juventude.....	69
3.2.1	<i>PRONAF Jovem</i>	71
3.3	Políticas públicas de desenvolvimento em São João Evangelista: o lugar dos jovens	72
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES		80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		86
ANEXOS		92

APRESENTAÇÃO

Foi ao longo do curso de Licenciatura em Educação Física entre 1993 e 1996, e paralelamente ao trabalho desenvolvido por 3 anos e meio na Estância Turística Jonosake na cidade de Itaguaí-RJ, que descobri no lazer e nas suas possibilidades de intervenção, uma área de estudo pela qual me apaixonei. Atuando como professor de Educação Física na Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista-MG desde 1998, comecei a trabalhar nas aulas do Ensino Médio com o conteúdo recreação e lazer. Apesar do pouco conhecimento da teoria, minha ação estava fundamentada na perspectiva educacional do lazer. Mas como minhas inquietações ainda não haviam sido solucionadas, optei por pesquisá-las mais profundamente por ocasião do mestrado. Escolhi analisar as inter-relações entre trabalho, lazer, juventude rural e qualidade de vida, temas desta dissertação.

A inquietação surgiu das observações e experiências vivenciadas em uma cidade do interior onde são poucas as opções de lazer disponibilizadas aos jovens. Esta baixa oferta de lazer demonstra pouca preocupação por parte do poder público e da sociedade civil em relação a esta questão. Este cenário acrescido do baixo poder aquisitivo da grande maioria dos jovens de São João Evangelista-MG, o que também se torna um fator limitante de acesso às atividades de lazer, tem ao longo dos anos contribuído para o surgimento ou agravamento de alguns problemas sociais como, por exemplo, o maior consumo de álcool e outras drogas entre os jovens.

Aproveitar o tempo livre de forma prazerosa e criativa é um dos grandes desafios do homem moderno. Sendo assim, faz-se necessário investigar, debater e desenvolver

estudos sobre a dinâmica da agricultura familiar, o lugar dos jovens nessa dinâmica e as oportunidades e formas de lazer, a fim de que estes possam resultar em ações que contribuam com a oferta e a otimização das atividades de lazer voltadas aos jovens. Este estudo propõe-se a abordar esta problemática tendo como população alvo os jovens rurais, pois para esta parcela da população a ausência de políticas públicas voltadas para o lazer tem gerado angústias, dúvidas e insatisfações. De acordo com Carneiro (1998, p. 257) “a ausência de espaços de lazer é responsável, entre outros fatores, pela avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração”. Portanto, tratar desta questão se torna relevante na medida em que as propostas resultantes deste estudo poderão servir como subsídios para o lineamento de ações públicas que visem estimular a oferta de lazer aos jovens rurais, bem como, contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o assunto.

INTRODUÇÃO

Ao se falar sobre lazer, torna-se necessário refletir também a cerca do trabalho e do tempo livre, e este pressupõe o tempo de trabalho, pois está vinculado a ele. Os estudiosos do lazer¹ entendem que as transformações nas sociedades, principalmente o avanço tecnológico, são as causas de uma profunda modificação nas relações entre o tempo de trabalho e o lazer. Atualmente vivemos num mundo globalizado e cada vez mais competitivo. A sociedade trabalha cada vez mais e dispõe de menor tempo livre, o que acarreta o surgimento de diversos males como ansiedade, estresse e depressão. (ANDREWS, 2001).

A necessidade de obter uma renda que permita atender às necessidades do trabalhador e de sua família, bem como a solicitação por buscar melhores condições de vida, querer ganhar cada vez mais, produzir cada vez mais, é uma característica do homem moderno que o leva muitas vezes a uma sobrecarga de trabalho. Trabalhar muito não faz mal, desde que este possa ser entrecortado por momentos de descanso, por períodos de lazer em que a saúde não perca o poder de permitir certa flexibilidade.

O ritmo acelerado de trabalho aliado ao estresse decorrente desta sobrecarga e da correria da vida moderna tem levado diversas pessoas a buscarem nas atividades de lazer momentos de descontração e alívio da tensão do dia-a-dia. Utilizar o tempo livre de forma prazerosa e criativa é o grande desafio do nosso tempo, uma vez que o ser humano tem uma relação com o trabalho e com o lazer, fruto da realidade em que está

¹Dumazedier (1979); Camargo (1992); Marcellino (2002).

inserido e dos valores que possui, associado às condições econômicas, sociais e culturais.

Com o desenvolvimento tecnológico nota-se uma grande diferença nas formas de trabalho, meios de locomoção, alimentação e lazer. Estima-se que três em cada quatro trabalhadores, nas nações industrializadas, desempenhem atividades profissionais que exijam habilidades específicas na área de informática e que somente uma em cada quatro pessoas, em todo o mundo, realize esforço físico no trabalho. A era da informática promoveu uma redução das atividades físicas no lazer, com substituição gradativa da participação em jogos, danças e esporte por atividades mais passivas fisicamente, como assistir a televisão, jogar vídeo game, ouvir música, jogar cartas, etc (EDGINTON, 1997).

No caso do mundo rural, algumas ocupações, como, por exemplo, a pecuária de leite, exigem além de muito trabalho, a presença constante dos trabalhadores envolvidos no processo de produção. Os pequenos produtores rurais muitas vezes não têm nenhuma folga na semana, uma vez que a ordenha não pode ser adiada para o dia seguinte. Na agricultura também é fácil observar que em determinados períodos do ano, como na colheita, o trabalho se intensifica de tal forma que o tempo livre dos trabalhadores é mínimo.

Em São João Evangelista-MG, o desenvolvimento agrícola está centrado basicamente na agricultura familiar, não existindo no município nenhuma fazenda ou empresa agrícola de grande porte que possam ser referenciadas como fortes empregadores de mão-de-obra na atividade agrícola. O município se caracteriza por uma série de pequenas propriedades rurais onde predomina na agricultura o cultivo do milho, feijão e da cana-de-açúcar, sendo a pecuária de leite outra importante fonte de renda, porém com pequenas produções.

Ao analisar as atividades de trabalho no meio rural, percebe-se que o jovem residente no campo começa a trabalhar por volta dos 10 ou 12 anos, normalmente inicia ajudando a família nas atividades mais simples. Como no campo o jovem precisa trabalhar para sobreviver, ao alcançar a idade de aproximadamente 16 ou 17 anos assume, às vezes, o papel de adulto, adquirindo cedo demais responsabilidades familiares, o que de certa forma, inibe a vivência de atividades próprias da adolescência, principalmente nos aspectos do lazer e da recreação.

Ao contrário dos moradores da cidade que buscam no campo momentos de tranquilidade, lazer e descanso, para quem reside no mesmo, este representa um local de

trabalho, um espaço com poucas opções de lazer e atividades culturais. Nos dias de hoje, o lazer está hegemonicamente na cidade, e apresenta-se em seus teatros, salas de cinema, clubes esportivos, *shopping centers*, praças iluminadas, entre outros espaços. Entretanto, o lazer urbano não é exclusivo, o ecoturismo, por exemplo, é uma das demandas por entretenimento no espaço rural. Ressalta-se, no entanto, o paradoxo deste tipo de lazer: no campo, só é dado o direito de aproveitá-lo quem não viva e trabalhe nele.

Outro aspecto importante na vida dos jovens residentes no meio rural diz respeito à busca por uma melhor qualidade de vida. Busca que, aliás, move não somente a juventude rural, mas toda a sociedade brasileira que anseia por melhores condições de vida. Novamente o lazer aparece como um fator de importante contribuição nesta busca, pois é “através das práticas do tempo livre, das crianças e dos adolescentes que poderemos compreender seu modo de inserção social, suas dificuldades, seus desejos, suas aspirações ou suas confusões” (DUMAZEDIER, 1994, p. 76).

Este estudo tem como objetivo analisar como incide a relação trabalho e lazer na qualidade de vida dos jovens rurais, bem como propor lineamentos ou diretrizes para o estabelecimento de políticas públicas voltadas para os jovens rurais do município de São João Evangelista-MG.

Na atualidade, o lazer representa uma válvula de escape, um meio para encontrar a liberdade e a criatividade, uma fórmula para fomentar o desenvolvimento social e cultural, um recurso para a formação pessoal e um direito de todo cidadão. Diante do interesse cada vez maior por parte dos jovens pelas atividades de lazer, faz-se necessário uma maior atenção por parte do poder público e da sociedade como um todo em estabelecer políticas públicas que atendam aos anseios e necessidades dos jovens na questão do lazer, em especial dos jovens rurais, por se tratar de um segmento da população que ainda se encontra na condição de invisibilidade social.

O direito ao lazer é um dos direitos civis e sociais reconhecidos constitucionalmente, tal como a educação e a saúde. Estão num mesmo nível hierárquico, mas o que é presenciado é exatamente uma hierarquização por parte do poder público. As políticas públicas de lazer, assim como quaisquer outras políticas sociais, precisam caminhar no sentido da afirmação desse direito. Portanto, não basta garantir legalmente o direito ao lazer, é preciso criar mecanismos que possibilitem a oferta deste à população, pois a grande maioria dos jovens brasileiros encontra na falta de recursos financeiros, entre outros, um fator limitante de acesso às atividades de lazer.

Sendo assim, melhorar a condição de vida da população é condição indispensável para se pensar no desenvolvimento do lazer. Obviamente que este estudo não tem pretensão de servir como instrumento para melhoria da condição de vida dos jovens brasileiros, e sim levantar questões relevantes relacionadas ao lazer dos jovens rurais. Como sabemos, as atividades de lazer proporcionam diversos benefícios, entre eles podemos citar o alívio da tensão do dia a dia, ampliação do convívio social e diminuição do estresse, sendo considerado por muitos jovens como um importante fator de contribuição para a melhoria da qualidade de vida². De um modo geral, e em especial no município de São João Evangelista-MG, percebemos a baixa oferta de lazer aos jovens rurais e de classes populares, principalmente para aqueles que vivem na condição de vulnerabilidade social³.

As precárias políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do campo acabam por impor uma deterioração estrutural das áreas rurais, resultando em restrições sérias às condições de vida dos trabalhadores, principalmente da juventude, fases essas de muitas demandas tais como estudo, trabalho, relações pessoais, lazer, entre outras. A consequência desta situação é a desvalorização do meio rural por parte da juventude, como seu espaço de origem, contribuindo com a constante saída de jovens para as cidades em busca de novos horizontes. No que se refere ao lazer, podemos afirmar que a questão se torna mais complexa, pois se nas cidades essas políticas são aplicadas pelos populismos governamentais da administração pública, nas áreas rurais elas praticamente não existem.

Também são poucos os estudos científicos voltados para as juventudes rurais, contudo, percebemos ser este um espaço amplo para as investigações, debates acadêmicos e como consequência destes a promoção de benefícios aos jovens rurais, reafirmando a relevância dos estudos científicos. Sendo assim, o presente estudo se torna relevante para a população de São João Evangelista, uma vez que poderá servir como subsídio para o desenvolvimento de ações e o lineamento de políticas públicas

² Dados obtidos junto aos jovens rurais de São João Evangelista-MG ao longo deste estudo, utilizando como instrumento de coleta de dados questionários semi estruturados e entrevistas.

³ Vulnerabilidade social é o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais e simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. O não acesso a determinados insumos (educação, trabalho, saúde, lazer e cultura) diminui as chances de aquisição e aperfeiçoamento desses recursos que são fundamentais para que os jovens aproveitem as oportunidades oferecidas pelo Estado, mercado e sociedade para ascender socialmente. Ver Abramovay (2002).

voltadas ao jovem rural, bem como instrumento de contribuição para o desenvolvimento de estudos posteriores relacionados ao lazer e à qualidade de vida no campo.

A abordagem do assunto aqui proposto está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo discutiremos as especificidades da juventude rural no universo da agricultura familiar, enfatizando a relação existente entre trabalho, geração e gênero. No segundo capítulo, analisaremos os aspectos relacionados ao lazer no espaço rural, as opções existentes e disponibilizadas para os jovens rurais do município de São João Evangelista-MG, assim como as relações existentes entre práticas de lazer e melhoria da qualidade de vida para esses jovens. No terceiro e último capítulo, proporemos lineamentos ou diretrizes para o estabelecimento de políticas voltadas para o desenvolvimento do jovem rural, fortalecendo a prática de esportes e das diversas formas de lazer no campo.

Metodologia

Neste estudo utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa. De acordo com Godoy (1995), essa abordagem possibilita estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes. Desta forma, um fenômeno pode ser mais bem compreendido dentro do seu contexto, quando analisado numa perspectiva integrada. Para isto, o pesquisador vai a campo captar o fenômeno em estudo a partir da percepção das pessoas, considerando todos os pontos de vista relevantes.

Ainda sobre a perspectiva da metodologia qualitativa, de acordo com parâmetros destacados por Triviños (1987), o pesquisador está preocupado com o processo, e não apenas com os resultados e o produto. O significado foi a preocupação essencial da abordagem, sendo importante considerar o que o sujeito pensa de suas experiências, de sua vida profissional e de seus projetos.

A pesquisa caracteriza-se, ainda, por ter o ambiente natural como fonte dos dados e um pesquisador como um instrumento-chave, na medida em que não esquece a visão ampla e complexa da realidade social. Os dados coletados são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é maior do que com o produto, o

“significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida é o foco de atenção especial dada pelo pesquisador, a análise de dados tende a seguir um processo indutivo.

Esta pesquisa também pode ser considerada exploratória, visto que a pesquisa exploratória é usada quando o tema escolhido é pouco explorado, permitindo uma visão geral sobre o fenômeno em estudo e aumentando a familiaridade do pesquisador com o ambiente para estudos futuros mais precisos (Gil, 1994). Justifica-se a utilização da pesquisa exploratória, devido à carência de estudos relacionados ao lazer no espaço rural no Brasil, principalmente no município de São João Evangelista-MG. Assim, este estudo pode gerar contribuições para novas pesquisas relacionadas com o tema no município.

Como instrumento para coleta de dados utilizamos o questionário semi-estruturado e entrevistas. O questionário foi composto por perguntas abertas (espontâneas), deixando os(as) entrevistados(as) a vontade para expressar livremente suas opiniões a respeito dos temas abordados, e fechadas (estimuladas) onde as respostas foram sugeridas segundo algumas alternativas elaboradas a partir da bibliografia utilizada na pesquisa. O questionário foi composto por 22 questões (anexo 1) e antes de sua aplicação foi efetuado um pré-teste para ajuste das questões e validação do mesmo.

Optamos pelo questionário respaldado por Gil (1994, p. 41), que o define como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo como objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

A técnica do questionário apresenta aspectos positivos e negativos. As pessoas sentem mais confiança e são mais livres para exprimir suas opiniões a partir do questionário, levando-se em comparação uma entrevista pessoal. Outro aspecto positivo é a diminuição da pressão para uma resposta imediata, podendo a pessoa responder sobre cada item cuidadosamente. Aponta-se como desvantagem de seu uso a baixa quantidade de respostas, afetando a representatividade da amostra.

A população deste estudo é formada por aqueles jovens com idade entre 15 e 24 anos, de ambos os sexos e residentes na zona rural do município de São João Evangelista-MG. A amostra utilizada é não probabilística e tendenciosa. “Não probabilística porque não faz uso de formas aleatórias de seleção e tendenciosa porque não é representativa na população” (FLEIGNER e DIAS, 1995, p. 43-44). Esta foi composta por 89 jovens, sendo que 54 deles eram do sexo masculino e 35 do sexo

feminino. O número de unidades da amostra foi calculado atendendo a limitações de ordem administrativa, financeira e de tempo.

Trabalho de campo

O trabalho de campo teve início em setembro de 2005 quando visitamos as localidades de Nelson de Sena e Comercinho, com objetivo de conhecermos os principais espaços de lazer disponibilizados aos jovens. Na ocasião de nossa visita, na localidade de Nelson de Sena estava acontecendo um torneio de futebol com a participação de 4 equipes, sendo um time da própria localidade, outro de um lugar chamado Barra e 2 times de São João Evangelista. Tivemos a oportunidade de participar do torneio de futebol e conversar com alguns jovens sobre as atividades de lazer, porém não fizemos nenhum registro formal destes dados.

Quando estivemos em Comercinho também fomos com os mesmos objetivos e estivemos durante todo tempo acompanhados de um jovem residente na localidade e ex-aluno da Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista-MG. Fomos bem recebidos pelos jovens, aliás, o fato de pertencer ao local, de conhecer e ser conhecido por algumas pessoas e por se tratar de um município pequeno auxiliou nas visitas e coletas de dados, uma vez que não tivemos grandes dificuldades de ter acesso aos jovens e algumas das atividades de lazer desenvolvidas por eles.

Baguari foi a localidade onde observamos uma certa desconfiança por parte dos jovens, esta possivelmente se deu pelo fato de não sermos conhecidos dos moradores, era um “estranho” fazendo perguntas sobre algumas questões da vida deles. Contudo, na segunda visita estivemos acompanhado de uma professora da Escola existente no lugar. A companhia desta fez com que os mesmos se tornassem mais receptivos, e a medida que começamos a nos conhecermos, o relacionamento ficou tranquilo e estes falaram com naturalidade sobre seus momentos de lazer, trabalho, políticas públicas, entre outros assuntos.

Antes da aplicação dos questionários aos jovens rurais foi efetuado um pré-teste com a finalidade de realizar ajustes no questionário fechado. Este procedimento foi realizado nos dias 21 e 22 de fevereiro, quando o mesmo foi aplicado a 15 alunos da

primeira série do curso Técnico em Agropecuária da Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, com idade entre 15 e 19 anos, escolhidos de forma aleatória.

A coleta de dados aconteceu no período de 04 de março a 10 de abril de 2006. As localidades escolhidas para se aplicar os questionários foram Nelson de Sena, Ribeirão da Mesa, Comercinho e Baguari. A opção pela escolha se deu devido ao fato de ser nestas localidades o ponto de encontro dos jovens para as festas, práticas desportivas, cerimônias religiosas e também por saber que muitos jovens residentes em chácaras, sítios e fazendas estudam nas escolas existentes nestas localidades.

Neste período estivemos várias vezes nas localidades em companhia dos professores de Educação Física das escolas existentes em cada uma das localidades descritas. Em companhia destes professores visitei as escolas e expliquei aos jovens quais os objetivos da pesquisa para em seguida solicitar que os mesmos respondessem aos questionários. Foi permitido que os jovens levassem o material para suas casas e respondessem com calma, devendo entregar aos professores posteriormente. As escolas foram então os principais locais de aplicação dos questionários e entrevistas. Também visitamos algumas residências dos jovens estudantes com o objetivo de coletar dados de jovens que não estivessem na escola.

A receptividade por parte dos jovens foi muito boa, e percebemos que o assunto despertou maior interesse nos rapazes, foi deles a maior participação, talvez por ser o pesquisador alguém do mesmo sexo. O acesso aos jovens rapazes foi melhor principalmente quando as visitas aconteciam em dias de jogos de futebol, ali o ambiente favorável contribuiu para que as conversas fluíssem de forma natural e tranqüila. Com relação às moças, tive um pouco mais de dificuldades, mas nada que comprometesse a pesquisa, pois, como já foi dito antes, o fato de pertencer ao local ajudou nesta aproximação. Em determinados momentos percebemos por parte de alguns jovens certa ansiedade em ver algumas de suas sugestões ou reivindicações atendidas, mas foi explicado aos mesmos que o objetivo da coleta de dados se destinava a trabalho acadêmico e que, futuramente, pudesse orientar as ações imediatas em termos de promoção de melhoria na oferta de lazer.

optamos por dividir o município em 4 regiões e apresentá-lo de acordo com suas especificidades.

Ao sul, com distância aproximada da sede de 14 km, situa-se a localidade denominada Corrente Canoas. Esta região apresenta topografia levemente acidentada, com predominância de solos de baixa fertilidade, tendo como principal fonte de renda a exploração da pecuária de corte, apicultura e produção de madeira para celulose, com inclinação a monocultura desta última. A localidade ainda tem como característica a baixa densidade populacional, com residências distanciadas e sem aglomerações.

Ao norte, distante da sede aproximadamente 25 km localiza-se o distrito de Nelson de Sena e a região de Palmital, Córrego dos Lopes, Barreiras, Barra do Cansanção e Ponte Nova. A região apresenta topografia bastante acidentada, com predominância de solos de média fertilidade. A densidade populacional é média, devido ao distrito de Nelson de Sena e a aglomerações populacionais nas localidades citadas. A atividade econômica está voltada para a exploração da pecuária de leite, aguardente, apicultura e agricultura de subsistência voltada para milho e feijão, contudo, esta é uma região que apresenta também potencial para ecoturismo, principalmente pela presença dos rios Suaçuí Grande e São Nicolau Grande.

Ao leste, está localizada a região da Mesa, Sítio, Rancho e Palmeiras, distante aproximadamente 12 a 15 km da sede. A densidade populacional é média, devido aos aglomerados nas comunidades citadas, com número elevado de pessoas da mesma família. A atividade econômica está voltada para a exploração da pecuária de leite, agricultura de subsistência voltada para milho, feijão e produção e industrialização de mandioca para fabricação de farinha e polvilho, destacando ainda a produção de aguardente, que caracteriza a principal atividade econômica da região.

A oeste, fica a região que compreende o distrito de São Geraldo do Baguari e as localidades de Córrego dos Pereiras, Canabrava, São Nicolau Pequeno e Cansanção, com distância aproximada de 26 km da sede. A densidade populacional é média, devido ao distrito de São Geraldo do Buaguari, ao povoado de Bom Jesus da Canabrava e às aglomerações populacionais nas localidades citadas. Exploração da pecuária de leite, aguardente, agricultura de subsistência voltada para milho e feijão, destaca a cultura do fumo e a transformação em fumo de corda, que dá peculiaridade à economia da região.

No âmbito educacional apresenta-se no município a Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista-MG (EAFSJE-MG). A EAFSJE-MG exerce influência nas regiões do Vale do Rio Doce, Vale do Mucuri e Vale do Jequitinhonha, além do norte

de Minas Gerais, sul da Bahia e outras regiões do Estado, inclusive as de seu entorno. Influência essa intensificada, a partir de 1978, com a criação de seu primeiro curso técnico: Técnico em Agropecuária. Com a finalidade de atender à sua clientela, essa Escola vem ampliando seu leque de oportunidades, oferecendo os seguintes cursos: Ensino Médio, Técnico em Agropecuária, Técnico em Meio Ambiente, Técnico em Alimentação e Técnico em Informática. No 2º semestre de 2006 teve início o curso superior de Tecnologia em Silvicultura, sendo este o primeiro curso superior oferecido por uma instituição pública na região.

Ainda com relação à rede de ensino, existem no município 5 escolas estaduais, sendo que deste total, 3 estão localizadas no meio rural nas localidades de Nelson de Sena (Escola Estadual Major Lermínio Pimenta), de São Geraldo do Baguari (Escola Estadual Carmela Dutra) e em Bom Jesus da Cana Brava – Comercinho (Escola Estadual Dr. Lúcio Vieira da Silva). A rede municipal de ensino⁴ é composta por 10 escolas, sendo que 3 estão localizadas na sede do município e 7 no meio rural. As escolas municipais do meio rural estão localizadas nas localidades de Ribeirão da Mesa – Escola Municipal Antônio Medina Cardoso (216 alunos); Barra do Cansanção – Escola Municipal Cônego Davino (23 alunos); Palmital – Escola Municipal João Evangelista dos Santos (55 alunos); Córrego dos Pereira - Escola Municipal José Augusto dos Santos (25 alunos); Barreiras – Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo (23 alunos); Ponte Nova – Escola Estadual Prefeito José Procópio (18 alunos); Cansanção – Escola Estadual Sebastião Pereira de Sá (106 alunos). As escolas da rede municipal atendem a um total de 466 alunos do meio rural e 856 alunos da área urbana, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. No município, apenas 2 escolas oferecem o Ensino Médio, uma delas é a Escola Agrotécnica Federal e a outra é a Escola Estadual Josefina Pimenta, ambas estão localizadas no perímetro urbano.

Com relação aos espaços de lazer, são poucas as opções disponibilizadas aos jovens. De acordo com relato de moradores mais antigos, no município de São João Evangelista-MG na década de 70 existiam campos de futebol nas localidades de Olhos D'Água Venâncio, Olhos D'Água Zé Maria, Vargem Grande Tãozinho, Cachoeirinha, Palmeiras, Sítio, Vargem Alegre, São Nicolau, Comercinho, Baguari, Cansanção de Baixo, Cansanção de Cima, Barra do Cansanção, Barreira do Cansanção, Nelson de Sena, Palmital, Usina, dentre outros. No entanto, o cenário atual é bastante diferente,

⁴ Fonte: Secretária Municipal de Educação de São João Evangelista-MG – dados disponibilizados em 20/06/2006.

entre os 17 campos citados que existiam nas localidades, restam apenas 4 que estão localizados em Nelson de Sena, Comercinho, Baguari e Cansanção. Em São João Evangelista, por se tratar de uma cidade pequena e localizada em uma região de baixo poder aquisitivo, não existem salas de cinema, *shoppings center*, teatros, etc. As poucas opções de lazer estão relacionadas principalmente com a prática de futebol e outras atividades ligadas a natureza, como passeios pela mata e banho de cachoeira. De uma forma geral percebemos nas localidades rurais a ausência de programas governamentais de incentivo à prática de esportes e lazer, bem como as áreas destinadas a estes fins, com exceção dos campos de futebol já citados, mas que não atendem satisfatoriamente a necessidade dos jovens.

Ainda com relação ao futebol, existe na sede do município 3 campos, sendo que 2 apresentam boas condições de jogo (dimensões adequadas, gramado em bom estado de conservação, iluminação). Um deles está localizado na Escola Agrotécnica Federal, e atende prioritariamente a comunidade escolar daquela instituição, sendo pouco utilizado pela população de São João Evangelista. O segundo pertence à Prefeitura Municipal e é utilizado para os jogos dos campeonatos de futebol amador (campeonato municipal, campeonato de veteranos, campeonato regional, jogos amistosos) e pela escolinha de futebol mantida pelo Departamento de Esportes, que atende crianças de 7 a 15 anos. O terceiro campo de futebol está localizado em um terreno público no alto de um morro, em uma localidade extremamente pobre conhecida como “morro do mamão”, não tem iluminação, suas dimensões não são oficiais e o piso não é gramado e sim de terra batida.

Nas escolas, as oportunidades de lazer são melhores, sendo que os espaços para a prática desportiva aparecem com mais ênfase, afinal, as 6 escolas localizadas na sede todas possuem quadras esportivas, obviamente que cada uma de acordo com a sua realidade. Além do espaço para a prática desportiva, as escolas oferecem diversas atividades de lazer, de acordo com o planejamento e as condições de cada uma delas. Existe em São João Evangelista um clube campestre com excelente espaço físico (quadras, campos de futebol, sauna, piscina, bar, playground infantil, áreas verdes, etc.) localizado a aproximadamente 4 km da cidade. No entanto, o acesso é bastante restrito devido ao alto custo da cota de sócio e da mensalidade, sendo freqüentado apenas pelas pessoas de maior poder aquisitivo. Existem ainda 2 academias de ginástica na cidade, uma delas inaugurada recentemente e com uma infra-estrutura muito boa, mas o acesso também é limitado àqueles que podem pagar pelo uso.

Um outro espaço de lazer existente são os bares e lanchonetes, porém praticamente nenhum deles oferece uma programação com atividades culturais ou artísticas, e os frequentadores o fazem principalmente para beber e jogar baralho e sinuca. A oferta de lazer para as jovens mulheres é bastante limitada, destaque para as festas populares e religiosas, quando os jovens aproveitam para interagir, conhecer novas pessoas, namorar, etc. As principais festas populares são o carnaval e a Semana da Cultura, ambas acontecem em praça pública com shows variados. Destacam-se ainda as festas juninas e as comemorações da semana santa, eventos que contam com uma grande participação popular. Nos fins de semana, o tempo livre normalmente é ocupado com atividades domésticas, assistir a TV, visitar os amigos, entre outros. Um fato que merece destaque é o encontro dos jovens aos domingos à noite depois da missa, quando muitos se reúnem na principal avenida da cidade em frente à igreja matriz. Sempre aparece alguém para ligar o som de um carro e ficam conversando e bebendo próximo a um bar localizado na avenida.

CAPITULO I

O LUGAR DA JUVENTUDE RURAL NA DINÂMICA DA AGRICULTURA FAMILIAR

1.1 Agricultura familiar e as relações de trabalho

Ao longo dos anos a agricultura brasileira sofreu um profundo processo de transformação. A agricultura familiar permaneceu como um setor importante da agricultura, mesmo enfrentando fortes restrições ao seu funcionamento, como o próprio acesso à terra, ou ainda, a fragilidade do acesso a recursos financeiros além do modelo de modernização conservadora a que foi submetida (WANDERLEY, 1995). Tradicionalmente, a idéia de agricultura familiar repousa sobre a identidade entre família e exploração. A unidade de produção é um grupo familiar em que os membros estão ligados por laços de parentesco biológico ou simbólico, um grupo que se constitui e se renova tendo como base às relações familiares.

Os agricultores familiares, no seu conjunto, não formam um grupo homogêneo. Há uma grande diversidade da exploração familiar, com ritmos e evoluções diferentes segundo o contexto em que estão inseridos. Como descreve Lamarche (1997 p. 83), “a agricultura familiar corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família”.

No entanto, Wanderley (1996), em seu artigo sobre as raízes históricas do campesinato brasileiro, afirma que a agricultura familiar não é uma categoria social recente e nem corresponde a uma área nova na Sociologia Rural. Entretanto, sua utilização e abrangência assumem aspectos de novidade e renovação. Assim, a autora apresenta características importantes na compreensão deste tema:

(...) a agricultura familiar, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante inserir que este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente (WANDERLEY 1996, p. 2).

Muitas das atividades hoje consideradas como novas dentro do meio rural, são na verdade atividades antigas utilizadas pela família rural, que antes não tinham um caráter econômico, e hoje se tornaram economicamente importantes. Atividades como a piscicultura, horticultura, floricultura, fruticultura de mesa, criação de pequenos animais, fabricação de conservas, pesque-pagues, entre outras, acabaram se transformando em importantes alternativas de emprego e renda no meio rural nos anos mais recentes (GRAZIANO DA SILVA, 1999).

Chayanov (1974) apresenta em sua obra a exploração familiar como unidade central da economia camponesa, uma importante contribuição a respeito das relações de trabalho e consumo. Nela, as decisões sobre produção e consumo estão inter-relacionadas com a exploração familiar, ou seja, existe um equilíbrio entre três pontos fundamentais: produção, trabalho e consumo, assim definidos pelo autor:

a) **Produção** – o agricultor produz principalmente para o auto-consumo, mas isto não quer dizer que não haja uma produção para o mercado. A função deste produto é permitir um intercâmbio de valores de uso para obter os produtos essenciais (LAMARCHE, 1994 e GARCIA JR. 1989).

Algumas vezes a agricultura familiar permite a oferta de produtos agropecuários a preços inferiores ao das grandes empresas, tendo em vista que para se manter na atividade não exige a obtenção de uma taxa média de lucro e sim a obtenção de uma renda que lhe permita a reprodução familiar.

De acordo com dados do escritório local do IBGE, a produção agrícola municipal de 2001 (tabela 1) no município de São João Evangelista – MG, estava centrada

basicamente sobre a produção de milho, feijão e cana-de-açúcar. O excedente da produção destes agricultores é normalmente comercializado nas mercearias, supermercados da cidade e também na feira livre que acontece aos sábados.

TABELA 1 – Produção agrícola do município de São João Evangelista em 2001

Produto	Área (ha)	Produção (t)
Alho	1	3
Amendoim	2	2
Arroz	12	30
Banana	50	600
Café	130	154
Cana-de-açúcar	140	700
Feijão (1ª safra)	630	429
Feijão (2ª safra)	400	100
Feijão (3ª safra)	58	99
Mandioca	5	75
Milho	2440	4880

Fonte: IBGE (2005)

b) **Trabalho** – tem como fim a satisfação de suas necessidades, a subsistência e a aquisição de terras para garantia das gerações futuras, definidas culturalmente (RIBEIRO, 1992). A intensidade do trabalho do agricultor dependerá de alguns aspectos:

1. do grau de auto-exploração da força de trabalho para alcance da demanda familiar (CHAYANOV, 1974);
2. da mobilidade do agricultor pelo território brasileiro – migração, buscando fugir da pressão direta da grande propriedade, no esforço de construir um “território familiar, um lugar de vida e trabalho, capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações posteriores” (WANDERLEY, 1996, p. 63);
3. do fato de o agricultor utilizar-se de trabalho alugado para terceiros e dele próprio empregar-se, como necessidade estrutural e não pelo resultado da decadência do campesinato brasileiro, como pensam alguns autores (SANTOS, 1999). Este tipo de estratégia é utilizada numa avaliação do ciclo agrícola, em que se faz a opção por utilizar “a força de trabalho doméstico na agricultura, ou poupá-la destas utilizando mão de obra alugada”. Esta opção dependerá do tamanho da família, do sexo e idade dos membros da mesma, como explica Garcia Jr. (1989).

c) **Consumo** – tem uma relação direta com a economia de subsistência, em que a produção do “roçado” vai diretamente para casa (auto-consumo) ou é vendida, caso a família necessite da aquisição de produtos que não podem ser cultivados na propriedade. Isto quer dizer que o consumo de gêneros alimentícios ou produtos essenciais dependerá “do equilíbrio que puder manter, de um lado, entre o volume da produção e os gastos em dinheiro; de outro, o consumo familiar e as vendas” (CÂNDIDO, 1975, p.140).

Ao tratar das relações de trabalho na agricultura familiar, Schneider (2003) enfatiza que em situações em que a família não dispõe de uma quantidade suficiente de terra para suas necessidades, ou quando “sobram braços” para trabalhar, ela tende a buscar em outras atividades não-agrícolas uma forma de ocupar a força de trabalho para garantir o equilíbrio entre trabalho e consumo. Essas estratégias não são derivadas de um cálculo aritmético ou de uma racionalidade guiada pelo lucro ou pela acumulação, mas tão somente orientadas pelas necessidades, que variam ao longo do ciclo demográfico familiar.

Apesar de a busca por atividades não-agrícolas variar segundo o ciclo demográfico, isso não quer dizer, segundo Chayanov (1974 *apud* SCHNEIDER 2003), que o tamanho da família seja o único critério que oriente a divisão familiar do trabalho entre atividades agrícolas e não-agrícolas. É preciso também levar em conta os elementos técnicos que influenciam a produção, porque a adoção de meios de produção mais eficazes poderia suprir a falta de mão-de-obra. A divisão do trabalho familiar também se orienta “pelas condições econômicas gerais que se dão localmente” (CHAYANOV, 1974 *apud* SCHNEIDER *ibid*: 116) .. Nas palavras do autor:

[...] a suposição de que a procura de capital e, sobretudo, de terra induz a família camponesa a orientar parte considerável de sua mão-de-obra para atividades não-agrícolas está perfeitamente correta na maioria dos casos. O êxodo para os ofícios não-agrícolas acontece, com efeito, de modo particular nas zonas de grande densidade demográfica (CHAYANOV, 1974 *apud* SCHNEIDER, p. 118).

Essa afirmação, contudo, segundo o próprio Chayanov (1974 *apud* Schneider, 2003), exige o estabelecimento de dois condicionantes. O primeiro reside no fato de que o desenvolvimento de atividades não-agrícolas está relacionado à irregularidade da distribuição do tempo de trabalho na agricultura, pois em determinadas estações, a inatividade pode ser quase total. O segundo indica que em muitas situações não é a falta

de meios de produção o que origina os ganhos com atividades não-agrícolas, mas uma situação de mercado mais favorável para comercialização.

Schneider (*ibid*) afirma ser possível e adequado o delineamento de alguns elementos que auxiliem a elaboração de uma definição mais abrangente acerca da agricultura familiar ou da forma familiar de organizar o trabalho e a produção na atividade agrícola. O primeiro elemento diz respeito à forma de uso do trabalho. As unidades familiares funcionam, predominantemente, com base na utilização da força de trabalho dos membros da família que, por sua vez, podem contratar, em caráter temporário, outros trabalhadores. O segundo elemento refere-se aos obstáculos oferecidos pela natureza, que impedem uma eventual correspondência, em essência, entre a atividade produtiva agrícola e a industrial. Um olhar atento sobre a produção agrícola é suficiente para convencer o observador de que se trata de uma atividade ainda muito dependente de fatores naturais como clima, solo, ou equilíbrio dos ecossistemas.

Contudo, o elemento central que patrocina a relativa estabilidade e exerce um papel regulador entre os diferentes aspectos aqui apresentados é a própria natureza familiar das unidades agrícolas, que está assentada nas relações de parentesco e de herança existentes entre seus membros. É no interior da família e do grupo doméstico que se localizam as principais razões que explicam, ao mesmo tempo, a persistência e a sobrevivência de certas unidades e a desagregação e o desaparecimento de outras. As decisões tomadas pela família e pelo grupo doméstico ante as condições materiais e o ambiente social e econômico são cruciais e definidoras das trajetórias e estratégias que viabilizam ou não sua sobrevivência social, econômica, cultural e moral.

Heredia (*apud* DIAS 2006) ao estudar agricultores familiares na Zona da Mata pernambucana, procurou entender as relações existentes entre produção e consumo para aquele grupo. Os distintos papéis destes espaços, que são ao mesmo tempo complementares e opostos, concretizam o verdadeiro antagonismo existente na sociedade patriarcal: o masculino-feminino. O espaço de produção – como áreas de cultivo, pastos, curral – é masculino, onde o pai de família coordena as atividades a serem desenvolvidas. O espaço de consumo – casa e quintal – é considerado feminino, pois é a mãe quem orienta as tarefas, geralmente com a cooperação das filhas moças e crianças. Cada membro do grupo ocupa um espaço de acordo com o sexo e idade: a mãe, as crianças e filhas pertencem à esfera doméstica, apesar de freqüentemente realizarem atividades no espaço de produção. Já os filhos homens, a partir de 12 anos,

trabalham nas lavouras com o pai, podendo eventualmente executar algum trabalho individual, a fim de garantir recursos para seu próprio uso.

A autora descreve também o modo de vida do camponês, com suas atividades que enfatizam a relação de oposição entre casa-roçado para determinar a relação que se tem de hierarquia, masculino/feminino, apresentando as diferenças entre sexo e idade. Quando a autora se refere ao roçadinho, remete-nos a leitura de Woortmann (1992) sobre o ritual de passagem onde o rapaz ganha “um presente”, demonstrando ter maturidade para cuidar do seu próprio pedaço de terra e para a moça a oportunidade de satisfazer suas necessidades de produtos que o pai não compra ou não lhe fornece mais, por exemplo, produtos de higiene e limpeza pessoal.

O espaço de consumo não tem razão de ser se não há o espaço de produção; por isso há subordinação das atividades domésticas e de seus arredores àquelas relacionadas com a produção. Além disso, os menores preços dos produtos oriundos do quintal (frutas, verduras, frangos e ovos) em relação aos produtos das lavouras (milho, feijão, farinha) reforçam o caráter secundário do trabalho feminino. Como é o homem quem deve suprir a casa (unidade de consumo) com os alimentos necessários para a família, ele fará isso através de seu trabalho direto nas áreas de cultivos ou ainda através da venda e compra de mercadorias. Assim, o espaço público, onde acontecem as relações comerciais, é também masculino.

Já Ribeiro (1992) esclarece que o “mistério” do camponês em prosperar, mesmo em época de crise no país, está no trabalho da família. É através deste que consegue gerar recursos para prosperar, fazendo negócios com os mais variados produtos e as “sobras”.

Importante ressaltar que o autor apresenta quatro formas que esses camponeses utilizam para aumentar o patrimônio: compra de bens materiais de grande preço e fácil negociação; compra e venda do gado que depende do limite que o terreno suporta; herança e, por fim, com a compra de terras de pessoas de fora da família. Os dois últimos têm preços diferenciados. Além dessas formas de aumentar o patrimônio, os agricultores possuem estratégias que também possibilitam o crescimento dos mesmos, através da migração - rito de passagem – (WOORTMANN, *ibid*) , a parceria e a produção integrada - café.

Inicialmente, os agricultores brasileiros possuíam um sistema de produção mais autônomo, adquirindo no comércio somente o sal e o querosene. Com as relações de proximidade com o meio urbano, esta forma de “isolamento” foi dando lugar às relações

de troca, mediada pelo dinheiro a que se dá o nome de comercialização (CÂNDIDO, *ibid*: p. 38-40). Na evolução deste processo, a vida do agricultor foi marcada pela presença no mercado, trocando, vendendo e poupando, criando redes comerciais presentes, desde as formas mais rústicas de venda até a comercialização de produtos com embalagens, dentro dos padrões exigidos pela sociedade capitalista.

Sob a perspectiva capitalista, a agricultura camponesa nasceu no Brasil sob o estigma da precariedade econômica e social dos sistemas de produção rudimentares, da pobreza, da grande mobilidade espacial e da subordinação aos latifúndios. Como comprovaram alguns autores, estes aspectos, antes de serem um estigma, são peculiaridades, especificidades de um sistema próprio de produção, de interação com a natureza⁵ no que se refere à exploração do uso do solo, das relações sociais e dos processos de apropriação fundiária desde os primórdios, caracterizando uma centralidade na constituição do patrimônio familiar, formando esta “categoria” à parte da sociedade capitalista⁶.

Hoje, nota-se a evidência da agricultura familiar nos campos político, econômico, cultural e social, manifestando a dinâmica dos novos processos sociais que perpassam o meio rural/agrícola. A inserção da agricultura familiar nas formas sociais capitalistas provocou, além de suas redefinições e suas rupturas, a associação entre família, terra e trabalho, expressando assim as diferenças nos processos sociais, bem como a diversidade socioeconômica e cultural, o que obriga a repensar as noções de atraso, de determinismo e da funcionalidade em que acreditam alguns autores.

1.2 As transformações na agricultura familiar: o novo rural brasileiro

Nas últimas décadas, o cenário do mundo rural no Brasil tem sofrido modificações diversas. O chamado “novo rural” se apresenta através de novas imagens, novos sentidos para o espaço rural que mantêm a visão produtivista, até agora dominante, mas que se traduzem em novos qualificativos para outras relações entre o espaço urbano e o rural e entre a cidade e o campo. Estas novas relações remetem para

5 Estes autores descrevem a relação homem/natureza, utilizando estudo de caso com agricultores e índios, enfatizando-os como parte do universo sem separações. Cómez-Pompa e Kaus (2000) e Boserup (1987).

6 Chayanov: (1974), Cândido: (1975), Heredia: (1979), Graziano: (1997), Martins: (1981), Ribeiro: (1992), Wanderley: (1996), FASE: (1989).

uma outra conceituação de urbano e rural, mas também de agrícola. Rural torna-se, cada vez mais, diferente de agrícola. Ao mesmo tempo, distingue-se cidade e urbano explicitando a crescente complexidade que marca tais relações. Rural e urbano fundem-se, mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades.

Sobre este assunto, Graziano da Silva (2001) faz uma análise da nova conformação do rural brasileiro. Segundo o autor esse novo rural se compõe basicamente de três grandes grupos de atividades: Uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e intimamente ligada às agroindústrias; um conjunto de atividades não agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços e um conjunto de novas atividades agropecuárias, impulsionadas por nichos especiais de mercados. O deslocamento de populações do campo para as cidades, que atingiu o seu ápice nas décadas de 70 e 80, vem apresentado mudanças desde 1996. As estatísticas mais recentes⁷ do Brasil rural revelam que a população residente no campo voltou a crescer; ou parou de cair. Podemos observar no município de São João Evangelista um número considerável de jovens que permanecem residindo no campo, alguns trabalhando na agricultura, na pecuária e outros em atividades não-agrícolas como pedreiro, carpinteiro, empregadas domésticas, motoristas, etc.

Para Graziano (1999), a criação de empregos não-agrícolas nas zonas rurais torna-se a única estratégia possível capaz de, simultaneamente, reter essa população rural pobre nos seus atuais locais de moradia e ao mesmo tempo, elevar o seu nível de renda. O Projeto Rurbano⁸ faz uma caracterização do “novo rural brasileiro” através dos dados de 1981 e 1990 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), quando a mesma revelou que as rendas médias de atividades não-agrícolas das famílias rurais brasileiras foram substancialmente maiores do que as rendas médias das famílias com atividades agrícolas. Esses dados mostram que a possibilidade da pluriatividade com empregos não-agrícolas foi essencial para estabilizar as rendas das pessoas no meio rural brasileiro.

Um intenso debate tem ocupado o meio acadêmico em diferentes áreas disciplinares, no esforço de construir parâmetros mais adequados à definição do rural na sociedade contemporânea. De acordo com Carneiro (2005), apesar de o consenso não ter ainda se estabelecido, é possível falar de uma tendência à concordância quanto à

⁷ Dados das PNADs, citados por GRAZIANO (2001)

necessidade de ampliar a definição do rural para além do setor agrícola. Uma variante dessa abordagem encontraria na denominação de novo rural a possibilidade de enquadrar as dinâmicas contemporâneas. Esse novo rural consistiria justamente na incorporação de outras ocupações que não as especificamente agrícolas aos espaços tidos como rurais. Em outros termos, a novidade do rural contemporâneo estaria na combinação, nos mesmos espaços, de atividades tidas até então como típicas do meio urbano, tais como as do setor de serviço, com as ocupações características do meio rural, ou seja, as agrícolas.

No caso dos jovens residentes no município de São João Evangelista-MG, esta tendência se confirma, uma vez que entre os jovens pesquisados que se encontravam trabalhando na ocasião, 67,8% trabalhavam na agricultura familiar, sendo que deste total 36,9% recebiam dinheiro por seu trabalho, 10,7% não eram remunerados, pois trabalhavam com seus pais nas atividades desenvolvidas pela família na agricultura e outros 20,2% afirmaram trabalhar por conta própria na agricultura (figura 2). No entanto, entre todos os jovens entrevistados que estavam trabalhando quando da realização da pesquisa, 32,2% não trabalhavam na agricultura e sim em atividades diversas, tais como pedreiro, carpinteiro e pequenos comércios, entre outros. Este percentual é bastante significativo e confirma a tendência do surgimento de diversas atividades não agrícolas no meio rural.

⁸ Projeto temático denominado “Caracterização do Novo Rural Brasileiro, 1981/99” que pretende analisar as principais transformações ocorridas no meio rural em onze unidades da Federação (PI, RN, AL, BA, MG, RJ, SP, PA, SC, RS e DF). <http://www.eco.unicamp.br/projetos/rurbano/html>

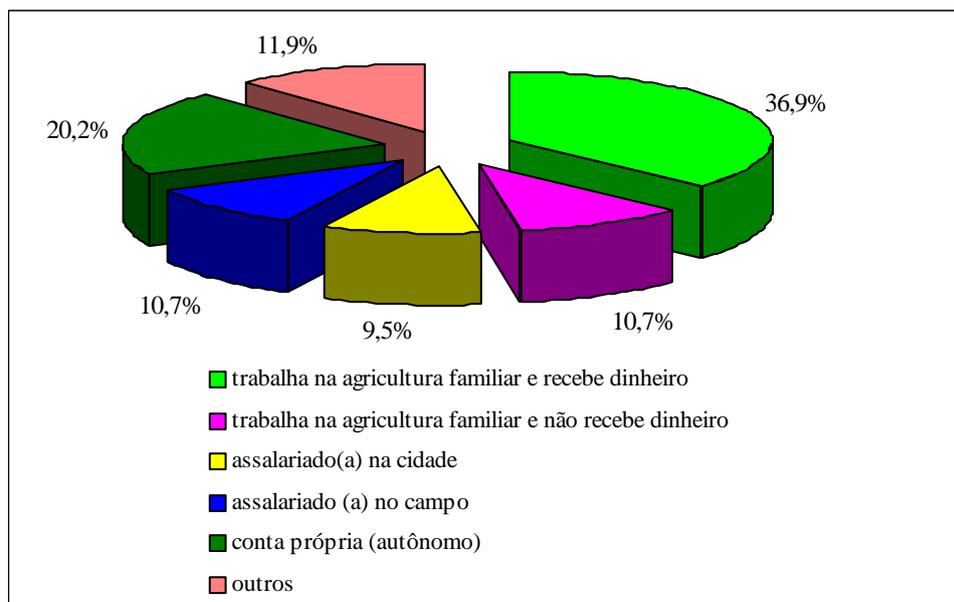


FIGURA 2 – Ocupação profissional dos jovens rurais de São João Evangelista-MG

Wanderley (1999) considera que o trabalho extra-agrícola na maioria dos casos torna-se uma necessidade estrutural, ou seja, a renda obtida nesse tipo de ocupação vem a ser indispensável para a reprodução tanto da família como do próprio estabelecimento familiar. Portanto o trabalho fora da propriedade possui duas funções sociais, uma que é a de manter a população rural no campo e a outra viabilizar as pequenas unidades de produção que não conseguem responder às demandas do mercado tendo como exclusividade a atividade agropecuária (CARNEIRO, 1999). Assim, a combinação de atividades não-agrícolas com atividades agrícolas dentro de uma família rural surge como alternativa para cessar problemas como a alta taxa de migração rural-urbana e a desvalorização da agricultura familiar, problemas esses que estão associados às dificuldades da agricultura em garantir o necessário para a reprodução da unidade de produção (CARNEIRO, 1998).

Para Schneider (1999), o desenvolvimento rural sustentável deve contemplar um processo de mudanças socioeconômicas e ambientais que busque o aumento da renda e a melhoria da qualidade de vida no meio rural. “O foco é nos indivíduos e pequenos grupos de indivíduos, em um processo no qual a agricultura familiar não fique restrita necessariamente ao trabalho rural”, (SCHNEIDER, *ibid*: p. 25). As noções de pluriatividade da agricultura têm sido freqüentemente usadas no debate sobre as

transformações recentes no meio rural brasileiro, onde o recurso a atividades não agrícolas está estruturalmente integrado às estratégias de reprodução social de grandes partes das famílias camponesas. Para Schneider, a pluriatividade pode contribuir para articular políticas agrícolas e de desenvolvimento territorial.

Essa realidade da pluriatividade no campo, principalmente em relação à incorporação de atividades não-agrícolas fora do âmbito familiar, tem atingindo preferencialmente os jovens, já que esses enfrentam as incertezas quanto ao futuro. São os jovens e as mulheres que geralmente se deslocam para outras atividades fora da agricultura com o intuito de obter renda, o que, no caso dos jovens, pode levar ao seu desinteresse pelas atividades agropecuárias.

1.3 O que entendemos por juventude rural?

Quando falamos em juventude rural, observamos ser bastante limitada a bibliografia disponível, conforme descreve Carneiro (2005, p. 243): “isto não acontece no que se refere à população jovem dos grandes centros urbanos, que tem atraído um número maior de estudiosos”. No entanto, percebemos nos últimos anos um maior interesse dos pesquisadores com relação ao tema e o maior número de trabalhos desenvolvidos e publicados tem retratado esta afirmação⁹. Podemos citar estudos de grande relevância envolvendo esta categoria, como, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos por Carneiro (1998), Benevenuto (2003) e Pereira (2004), entre outros.

Para aprofundar nossas reflexões sobre o assunto, faz-se necessário apresentar um conceito sobre juventude rural. A juventude de modo geral é considerada uma categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea¹⁰ e, como já afirmado anteriormente, se mantém ainda na condição de invisibilidade social. Nas definições de juventude, cinco abordagens são utilizadas: faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. Alguns autores utilizam uma definição com base em apenas uma dessas abordagens, mas, neste trabalho, optamos por fazer uma associação entre a faixa etária e a representação social.

⁹ Ver Weisheimer (2005)

¹⁰ Carneiro (2005) – Juventude rural: projetos e valores.

Ao definirmos juventude por faixa etária, é necessário apoiar-se em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais para definir os limites de quem é ou não considerado jovem. A Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ, 1994) e a Organização Internacional da Juventude usam a faixa etária entre 15 e 24 anos (UNESCO, 1997). No Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se adolescente a pessoa na faixa de 12 a 18 anos (Lei nº 8.069 de 13/07/1990). No entanto, o IBGE classifica como juventude aqueles que se encontram na faixa entre 15 e 24 anos em três recortes etários: 15-17 anos como jovens-adolescentes; 18-20 anos como jovens-jovens e 21-24 anos como jovens-adultos. A definição de limites etários é bastante utilizada, mas não dá conta das diferenças entre idade biológica e idade social, principalmente se tratando de juventude em um país com as dimensões gigantescas em termos territoriais e principalmente pelas diferenças culturais nas mais diversas regiões brasileiras. Sendo assim, é necessária a utilização de uma outra abordagem para uma melhor estruturação na definição de juventude.

Ao falar de juventude, Weisheimer (2005, p. 24) afirma que “mais do que uma faixa etária, fala-se em condição juvenil, que aparece como uma posição na hierarquia social fundada em representações sociais, ou seja, busca-se apreender os significados atribuídos que definem quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural”. Um exemplo claro desta afirmação é percebido quando fazemos uma leitura da condição de vida de jovens que vivem em regiões de grandes contrastes sociais. Vamos analisar, por exemplo, uma situação onde dois jovens de mesma idade cronológica, porém um sendo morador de região pobre como o Vale do Jequitinhonha-MG ou o sertão nordestino, que teve poucas oportunidades de acesso à educação, ao lazer e ao trabalho, enquanto outro jovem residente em região mais desenvolvida econômica e socialmente como, por exemplo, as regiões Sul e Sudeste do país. Será que existem diferenças na idade social destes jovens? As diferentes experiências vividas por eles ao longo de sua vida fazem com que estes apresentem comportamentos semelhantes, ou será que estes fatores não influenciam no jeito de ser, de pensar e de agir destes jovens? As interpretações sobre a condição juvenil demonstram que esta é uma construção social, cultural e histórica altamente dinâmica e diversificada, o que implica considerá-la uma realidade múltipla, visto que os jovens não formam um grupo homogêneo. De acordo com Weisheimer (2005, p. 24):

“As representações sociais remetem à idéia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social de dependência plena na infância a outra, de plena independência na idade adulta. Essa independência que caracteriza a entrada na vida adulta aparece vinculada à assunção de responsabilidades produtivas, residenciais, matrimoniais, paternais ou maternais. Esta abordagem retém a idéia de que os jovens estariam sujeitos à incorporação de uma série de papéis sociais ou funções socialmente atribuídas pelos processos de socialização”.

Outro aspecto importante na discussão envolvendo juventude rural diz respeito à definição de espaços urbano versus rural. A principal característica dos jovens aqui analisados é exatamente o fato deles residirem no meio rural, sendo assim, seria necessário um melhor entendimento do que é o espaço rural. Desde 1938, no Brasil se usa a mesma definição oficial do que é urbano. Rural é tudo o que não é urbano. As prefeituras, em busca de mais tributos, têm todo o interesse em criar “espaços urbanos”¹¹. Segundo os critérios do IBGE utilizados para a seleção dos municípios rurais que compuseram a base da amostra da pesquisa “perfil da juventude brasileira”¹², o rural é definido pelas Câmaras Municipais como área externa ao perímetro urbano, sendo este definido por lei municipal. Desta forma, o rural é delimitado pela negação do urbano – universo amplo e diversificado que abrange áreas correspondentes às cidades, vilas ou áreas urbanas isoladas¹³. No entanto, é importante admitir que a heterogeneidade existente em diversos municípios ou áreas classificadas como urbanos ou tidos como rurais, faz com que esta definição seja imprecisa.

Tem-se verificado, nas últimas décadas, a urbanização do espaço rural provocada pela invasão de algumas indústrias, pousadas, pessoas da cidade que optaram por morar em sítios, chácaras, enfim, a agricultura que, originalmente, possuía seu mercado próprio de trabalho e equilíbrio interno, integrou-se no contexto da vida urbana e o mesmo ocorreu com o agricultor. Com isto, tornou-se difícil determinar a fronteira entre a atividade rural e a urbana, pois o espaço rural deixou de ser exclusivamente um mundo agrícola (GRAZIANO DA SILVA, 1997). Para Pereira (2004a), as imagens de campo e cidade que aparecem nos discursos dos jovens como realidades objetivas são representações ancoradas nas suas práticas sociais, mas também são parte dos discursos hegemônicos de poder e que, portanto, fazem parte das estruturas mentais e afetivas.

11 Essa legislação encontra-se em discussão no Congresso Nacional com a intenção de repassar às prefeituras a cobrança do ITR, o que trará algumas modificações no quadro geral.

12 <http://www.projetojuventude.org.br> acessado em 06/03/2006

13 IBGE, Estatísticas do século XX – conceitos e definições, <http://www.ibge.gov.br> acessado em 27/05/2004.

Castro (2004, p. 2) afirma que “as fronteiras rurais e urbanas são constantemente diluídas no cotidiano. Morando em áreas rurais e transitando por áreas urbanas os jovens vivenciam diferentes redes sociais e práticas culturais, compondo um verdadeiro *bricolage* de linguagens e comportamentos”. A diluição das fronteiras entre urbano e rural é uma característica de muitos municípios brasileiros. Não obstante, os municípios brasileiros são caracterizados pela heterogeneidade. No caso de São João Evangelista, esta relação de proximidade ainda não é tão explícita, uma vez que o município se caracteriza predominantemente pelo rural, sendo fácil diferenciar o urbano do rural. Esta diferenciação não se limita aos espaços físicos, mas se dá também através do comportamento e atitudes dos jovens urbanos e rurais, como por exemplo no jeito de falar, de vestir, no gosto musical, entre outros.

Na dificuldade de delimitar claramente fronteiras entre cidade e campo, surge um novo paradigma a respeito da ruralidade em que se questionam as relações sociais e de trabalho no campo, permitindo a construção de novas identidades entre estas relações e provocando a reorientação do sistema produtivo das mudanças nas formas de organização da atividade agrícola. Percebe-se, na literatura, que estas mudanças se iniciaram na década de 1970 com os movimentos de valorização, conservação e preservação da natureza, fazendo com que as pessoas “da cidade” buscassem a proximidade com o campo como forma de lazer, pela aquisição de “sítios de recreio” ou até mesmo como opção de residência, possibilitando novas oportunidades de trabalho para as famílias dos produtores.

Ao contrário do que pensavam alguns autores funcionalistas adeptos da Revolução Verde, estas mudanças de hábitos, costumes e valores não acarretaram um processo de aculturação, mas proporcionaram uma valorização do local em relação à região ou ao mundo (CARNEIRO, 1997 e FEATHERSTONE, 1996). Os agricultores assumiram novas formas da atividade agrícola, ou seja, buscaram alternativas para evitar o êxodo rural e criar estratégias de sobrevivência aos padrões dominantes de desenvolvimento agrícola. Para tanto, o espaço rural passou por mudanças de caráter multidimensionais, incluindo em suas atividades de consumo o lazer, o turismo, o artesanato e a preservação da natureza, dentre outros (CARNEIRO, 1997).

Por fim, no que concerne à juventude rural, e com base na literatura utilizada neste estudo, entendemô-la como um período de transição entre a infância e a idade adulta, cuja idade varia (geralmente) entre 15 e 24 anos, sendo membros de uma família de agricultores e pertencentes a uma comunidade rural (WANDERLEY, 2003). Ou

ainda, em concordância com Durston (1998, p. 7), como “la etapa de vida que empieza com la pubertad y termina com la assunción plena de las responsabilidades y la autoridad del adulto, es decir, las que corresponden a los jefes masculino y femenino de um logar economicamente independente”. Melucci (1997), situando a juventude em termos gerais, também a vê como etapa de vida. Para esse autor, a juventude se inicia quando, na adolescência, a infância é deixada para trás e são dados os passos iniciais para a vida adulta. Entretanto, é importante que reconheçamos as dificuldades e limitações da definição da categoria juventude como etapa de vida, pois como já foi dito anteriormente, não se trata de uma categoria homogênea, pelo contrário, ela é heterogênea, uma vez que está submetida a uma série de fatores, como por exemplo a cultura, a classe social, os grupos, as etnias e os gêneros.

1.4 Juventude rural: campo versus cidade.

Uma das transformações mais significativas no Brasil diz respeito à migração da população do campo para as cidades. Em 1950, a população residente em zonas rurais correspondia a 63,8% da população total brasileira. Já no ano 2000, essa proporção havia caído para 18,8% do total da população do país¹⁴. Apesar da diminuição do êxodo rural, ela ainda é uma realidade enfrentada por muitos jovens no campo.

Se por muitos anos, a maior parte da população viveu no campo, hoje vemos que a população rural diminuiu aos menores índices da história brasileira, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo dados do censo de 2000, existem no Brasil 6.134.639 jovens com idade entre 15 e 24 anos residindo no meio rural, este número representa 18% de todos os jovens brasileiros nesta faixa etária.

Ao final da década passada e início da atual, emerge especial preocupação não somente com o crescente fluxo migratório rural-urbano no Brasil e o esvaziamento populacional rural, mas com a composição etária reduzida e o desequilíbrio entre homens e mulheres dessa migração. Os migrantes rurais brasileiros são cada vez mais jovens e em seu interior o peso das moças é superior ao dos rapazes. Na década de 1960, predominavam as migrações na faixa etária de 40 a 49 anos. A cada década, a concentração etária das migrações foi caindo, para atingir, nos anos 1990, sobretudo o

grupo entre 15 e 19 anos (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998). Ao mesmo tempo, as moças migram mais que os rapazes – fenômeno que atinge nos anos 1990, pela primeira vez, também o Nordeste. Em 1950, há mais moças que rapazes no meio rural brasileiro. Em 1960, a proporção entre os sexos é praticamente a mesma para ir aumentando a cada década o predomínio populacional dos rapazes. Em 1991, o número de rapazes na faixa de 15 a 19 anos é superior em 13% ao número de moças e na faixa de 20 a 24 anos, 12% superior.

Mais recentemente, este processo de “masculinização do meio rural” vem atingindo não apenas o meio rural, mas também os pequenos municípios do interior. Estes dados adquirem maior significado quando se sabe que 19% da mão-de-obra feminina urbana está ocupada em trabalho doméstico e que o emprego doméstico é um dos “subsetores econômicos de pior remuneração da classe trabalhadora” (MELO, 1998). Camarano e Abramovay (1998) demonstram o rejuvenescimento desse fluxo utilizando-se de dados demográficos do IBGE, não contemplados neste estudo, mas que confirma essa tendência e a predominância assinalada. A abordagem por sexo reduz ainda mais essa faixa etária, no caso da população feminina, onde é o grupo entre 15 e 19 anos que lidera o fluxo.

De acordo com dados do escritório local do IBGE, existe no município de São João Evangelista um total de 2.966 jovens com idade entre 15 e 24 anos, sendo que deste total 1.421 pessoas são do sexo masculino e 1.545 são do sexo feminino. A população alvo deste estudo, que são os jovens residentes no meio rural do município de São João Evangelista-MG, é constituída de 1.653 pessoas. Com relação aos jovens rurais do município descrito, os dados não apresentam uma classificação com relação ao sexo. Lamentavelmente os dados disponibilizados pelo escritório local do IBGE e apresentados acima são do censo de 1980, o que leva a supor que talvez estejam desatualizados.

Os dados obtidos junto aos jovens entrevistados neste estudo revelam que 56,2% deles passaram a maior parte da infância na mesma localidade em que moram hoje, 21,3% disseram que passaram este tempo no campo, 13,5% responderam que a maior parte da infância foi passada em outra localidade do mesmo estado em que moram e somente 9% viveram a maior parte do tempo da infância em outra localidade de outro estado (figura 3). Estes dados demonstram que a grande maioria dos jovens que

¹⁴ WEISHEIMER (2005) Juventudes rurais: mapa de estudos recentes.

participaram desta pesquisa (77,5%) sempre viveram a maior parte de suas vidas no município de São João Evangelista, seja na sede ou o meio rural.

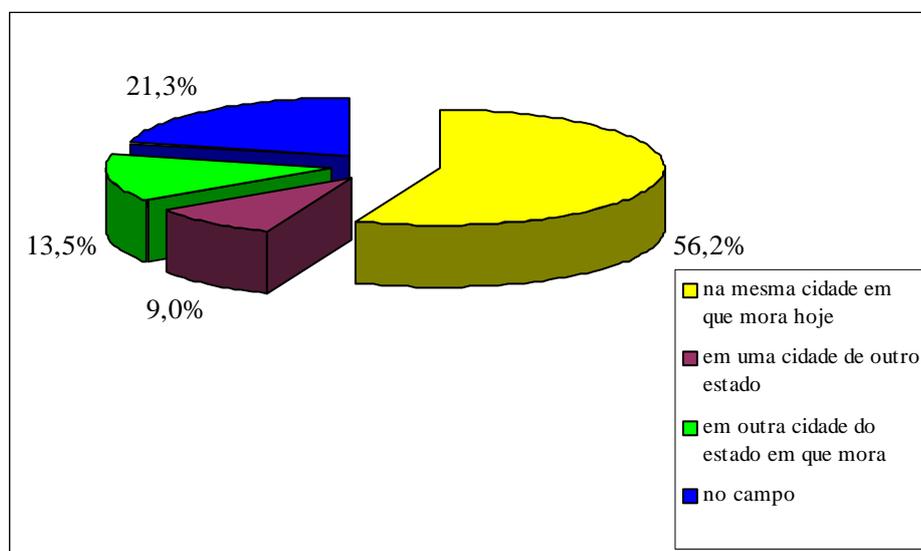


FIGURA 3 – Locais em que os jovens viveram a maior parte da infância

Diante desta constatação podemos afirmar que, para a maioria dos jovens, sair do campo e viver na cidade não é algo tão simples, obviamente que esta dinâmica envolve diversos fatores. São João Evangelista é uma pequena cidade do interior, com poucas opções de trabalho e estudo, além do mais a principal fonte de renda do município está exatamente na agricultura e na pecuária, ou seja, viver na cidade implica às vezes trabalhar no campo, pois é lá que a oferta de trabalho é maior.

Carneiro (1998), num estudo realizado em duas comunidades rurais, uma na região serrana do estado do Rio de Janeiro e outra na região colonial do Rio Grande do Sul, com jovens entre 15 e 26 anos, verificou que, além do almejo por melhores condições financeiras, os jovens alimentam o desejo da migração diante da carência de alternativas de lazer, educação e bens de consumo, e as aspirações quanto ao trabalho e o estilo de vida típicos da juventude de classe média urbana. No mesmo estudo, a autora pôde confirmar o maior quantitativo feminino entre os interessados pelo êxodo, conforme observado por Camarano e Abramovay (1998).

Por que razão as moças migram mais e por que esta tendência se manifesta de maneira desigual em diferentes regiões e períodos históricos? Somente pesquisas

regionalizadas podem responder de maneira precisa a esta pergunta. Segundo Camarano & Abramovay (1999), três hipóteses básicas devem ser levantadas neste sentido:

- a) As migrações estão relacionadas diretamente à oferta de trabalho no meio urbano e o predomínio de moças vincula-se à expansão do setor de serviços, tanto em empresas como em residência. Em 1995, aproximadamente 19% da População Economicamente Ativa (PEA) urbana brasileira estavam ocupadas em atividades domésticas¹⁵;
- b) Em algumas situações, o caráter seletivo das migrações está ligado a dinâmicas intrafamiliares em que as moças têm uma carga de trabalho pesada no interior das unidades de produção familiar, sem qualquer contrapartida que lhes indique horizontes em que sua permanência no campo possa ser valorizada. Deixar a residência paterna é o caminho mais curto para a independência econômica, apesar dos inconvenientes ligados ao trabalho de doméstica. A própria família estimula esta migração, uma vez que são bem reduzidas as chances de as moças poderem se estabelecer como agricultoras ou esposas de agricultores. (ABRAMOVAY *et al.*, 1997);
- c) Outro caminho a ser explorado quanto à explicação do êxodo rural feminino e jovem e que não é incompatível com o que acaba de ser mencionado está na *ligação entre processos migratórios e formação educacional*. A tradição latino-americana neste sentido é que fica no campo o filho ao qual “*la cabeza no le dá para más*” — assim, valoriza-se mais o estudo das moças (com a perspectiva de que saiam do campo) que o dos rapazes. Dados da Cepal (DURSTON 1997) mostram que no Brasil rural 55% dos rapazes têm menos de quatro anos de estudo. A precariedade da situação educacional das moças também é grave, mas menos que a dos rapazes: 42% das jovens rurais têm menos de quatro anos de estudo. Para que se tenha uma idéia da posição do Brasil na América Latina quanto a este aspecto, no Chile apenas 5% dos rapazes (e 4% das moças) estão

¹⁵ Segundo Melo (1998) a categoria trabalhadores domésticos é essencialmente feminina: mais de 90% dos seus trabalhadores foram e são mulheres. Em 1985 havia cerca de 3,5 milhões (93,57%) de mulheres para apenas cerca de 250 mil (6,43%) homens, e em 1995 são 4,8 milhões (93,16%) de mulheres para 350 mil (6,84%) homens empregados nesse tipo de atividade.

nesta situação e mesmo no México as cifras são bem menos graves que no Brasil: 27% dos rapazes e 21% das moças.

Segundo Carneiro (1999), os jovens oscilam entre o projeto de construírem vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de “melhorarem o padrão de vida”, de “serem algo na vida”, e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas “sociedades tradicionais”. Dentro dessa ambigüidade está em curso a construção de uma nova identidade. Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, vêem sua auto-imagem refletidas no espelho da cultura “urbana”, “moderna”, que lhes surgem como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem.

Os trabalhos de Carneiro (1999) e Pereira (2004) mostram como o interesse dos jovens rurais está em permanecer no campo, mas não mais de forma tradicional. Os jovens rurais de hoje querem ter acesso às coisas da cultura urbano-industrial, mas sem sair do seu lugar de residência. Eles vivem a ambigüidade de quererem ser ao mesmo tempo iguais e diferentes aos da cidade. O que prende os jovens no campo, segundo Pereira, são os valores da família rural, como a solidariedade, as relações de amizade e parentesco, as relações de dom e contra-dom.

1.5 Juventude e gênero na agricultura familiar

Para se utilizar uma categoria analítica, como “gênero”, é preciso inicialmente defini-la. De acordo com Faria (1998: p. 38), “estende-se por gêneros as diferenças estruturais, relacionais e simbólicas entre mulheres e homens”, construídas culturalmente em determinados períodos históricos por diferentes sociedades. A categoria gênero por si só abrange um tema vasto e complexo; articulá-la ao trabalho é um exercício ainda mais complexo. Sendo assim, apresentamos aqui breves análises dos

elementos que mais nos chamam a atenção acerca dessa relação, especialmente na agricultura familiar.

A divisão sexual do trabalho condiciona formas diferenciadas de inserção social para homens e mulheres, existindo uma identificação cultural entre atividades e papéis para cada um dos sexos. Às mulheres correspondem atividades de reprodução social da família; aos homens corresponde a função de provedor das necessidades materiais do grupo (DIAS, 2006, mimeo). Numa sociedade onde prevalecem a ordem mercantil e a cultura patriarcal definidora dos papéis de gênero, a identidade feminina supõe uma posição subordinada e dependente em relação ao homem, obedecendo à hierarquia de poder estabelecida. Além disso, os espaços a serem ocupados por cada um também são definidos a partir disso, correspondendo ao homem o local público e de produção; à mulher a esfera privada ou doméstica (HEREDIA, 1979; PAULILO, 1987; RUA & ABRAMOVAY, 2000; WOORTMANN, 1992). Essas características socialmente construídas de papéis masculinos e femininos são transmitidas aos filhos no processo de socialização primário. As crianças, ao nascer, são levadas a pertencerem a uma esfera ou outra da realidade de homens e mulheres.

No meio rural brasileiro, as relações sociais, historicamente complexas, ainda aguardam por transformações fundamentais para a garantia da democracia, da cidadania e da sustentabilidade ambiental. Uma delas é a construção da igualdade entre homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras. A participação do trabalho feminino na agricultura familiar sempre foi subestimada. Pelo fato de as mulheres serem, na naturalização das atribuições de gênero, as responsáveis pela reprodução social do grupo, as atividades produtivas desenvolvidas por elas são consideradas como parte das tarefas atribuídas ao papel de mãe e esposa, consideradas “ajuda” e “complementares” àquelas desenvolvidas pelos homens. (DIAS, 2006).

A dimensão da invisibilidade do trabalho feminino no campo pode ser visualizada, inicialmente, pela proporção de mulheres ocupadas sem remuneração, que é significativamente mais elevada na agropecuária, em comparação com os demais setores da economia (MELO e DI SABBATO, 2000). O trabalho feminino na agropecuária é majoritariamente não remunerado; para as poucas que auferem rendas monetárias, estas ainda são bem inferiores às percebidas pelos homens. Segundo dados das PNADS, em 2004, 79% das mulheres trabalhadoras rurais não auferiam rendas monetárias, enquanto que essa proporção era de 26% para os homens; é elevada essa

participação masculina, mas bastante inferior à taxa de participação das mulheres, que permanece no patamar de quatro quintos¹⁶.

O trabalho da mulher é visto como uma extensão do seu papel de mãe/esposa/dona-de-casa que se superpõe à atividade agropecuária – principalmente na horta e no quintal. Estas atividades são majoritariamente exercidas pelas mulheres e marcam a diferenciação no mundo rural dos sexos feminino e masculino. Camarano e Abramovay (1999) chamam a atenção para as diferentes realidades enfrentadas por moças e rapazes no meio rural. Em seu estudo “Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos”, os autores mostram como o campo tem se tornado pouco atraente para moças que, ao investir em educação, encontram nela suas possibilidades de migrarem para os centros urbanos onde as oportunidades são maiores. Um elemento identificado como de permanência desta diferenciação são as tradições acerca da herança e dos padrões sucessórios da terra, em que há prioridade para os filhos homens. O cerne desta questão é a herança da terra, enraizada na tradição patriarcal, sendo que o “alijamento das mulheres significa que seu trabalho não é reconhecido como tal” (PAULILO, 2000, p. 04).

A herança é uma forma de compensação àquele que sempre trabalhou na terra do pai, é o reconhecimento deste trabalho. Ao considerarem as atividades realizadas pelas mulheres na produção agrícola, não como trabalho, mas sim como “ajuda”, excluem-nas da partilha. A elas cabe um “dote” que irá contribuir para a nova família no momento do casamento. Entretanto, se uma filha não se casa, não recebe esse “dote”; tampouco é estimulada a permanecer na terra, uma vez que seu reconhecimento social só ocorre por meio do casamento e não por meio do seu trabalho (WOORTMANN, 1990; HEREDIA, 1979; WOORTMANN, 1993).

Dias (2006), relaciona à idéia do não trabalho das mulheres, ou de que seu trabalho é leve, que apenas representa uma ajuda; em oposição ao trabalho pesado dos homens; por isso toca às mulheres a não herança e a não (ou menor) remuneração. Paulilo (1987) analisa vários processos de trabalhos agrícolas e as atribuições que os caracterizam como pesado ou leve. Constata que essas atribuições variam de região para região, ou seja, o que é denominado trabalho leve em um determinado lugar é considerado pesado em outro. Portanto, o que está em evidência não é a força física necessária para executá-lo e sim quem o realiza: trabalhos realizados por mulheres e

¹⁶ Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul. – Ministério do desenvolvimento agrário MDA/NEAD, Brasília 2006.

crianças são considerados *leves*; trabalhos realizados por homens são considerados *pesados*. A essa classificação estão associadas diferentes remunerações, sendo maiores para o trabalho *pesado*, realizado pelos homens, e menores para o trabalho *leve*, feito pelas mulheres.

A realidade das relações de gênero aponta suas contradições, e essas contradições são identificadas nas falas das jovens entrevistadas. Compreendemos que são elas que permitem o aprendizado e alavancam as mudanças. Portanto, refletir acerca delas de modo algum possui conotação pejorativa e sim o seu contrário. Os conflitos e contradições são elementos constituintes da *cultura do trabalho* das *meninas-jovens-mulheres* e nos informam a realidade social na qual se inserem.

Um primeiro ponto a ser abordado é a divisão sexual do trabalho, que não é entendida pelas jovens como igualitária. As moças entrevistadas comentam que nas distribuições das tarefas dentro da família rural, elas têm que cumprir as tarefas domésticas, chova ou faça sol, já os rapazes quando chove não vão para a roça. Elas se expressam:

“Eles trabalham um pouco menos, por causa que a gente vai na roça, chega em casa, ajuda as mães, né. Eles não, chegam e vão descansar. Depois almoçam e também vão descansar e a gente tem que terminar todo o serviço pra depois ir pra roça, né.” (M. O S., moça, 17 anos).

Apesar de compreendermos que a opressão masculina tem uma forma histórico-social que é pré-capitalista (ANTUNES, 2002), vemos com Perrot (2001, p. 178) que o “século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminado, até em seus detalhes”. Não é a divisão em si um problema por essência pura e simplesmente. A questão é que esta divisão é fundada em bases naturais e biológicas que geram as exclusões das mulheres dos espaços públicos e a opressão nos espaços privados, pois, segundo Perrot (*ibid*: p. 180), na “família, o poder principal continua a ser o do pai, de direito e de fato”. Como podemos ver no comentário citado acima, as moças apontam para as desigualdades entre elas e os rapazes, colocando sua condição de mulher como um motivo para sobrecarga de tarefas que são obrigadas a realizar, ao contrário do que demonstra a condição de homem dos rapazes.

Se focalizarmos a análise para as questões que envolvem as tradições camponesas, vamos verificar que a família, articulada à terra e ao trabalho, são categorias que fundam uma ordem moral, que tem como um de seus princípios a hierarquia familiar,

em que o pai é o chefe (WOORTMANN, 1997). Nesse sentido, as relações de gênero assumem configurações da opressão masculina e a divisão sexual do trabalho se conforma como desigual e excludente. O próprio Movimento dos Sem Terras (MST) (2001: p. 149-150) assume este problema ao afirmar que:

“Não se pode ter a ingenuidade de achar que é fácil alterar as relações de gênero. Isso implica concretamente em perda de poder econômico e político dos companheiros que, ao longo da história de nossa organização “controlam” os setores considerados estratégicos para o MST, tais como Frente de Massa e Produção, além de exercerem muito poder em todos os outros setores e instâncias. É visível que as mulheres têm menos oportunidade de atuar nas instâncias e quando isso acontece têm menos acesso às informações estratégicas e às estruturas como carro, telefone, etc. (...) E mesmo nas cooperativas, onde as mulheres conseguem obter remuneração igual a dos homens, elas não participam ativamente da elaboração dos projetos, muitas sequer sabem como e onde os recursos são investidos. Mas são companheiras na hora de produzir e de pagar as dívidas”.

Aproveitamos a análise acerca das cooperativas para destacar um aspecto que não pode ser desconsiderado – e que como já dissemos permeia toda a análise – referente às influências das formas de organização individual e coletiva na vida das meninas-jovens-mulheres. As que residem no *individual* expressam como são organizadas as tarefas.

“Ah, lá em casa as meninas fazem o serviço dentro de casa, e os meninos fazem o serviço da roça e tratam dos porco. É dividido.” (F. C., moça, 19 anos)

“Tem tempo de plantio, colheita, nós também vamo pra roça.” (M. A. S. moça, 17 anos)

Aqui fica clara a divisão do trabalho entre o “de casa” e o “da roça”, e de como estão configurados como sendo de responsabilidade das meninas e dos meninos, respectivamente. Porém, como as próprias jovens dizem, quando necessário elas vão para roça e, contudo, o inverso não é tão verdadeiro.

“a gente vai na roça só quando o trabalho está mais apurado, ou chega a época de colheita, de plantar. Assim, que tem muito trabalho, né. Mas também não é sempre que a gente trabalha na roça.” (R. M. M, moça, 19 anos)

Sobre este aspecto Lechat (1996: p. 103) comenta que:

“na lavoura, a mulher é uma mão-de-obra de reserva para épocas de intenso trabalho, como a capina, a colheita do feijão e do milho e o plantio da mandioca, todos serviços manuais”, e mais à frente complementa: “O trabalho na lavoura, apesar de sazonal, envolve a

maioria das mulheres, em períodos curtos e intensivos como, por exemplo, a capina”.

É interessante destacar, com base também na referida autora, que as diferenças nas relações, principalmente em assentamentos organizados coletivamente, “mexem” nas estruturas hierárquicas e de poder, o que leva a um processo de confronto que, como já dito, em nossa perspectiva permite avançar nas transformações. Nas palavras de Lechat:

“O novo tipo de relações sociais que se forja nessas associações é objeto de conflitos e de discussões permanentes. A produção coletiva no MST tem um caráter político e é encarada como tal pelos assentados, mas esta forma de trabalho leva a múltiplas reuniões para que todas as questões sejam discutidas e resolvidas democraticamente. Não existindo mais hierarquia de poder tradicionalmente presente na produção familiar nem a relação proprietários-assalariados, novas relações de poder estão em formação, bem como a resistência a elas. Isto leva a uma situação continuamente conflituosa e potencialmente explosiva, na qual as diferenças tradicionais de gênero, idade e origem étnica estão também presentes e são constante e inconscientemente manipuladas, o que resulta numa distribuição desigual de poder”. (LECHAT 1996, p. 107)

Entre todos os jovens entrevistados 53,4% deles encontravam-se trabalhando por ocasião da pesquisa; outros 27,3% disseram acostumados ao trabalho, mas naquele momento estavam desempregados; 10,2% afirmaram nunca ter trabalhado, mas estavam a procura de emprego (figura 4). Entre os jovens rurais que se encontravam trabalhando 36,9% deles tinham como ocupação as atividades ligadas à agricultura familiar e recebiam dinheiro pelo seu trabalho, enquanto outros 10,7% também disseram trabalhar na agricultura familiar, porém sem remuneração. Também aparece com destaque o percentual de jovens que disseram trabalhar como autônomos, sendo muitas das atividades ligadas ao campo, porém sem a participação direta da família, ou seja, eles eram donos do negócio.

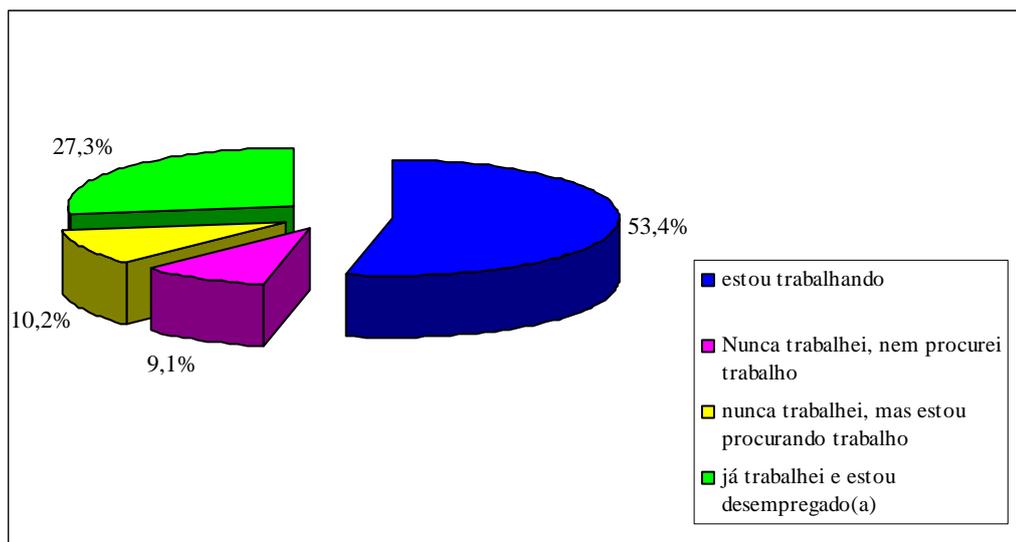


FIGURA 4- Situação dos jovens rurais de São João Evangelista-MG com relação ao trabalho.

Ao analisarmos os dados entre homens e mulheres separadamente e levando-se em conta a questão de gênero, percebemos que 54,2% dos homens trabalham na agricultura familiar recebendo dinheiro, e somente 6,3% dos que trabalham na agricultura familiar não são remunerados. Entre as mulheres a situação apresenta-se de forma bastante diferente. Do total de mulheres jovens entrevistadas, 27,6% disseram que trabalham na agricultura e recebem dinheiro, enquanto que 34,5%, ou seja, a maioria das que trabalham na agricultura familiar, não recebem dinheiro algum pelos serviços realizados.

É importante perceber até onde há uma vontade por parte dessas jovens de permanecer no trabalho da agricultura, e até onde isto não é uma resignação frente aos tamanhos obstáculos que se impõem ao longo de suas trajetórias de vida, pois como afirma Abramovay (1988: p. 40):

“... é preciso diferenciar as situações nas quais a agricultura e o meio rural para os jovens são uma escolha preferencial daquelas que resultam, na verdade, da impossibilidade de realizar um projeto pessoal, seja em virtude do peso das relações patriarcais, do papel subordinado da mulher ou da impossibilidade de encontrar caminhos alternativos aos horizontes atuais”.

Se por um lado acreditamos na importância dos sujeitos assumirem a sua história pessoal, enquanto possibilidade de resgate da auto-estima, por outro, é preciso lembrar

que esta juventude tem a sua escolarização a partir de um projeto educacional voltado para a cidade, formando indivíduos que muitas vezes não se reconhecem no seu próprio espaço, desvalorizando-o e desqualificando-o, as suas escolhas são, portanto, também influenciadas por todo o conjunto de formação desta juventude (CASTELO BRANCO, 2003).

CAPÍTULO II

O LAZER NO ESPAÇO RURAL

2.1 A trajetória Histórica do sentido de lazer

De acordo com Melo e Alves Júnior (2003: p.1), até a alguns anos atrás "a palavra lazer não fazia parte do discurso corrente, embora outras fossem usadas para expressar alguns de seus sentidos, como diversão, jogo, prazer". O autor comenta que:

“... a contínua busca de formas de diversão não significa ter sempre existido o que hoje chamamos de lazer, na medida em que tais formas de diversão guardam especificidades condizentes com cada época [...] Por certo existem similaridades com o que foi vivido em momentos anteriores, mas o que hoje entendemos como lazer guarda peculiaridades que somente podem ser compreendidas em sua existência concreta atual”. (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003: p. 1).

Talvez por essa opinião se possa entender porque existem tantas conceituações de lazer: porque cada autor vive em uma época diferente, em uma sociedade diferente. Pode-se dizer que entre os povos primitivos não existia uma clara distinção entre a vida, o trabalho e o lazer, visto que, trabalhar era ao mesmo tempo existir, como existir era ao mesmo tempo recrear (REQUIXA, 1977).

Foi a partir da Grécia Antiga que o tempo livre das pessoas passou a ser uma preocupação, mas somente para a elite. As tarefas cotidianas eram feitas pelos escravos,

por isso, somente o homem livre tinha tempo livre para cultivar valores como a bondade e a beleza – essenciais naquela época.

Para os gregos, a atividade intelectual era mais importante, e as pessoas somente podiam se desenvolver espiritual, cultural e intelectualmente através do tempo livre. O trabalho era um tipo de instrumento de tortura, era encarado de forma negativa pelos gregos. Para exemplificar melhor, Requixa (*ibid*: p.10) observa: "para o povo hebreu, o homem teria sido condenado ao trabalho para que, posteriormente, este desprezo fosse levado apenas ao trabalho manual". Quer dizer, o trabalho intelectual estaria acima do trabalho manual.

Já os romanos, povo que dominou o mundo nos primeiros séculos da era Cristã, não encaravam o trabalho como um mal necessário, principalmente porque eram ativos guerreiros. Porém, o tempo livre que os romanos tinham, utilizavam-no não para a contemplação, e sim para "a recuperação e preparação do corpo e do espírito para a volta ao trabalho" (REQUIXA, *ibid*: p. 27). Mas, ainda havia uma separação entre elite e povo, sendo que as diversões populares, vulgares e alienadas, eram desprezadas pela elite intelectualizada.

Na Idade Média, essa visão de diversão se modificou, por influência da religião com sua concepção de pecado: as pessoas deviam trabalhar muito e descansar pouco, porque o ócio era pecado. O trabalho dignificava o homem, e o tornava um escolhido de Deus. O tempo livre disponível devia ser usado na prática religiosa. Então, o trabalho que era tão desprezado pelos gregos, hebreus e romanos, foi se valorizando, e o lazer foi sendo desprezado.

Com o advento da Revolução Industrial, a carga diária de trabalho aumentou muito, penalizando os trabalhadores, especialmente as mulheres e as crianças. Mas foi justamente com a Revolução Industrial que surgiu a instituição do tempo livre, graças aos movimentos sociais que conquistaram na aplicação das leis trabalhistas à regulamentação das horas de trabalho e o direito às férias do trabalhador. Até então, as classes trabalhadoras não eram possuidoras do direito ao lazer, sendo este um usufruto apenas das classes nobres e burguesas.

Para Melo e Alves Júnior (2003: p. 45), foi "com o advento da implantação do modelo de produção fabril e da organização do trabalho em fábricas" – que nasceu o lazer, a vida passou a ser controlada pela jornada de trabalho aliás, excessiva, resultando numa rotina rígida para o trabalhador. Paralelamente, "o tempo de não trabalho" também passou a ser tratado de forma rigorosa. Houve a "artificialização dos tempos

sociais, num processo típico da modernidade" (MELO e ALVES JÚNIOR *ibid*: p.10). O tempo de não trabalho é o lazer.

Camargo (1989) acentua a relação do lazer com o trabalho ao afirmar que o lazer é realizado durante nosso tempo livre, ou seja, aquele que nos resta de nossa jornada de trabalho:

“Lazer é um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional ou doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos”. (CAMARGO: *ibid* p. 19).

O que se pode verificar até aqui é que, ao tratar do lazer, sempre se acaba estabelecendo um paralelo com o trabalho. Araújo Filho (2001) divide o surgimento do lazer em antes e depois da Revolução Industrial, quando se modificaram as relações entre proprietários de fábricas e trabalhadores. Para os primeiros, o que interessava era o lucro a qualquer custo, inclusive se custasse a saúde ou a vida dos outros; para os segundos, o que interessava era vender a força de trabalho, mas também ter seus momentos de descanso e lazer. O que ocorreu é que os trabalhadores se revoltaram e, com muita luta, conseguiram regulamentar um tempo para si – o tempo de não trabalho. A partir desse momento, o lazer apareceu como uma necessidade do trabalhador fora de sua atividade profissional. Assim, o lazer é o uso que se faz do tempo liberado principalmente das obrigações do trabalho, liberação esta conquistada pelos movimentos sindicais e trabalhistas das sociedades industriais.

Para o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1973) um dos mais respeitados estudiosos sobre o assunto, que é, aliás, o criador do que habitualmente se denomina a sociologia do lazer a visão histórica é a de que o lazer nasceu com a Revolução Industrial. Para o autor, "... desde o nascimento da sociedade industrial, os pensadores sociais do século XIX previram a importância do lazer, ou antes, do tempo liberado pela redução do trabalho industrial..." (Id: p.112).

Hoje se sabe que o ócio e o lazer são de extrema importância ao ser humano, reparando psíquica, física e socialmente o indivíduo, recompondo suas energias, ampliando inclusive sua capacidade criativa, melhorando sua auto-estima e aumentando a satisfação pessoal. Porém, a dinâmica que produz o lazer não se reduz ao fator econômico, ou seja, a diminuição do tempo de trabalho não é o único determinante para o desenvolvimento do lazer, é preciso também a "... valorização social da expressão do

eu através do lazer...” (Id: p.96). Esta idéia do autor deixa claro que o tempo livre deve ser aproveitado também como um momento privilegiado para, através do lazer, promover uma valorização social do ser humano, quer seja conhecendo novas pessoas, fazendo novas amizades, quer seja na troca de experiências ou na ampliação do desenvolvimento cognitivo, entre outros.

Segundo Dumazedier (1980), os conteúdos culturais do lazer são divididos em cinco áreas de interesse: (1) **manuais** – marcado pela capacidade de manipulação, seja para transformar objetos ou materiais, seja para lidar com a natureza; (2) **intelectuais** – a busca de novas informações reais, objetivas e racionais; (3) **sociais** – buscam-se relacionamentos e contato com outras pessoas; (4) **físicoesportivos** – ocorre prevalência de movimento ou exercício físico; e (5) **artísticos** – marcados pelas diferentes manifestações artísticas, baseadas no imaginário, nas emoções e nos sentimentos. Camargo (1989) acrescenta a esses cinco conteúdos mais um: o turístico, caracterizado pela quebra da rotina, pela busca de novas paisagens e de novos conhecimentos.

Para Marcellino (2000: p. 44), essa classificação dos seis conteúdos culturais do lazer é a mais adequada “[...] pois situa, no campo específico do lazer, as atividades que buscam o atendimento das necessidades do corpo – conferindo destaque especial às habilidades manuais, da mente, da sensibilidade e da sociabilidade”. Mesmo que ocorra predominância de uma área de interesse sobre a outra, os conteúdos não devem ser separados e, sim, trabalhados de forma integrada, pois se encontram interligados. O ideal é que cada indivíduo conheça as atividades de lazer que satisfaçam seus interesses e que no seu tempo disponível vivencie atividades que façam parte de todos os grupos de interesse “[...] exercitando o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quiser” (MARCELLINO *ibid*: p.46). Já para Paiva (2003), a classificação dos conteúdos culturais tem um grande mérito, que é nortear, orientar e estruturar políticas na área do lazer.

Dumazedier (1980b) propõe ainda a inclusão das categorias de gêneros e níveis de participação. Os gêneros das atividades a serem propostas e vivenciadas são três: *prática* ou *vivência*, *assistência* ou *fruição* e *conhecimento*. A *prática* ou *vivência* ocorre quando o indivíduo busca praticar sua atividade de lazer. Já a *assistência* ou *fruição* ocorre quando a pessoa somente observa a atividade pela qual fez a opção. E o *conhecimento* se caracteriza pela busca de informações sobre a atividade escolhida. Dentro dessa discussão sobre o gênero dos conteúdos, convém lembrarmos que a

questão da atividade e da passividade está geralmente relacionada com a prática e com o consumo.

Dessa maneira, todo o fazer estaria associado à prática; enquanto o assistir, à passividade. Porém, o que determina a atitude como ativa ou passiva é a maneira como se processa a participação do indivíduo na atividade de lazer. Assim, a classificação ativo/passivo poderia ser encontrada nos três gêneros – *prática, assistência ou fruição* (MARCELLINO, 2000). O que também determina essa classificação ativo/passivo são os níveis de participação dos indivíduos, que podem ser classificados em *elementar* ou *conformista*, *médio* ou *crítico* e *superior* ou *criativo* (DUMAZEDIER, 1980). No nível *elementar* ou *conformista*, os indivíduos apenas reproduzem as atividades, não ocorrendo sua análise ou reflexão. No nível *médio* ou *crítico*, o indivíduo busca informações que lhe são importantes e a partir delas faz opção por determinadas atividades ou experiências. Já no *superior* ou *criativo*, ocorre a criação de possíveis atividades e de novas oportunidades. Portanto, os indivíduos, na vivência do lazer, devem passar por experiências de índice conformista ao crítico, até atingir o criativo.

Dumazedier afirma que o lazer tem dois pré-requisitos para poder existir: o primeiro é que as atividades sociais não sejam regidas ou reguladas pelas obrigações rituais - essas atividades devem ser de livre escolha do indivíduo; a outra condição é de que o trabalho profissional esteja desligado de outras atividades, não sendo mais regido pela natureza. Dumazedier (1979: p. 34) define o lazer como sendo

“... um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

No entender desse autor, a necessidade do lazer é ainda desconhecida para a maioria das pessoas e, por isso mesmo, não é satisfeita de maneira adequada. “É muito difícil captar a necessidade que o cidadão sente de ter lazer. Esta necessidade está em fragmentos nas atividades e em função dos diferentes meios sociais, dos trabalhadores, dos jovens e pessoas idosas” (DUMAZEDIER, 1973: p.34).

Entre os principais autores da teoria do lazer no Brasil destacamos Requixa (1980, p. 35), que define lazer como uma “ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”. E também Medeiros (1980, p.

03), para quem o lazer é “o espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida”. Nos conceitos de Requixa e Medeiros, observamos a preocupação com as funções do lazer para o homem contemporâneo, o repouso, a diversão e o desenvolvimento pessoal.

Na visão de Marcellino (2004) qualquer atividade pode ser considerada lazer, dependendo de quem a executa e das circunstâncias que cercam sua realização, como a livre adesão e a capacidade de a atividade escolhida proporcionar descanso, prazer, divertimento e desenvolvimento a quem a pratica. Portanto, até a obrigação doméstica de lavar pratos pode ser uma atividade de lazer se, por exemplo, ocorrer como parte de uma gincana em um acampamento de férias. Atividades profissionais como jardinagem e pintura tornam-se lazer para quem gosta de cuidar do jardim ou pintar a casa só para relaxar. Enfim, o conceito de lazer é mais amplo do que o estrito a somente jogos ou brincadeiras: "lazer pode até ser a não-atividade, o ócio, como, por exemplo, o repouso em uma rede. O importante é o prazer que a atividade escolhida proporciona" (MARCELLINO, 2004, p.36). O autor observa, porém, que ao invés de buscar o prazer nas atividades cotidianas, as pessoas sempre estão adiando os momentos onde poderiam usufruí-lo, pensando que o lazer-prazer é algo muito elaborado, difícil de alcançar.

A investigação sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens é de significativa importância para se compreender os sentidos do próprio tempo da juventude nas sociedades. Os jovens entrevistados pela pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”¹⁷ revelam com nitidez situações de vida e processos sociais que reafirmam os traços de diversidade da cultura brasileira ao mesmo tempo que denunciam que esta se processa sobre bases socioeconômicas desiguais que incidem sobre as possibilidades de acesso, experimentação, consumo e criação dos mundos da cultura, do lazer e do tempo livre. No entanto, não podemos generalizar esta dinâmica. Seria um erro tentar compreender como homogênea a realidade da juventude rural brasileira em relação ao tempo livre ao lazer.

Diversos são os estudiosos que definiram o lazer de acordo com seus pontos de vista. Ao longo deste estudo apresentamos algumas definições que darão sustentação teórica a esta pesquisa. Contudo, acreditamos que é de extrema importância buscar a definição de lazer junto ao público alvo deste estudo, ou seja, o que é lazer para os

¹⁷ www.institutocidadania.com.br acessado em 21/10/2005

jovens rurais de São João Evangelista-MG que apresentam respostas relacionadas com suas vivências do dia a dia.

As respostas obtidas estão relacionadas diretamente com as atividades vivenciadas pelos jovens, podemos observar a diversidade das mesmas, mas a grande maioria estão associadas aos princípios básicos descritos nos conceitos sobre lazer: tempo livre, atitude, liberdade de escolha, prazer e diversão. As respostas apresentadas ilustram estes princípios:

R – “Lazer é assistir televisão, jogar vôlei, estudar, namorar, encontrar meus amigos e amigas, viajar, dança, rezar, cantar música e andar a cavalo”. (A. B. S., moça, 16 anos)

R – “É tudo o que a pessoa faz com vontade e com prazer”. (A. P. M., moça, 15 anos)

R – “Jogar futebol, quando estou com os amigos, fazer outras brincadeiras, tomar banho no rio”. (B. P. A., rapaz, 15 anos)

Nas falas acima podemos observar que o lazer está associado ao tempo do não trabalho e ao tempo destinado à socialização entre os próprios jovens, com atividades e jogos próprios da juventude rural, como os banhos de cachoeiras e andar a cavalo. O lazer aqui também está ligado ao contato com a natureza sem a intervenção das tecnologias da distração. Assim, nota-se que os jovens rurais, mesmo com poucas oportunidades de lazer, consideram o lugar como capaz de proporcionar-lhes algum tipo de lazer. Contudo, nem todos os jovens limitam sua perspectiva de lazer ao espaço circundante. Quando o interesse dos jovens rurais se direciona para os espaços, principalmente para fora da sua localidade, a busca de lazer pode torna-se algo frustrante, já que exige recursos que muitos não possuem.

É importante lembrarmos que os jovens rurais já não estão distantes dos valores da sociedade urbano-industrial. Através de programas de televisão como “Malhação” da Rede Globo, novelas e programas direcionados ao público juvenil, os jovens recebem informações sobre estilos de vida diferentes dos comumente vivenciados no meio rural, o que por sua vez aguça sua curiosidade e interesse.

Marcellino (2002) considera o lazer para além da recuperação da força de trabalho e aponta que existem dois aspectos fundamentais para o entendimento do lazer: tempo e atitude. No aspecto atitude, o lazer fica dependente da relação exclusiva da pessoa com ele; sendo assim, qualquer atividade pode ser encarada como lazer, dependendo da satisfação que esta proporcione. No aspecto tempo, várias são as questões que surgem.

Por exemplo, saber qual é este tempo, que características possui, quais as condições favoráveis ao tempo de lazer, entre outras. Para o autor, a tendência entre os estudiosos do lazer é considerar os dois aspectos em conjunto, não isoladamente, para, a partir daí, analisar os valores e conteúdos do lazer. No caso dos produtores rurais, o aspecto tempo prevalece sobre a atitude, uma vez que as atividades agrícolas e agropecuárias são regidas muitas das vezes pelo tempo da natureza, ou seja, em determinadas épocas do ano como, por exemplo, na colheita, é preciso aproveitar ao máximo o tempo para o trabalho. Nas cidades, como sabemos, as pessoas cumprem uma determinada carga horária e depois podem retornar às suas casas, dispondo desta forma de um maior tempo livre. Isto é, enquanto no campo o tempo é regido pela natureza, na cidade o tempo é organizado em horários fixos pré-determinados.

Os jovens, em especial os residentes no meio rural, além dos aspectos citados por Marcellino, ainda precisam lidar com outros fatores limitantes, tais como dinheiro, proibição dos pais e equipamentos de lazer. Como informado anteriormente, os jovens rurais de São João Evangelista-MG, em sua grande maioria, trabalham na agricultura familiar, e em se tratando de um município com baixa renda per capita, as necessidades básicas (alimentação, transporte, saúde, etc.) consomem praticamente toda a renda familiar. Sendo assim, a falta de dinheiro é um grande limitador de acesso a determinadas atividades de lazer na cidade para aqueles que buscam formas alternativas de lazer desvinculadas da natureza, entre as mais citadas pelos entrevistados destacamos as viagens, assistir a shows e ir a festas.

Os poucos espaços de lazer disponíveis para os jovens residentes no meio rural é outro fator que limita as opções de atividades. No município em questão, os principais espaços existentes são as festas religiosas, campos de futebol, rios e cachoeiras.

Perguntamos aos jovens como seus pais reagem diante de suas formas de diversão. Os dados obtidos (Tabela 2) demonstram que os pais reagem de diversas formas, porém não existe uma proibição quanto ao lazer dos jovens. Ainda assim a maioria destes (37,5%) não gosta da forma de diversão de seus filhos, mas são compreensíveis. 34,1% dos jovens entrevistados disseram que seus pais os apóiam sempre e 28,4% responderam que seus pais controlam demais suas saídas.

TABELA 2 - Reação dos pais diante das formas de diversão dos jovens, segundo gênero . resposta estimulada e única).

	Homens	Mulheres
Proíbem de toda forma	0%	0%
Não gostam mas são compreensíveis	37,7%	42,9%
Apóiam sempre	39,6%	25,7%
Controlam demais as minhas saídas	22,6%	31,4%

Ao analisarmos a questão de gênero, o resultado desta pesquisa demonstra que o comportamento dos pais é bastante diferenciado em relação à forma de diversão de seus filhos e filhas. Na grande maioria das vezes, eles são mais flexíveis com os filhos homens e cobram mais das filhas mulheres. Das jovens entrevistadas 31,4% disseram que seus pais controlam demais suas saídas, enquanto para os rapazes este percentual é de 22,6%, o que demonstra que os jovens do sexo masculino têm mais liberdade para as diversas formas de lazer. Para reafirmar esta questão, 39,6% dos homens entrevistados responderam que seus pais apóiam sempre as suas formas de diversão, enquanto para as mulheres o percentual cai para 25,7%. Esta diferença entre homens e mulheres na construção do campo de autonomia relacional no interior da família é significativamente reveladora do movimento diferenciado que homens e mulheres jovens percorrem em seus trajetos de transição para a vida adulta.

A maior liberdade concedida aos homens parece entre outros motivos estar ligada à questão da sexualidade, isto é, à maneira diferenciada como os pais encaram este assunto em relação aos filhos de sexo diferente. Podemos inferir a partir das observações realizadas que predomina certa permissão social e, muitas vezes, um estímulo sistemático para o exercício da genitalidade com multiplicidade de parceiras no caso do adolescente masculino, e por outro lado a interdição absoluta com punição severa para as adolescentes que transgridem as regras da monogamia mesmo em simples relações de namoro.

Um forte motivo para os pais controlarem as jovens é que há um controle maior da vizinhança sobre o desempenho de moças e rapazes no meio rural, principalmente das moças. Ainda persiste a idéia de que as moças não devem ter relações sexuais antes do casamento. O receio de uma filha “mal falada” devido à questão da sexualidade ou da rotatividade de namorados leva muitos pais a controlarem as saídas das filhas, o que implica ser mais um obstáculo de acesso às atividades de lazer, afinal, as ocasiões como

festas, shows e saídas noturnas são propícias para os cortejos, o flerte, o namoro e as relações sexuais.

Rena (1995), em trabalho intitulado “Concepção de sexualidade dos adolescentes no interior de Goiás”, chama a atenção para o papel importante dos “amigos” no processo de construção deste sujeito afetivo-sexual. São eles e elas que estão fortemente presentes nas experiências de namoro, na primeira relação genital, na parceria das relações sexuais, na indicação do contraceptivo e na informação sobre aspectos básicos da sexualidade. Provavelmente a ação educativa terá mais chances de sucesso à medida que seus agentes souberem assegurar com criatividade a articulação das atividades pedagógicas com este elemento fundamental da vivência adolescente: as relações de amizade. Portanto, no caso dos jovens, a socialização entre eles fortalece não somente os laços de amizade, mas também o acesso a certas informações e experiências.

2.2 Lazer e Qualidade de Vida: na cidade e no campo

O conceito de qualidade de vida é complexo, mas relaciona-se com a satisfação das necessidades de uma população a nível econômico, social, psicológico, espiritual e ambiental. A qualidade de vida é um conceito subjetivo que varia de indivíduo para indivíduo e de sociedade para sociedade, evoluindo com o progresso científico e tecnológico nos mais variados domínios como saúde, habitação e transportes. À medida que as necessidades fundamentais da qualidade de vida vão sendo satisfeitas são valorizados outros parâmetros como o reconhecimento social, a recuperação e a preservação do ambiente.

O intenso crescimento urbano, realizado muitas vezes de forma caótica, tem-se traduzido na expansão de um espaço onde a população se debate dia a dia, com a super lotação e falta de equipamentos coletivos, com a degradação ambiental, com problemas levantados pela produção e armazenamento de lixos, com dificuldades associadas ao trânsito cada vez mais intenso, o aumento nos índices de violência e com problemas econômicos e sociais, que tendem a manifestar-se sob a forma de falta de habitação condigna, de desemprego, o que conduz à exclusão social. A adoção de um modo de vida cada vez mais urbano revelou novos problemas e, nesse sentido, este crescimento urbano foi o impulsionador da evolução do conceito de qualidade de vida urbana.

Os estudos e debates sobre qualidade de vida nas cidades são muitos. Já no caso da população rural brasileira, em especial com relação aos jovens, esta é uma preocupação recente que começou a despertar o interesse do meio acadêmico brasileiro somente a partir da segunda metade do século XX. O entendimento do termo qualidade de vida por parte dos jovens rurais e os principais valores considerados por eles na avaliação desta qualidade foram elementos importantes para conhecer o pensamento desses jovens sobre o tema proposto pela pesquisa.

No que se refere à análise das relações existentes entre lazer e melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais foram abordadas três questões principais: A primeira ligada ao principal aspecto a ser considerado para se ter uma boa qualidade de vida. A segunda refere-se as atividades de lazer disponibilizadas aos jovens e se estas contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos mesmos. A terceira buscava conhecer se caso as atividades de lazer contribuíssem, de que maneira isto aconteceria.

Na primeira questão, os jovens responderam a opções estimuladas e múltiplas, ou seja, puderam marcar quantas alternativas julgassem necessárias. A tabela 3 apresenta os resultados segundo gênero e faixa etária.

TABELA 3 - Principal aspecto a ser considerado para se ter uma boa qualidade de vida, segundo gênero. (respostas estimuladas e múltiplas).

	Homens	Mulheres
Dinheiro	8%	5,1%
Moradia	12%	10,2%
Lazer	10,8%	9,5%
Relações sociais/amizades	10,4%	12,4%
Praticar esportes	8%	6,6%
Boas relações familiares	13,3%	16,1%
Saúde	7,3%	20,4%
Emprego/trabalho	10,4%	10,2%
Segurança	9,6%	9,5%

Há um senso comum em nossa sociedade que associa qualidade de vida com o fato de possuir recursos financeiros. Podemos sugerir que para muitas pessoas, viver bem, ser feliz, ter qualidade de vida necessariamente passa por ser rico, ser possuidor de muitos bens, como carros, casas, fazendas, ou seja, tudo que tem relação direta com a aquisição de bens materiais. No entanto, podemos perceber através dos dados que para a maior parte dos jovens, o cuidado com a manutenção de uma boa saúde é o principal

aspecto a ser considerado para se ter qualidade de vida. Este item foi apontado como prioritário pelos jovens entrevistados, sendo citado como principal componente por 70 entrevistados entre os 89 jovens que compuseram a amostra. A valorização da saúde como principal aspecto da qualidade de vida não é uma preocupação exclusiva dos jovens rurais, e sim da juventude de uma forma geral.

As relações familiares e sociais aparecem também com destaque como sendo itens de grande importância para qualidade de vida. Para 14,5% dos jovens, as relações familiares é o principal aspecto a ser considerado na qualidade de vida e para 11,3% destes, as relações sociais/amizade é o mais importante. Estes dados evidenciam que as boas relações familiares e sociais estão em alta entre os jovens, demonstrando também que para eles estas relações são muito importantes, pois é através delas que se constroem ou não suas afirmações de personalidades, aceitação social, entre outras. Além disso, isso reafirma a tese de Pereira (2003), quando coloca que as relações familiares e de parentesco no meio rural são fundamentais para se pensar a juventude no campo, visto que essas relações ampliam o campo de possibilidade dos jovens em relação a estudo, trabalho e lazer. O quarto e quinto itens mais citados respectivamente pelos jovens foram emprego/trabalho e lazer.

Após identificarmos os principais componentes da qualidade de vida, procuramos saber se as atividades de lazer proporcionam algum benefício a eles e a elas. As respostas espontâneas a esta questão demonstraram que a maioria dos entrevistados, ou seja, 97% acreditam que o lazer pode proporcionar benefícios. Perguntamos então quais são estes benefícios sem, no entanto, mencionar o termo qualidade de vida, uma vez que esta é uma questão mais ampla. Como as respostas eram espontâneas obtivemos uma variedade delas, mas uma análise minuciosa nos mostrou que a maioria está relacionada à diversão, ao bem estar físico e às relações sociais, à saúde, entre outros. Como se verifica nas falas dos jovens:

E – Você acredita que as atividades de lazer lhe proporcionam algum benefício? Em caso afirmativo, quais são estes benefícios?

R - Sim. Quando estou jogando bola estou fazendo exercícios físicos que são bons para a saúde.(B. F. S . rapaz 16 anos)

R – Sim. Eu acho o lazer muito importante porque nos traz paz, tranqüilidade, diversão e ajuda na saúde, principalmente quando eu vou incluir uma prática esportiva que ajuda a manter uma boa forma. (A P. M. moça, 15 anos)

R - Sim. Esquece de alguns problemas, arruma novos amigos, ajuda e melhorar a auto estima e saúde.(M. A. S. moça 18 anos.).

R - Sim. Fazer novas amizades, aliviar o estresse do dia a dia, nos traz calma, tranqüilidade e diversão.(M. M. F.rapaz 17 anos.).

R – Sim. Diversão. A gente esquece dos problemas, a pessoa fica mais tranqüila. Também ajuda a gente fazer novas amizades, conhecer pessoas novas. (G. S. G. rapaz, 18 anos).

R – Sim. As vezes quando estamos nervosos a gente se acalma, daí a gente se sente mais prazeroso ainda, aprendemos mais o certo das irregularidades que cometemos. (J. D. O rapaz, 15 anos)

R – Às vezes sim. Porque tem horas que precisamos de alguém para nos distrairmos e até mesmo nos aconselharmos. (T. F. P. moça, 17 anos)

Podemos perceber na fala dos jovens citados acima uma forte associação dos benefícios do lazer com a manutenção ou melhoria da saúde. Este aspecto apareceu não somente nas respostas dos jovens citados, mas em muitas outras, o que reafirma e demonstra que no entendimento deles este é um fator relevante.

Quando perguntamos aos jovens se estes acreditam que as atividades de lazer desenvolvidas por eles no seu dia a dia contribuem para a melhoria da qualidade de vida, o resultado obtido foi expressivo, como mostra a figura 5.

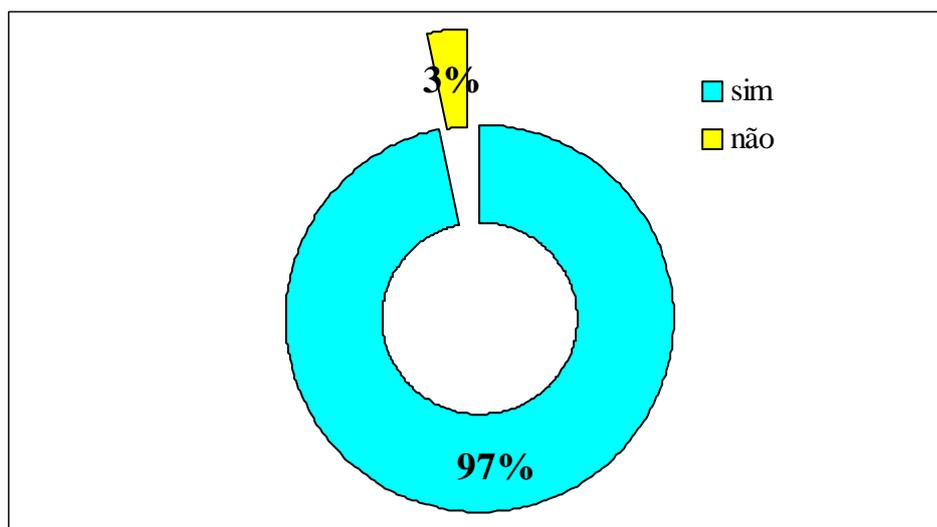


FIGURA 5 – Atividades de lazer e contribuição para a melhoria da qualidade de vida.

De um total de 89 jovens que responderam as questões desta pesquisa, 97% disseram que as atividades de lazer contribuem para a melhoria da qualidade de vida deles. É evidente que não podemos considerar apenas esta questão para validação dos resultados sobre esta temática. Sendo assim, fez-se necessário diagnosticar de que maneira no entendimento destes jovens acontece esta contribuição que leva à melhoria da qualidade de vida.

Ao verificarmos quais os principais componentes para se ter uma boa qualidade de vida, identificamos claramente a valorização da saúde como principal componente segundo os entrevistados, conforme vimos na tabela 3. Mais uma vez podemos perceber a importância da saúde quando em outra questão foram perguntados “de que maneira você acredita que o lazer contribui para a melhoria da qualidade de vida”, caso exista esta contribuição. Vinte e três vírgula dois por cento (23,2%) responderam que a principal contribuição se dá porque as atividades de lazer “melhoram minha saúde”. Estes dados demonstram por parte dos jovens a valorização de uma necessidade básica do ser humano como sendo o principal componente da qualidade de vida. A figura 6 apresenta as principais contribuições das atividades de lazer para os jovens.

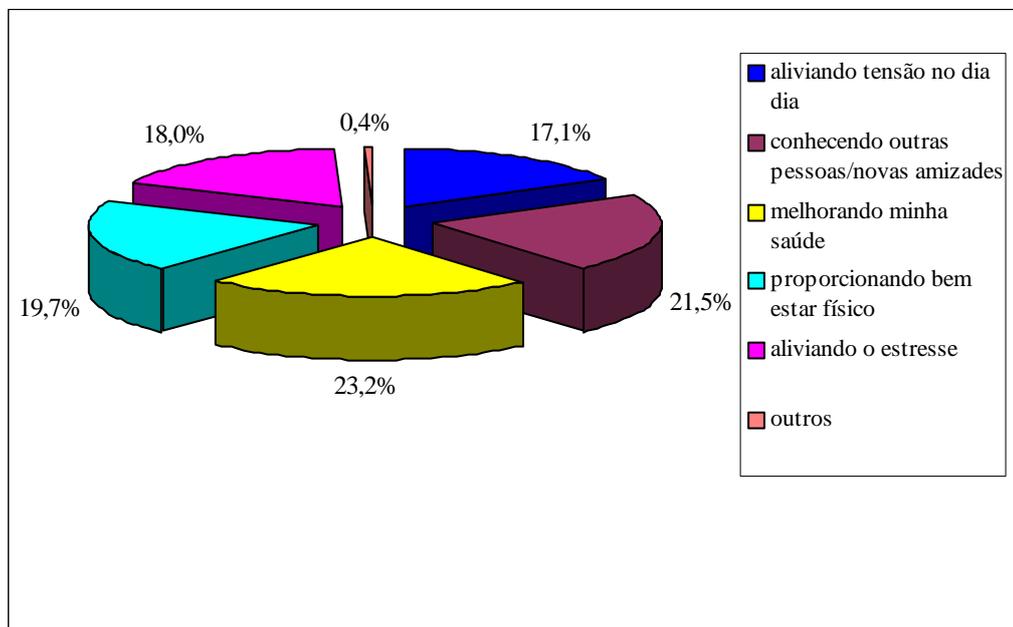


FIGURA 6– Principais contribuições das atividades de lazer para a melhoria da qualidade de vida.

Certamente que a qualidade de vida está associada a diversos componentes, sendo este um conceito pessoal e de difícil mensuração. Outro aspecto que aparece com destaque nas respostas dos jovens rurais diz respeito às relações sociais. “Conhecer outras pessoas e fazer novas amizades” foi o item citado por 21,5% dos jovens rurais como forma de contribuição do lazer para a melhoria da qualidade de vida. Ao analisarmos os dados segundo gênero, observamos ser este um aspecto mais valorizado pelas jovens: enquanto 24,6% das moças disseram que a principal contribuição das atividades de lazer se dá através da oportunidade de conhecer outras pessoas e fazer novas amizades, para os rapazes este percentual é de 18,6%. Estes dados reafirmam que as relações sociais e familiares são componentes importantes na formulação de um conceito de qualidade de vida por parte dos jovens entrevistados.

Aliviar o estresse (18,0%) e a tensão do dia-a-dia (17,1%) são contribuições importantes proporcionadas pelas atividades de lazer segundo os entrevistados. Estes dados vão ao encontro da idéia de Camargo (1989), quando o autor dá ênfase ao caráter prazeroso das atividades, uma vez que este aspecto é fundamental para o alívio do estresse e da tensão do dia-a-dia. Neste caso, o autor se refere a situações da vida urbana, onde normalmente o termo estresse é usado com frequência pela população como consequência do estilo de vida moderno. No entanto, neste trabalho, os jovens rurais apontam o lazer como um dos meios de se aliviar o estresse e a tensão do dia-a-dia. O ritmo de vida no campo e na cidade é bastante diferente, o que não quer dizer que os moradores do meio rural não tenham problemas, ou que estejam isentos do estresse. Ainda assim, acreditamos que o percentual de jovens se referindo ao estresse no campo é relativamente alto. Lamentavelmente não temos dados mais específicos para tratarmos desta questão, mas uma hipótese é a de que os jovens estariam incorporando um discurso dos modos de vida urbano e chamando tudo que causa tensão entre geração, relações de trabalho com os pais, pressão dos pais pelos estudos, cansaço físico, conflitos de namoro e amizade, de estresse. Acho que eles falam de estresse onde na verdade existe “aborrecimentos”, resultado de relações cotidianas de geração e gênero.

A manifestação da qualidade de vida pode ser associada a diversos enfoques como o acréscimo de experiências relevantes depois que as necessidades básicas estão satisfeitas; a oportunidade de praticar atividades físicas regulares visando à saúde e ao combate ao estresse; o estabelecimento de conhecimentos necessários ao consumo de produtos e serviços culturais; ou pelo menos a construção de um novo estilo de vida, em vivências interiores significativas, constituem-se fator de satisfação e felicidade.

Leff (2001) argumenta que é através do processo de reapropriação das condições de vida da população em relação com suas necessidades e seus valores que a qualidade de vida se estabelece. O fato de haver semelhança nos discursos dos jovens rurais parece confirmar que a percepção de qualidade de vida de cada pessoa está intrinsecamente ligada ao grupo social – cultural a que pertence, onde os valores culturais intervêm como mediadores das necessidades básicas e da qualidade de vida da população.

2.3 Lazer: definições e opções para os jovens rurais

Ao longo das últimas décadas, a palavra lazer vem ganhando força: ela aparece em anúncios de jornais, em campanhas publicitárias e políticas, num bate papo; enfim, ela está presente no cotidiano das pessoas em geral. O termo lazer e os diversos sentidos que carrega foram se incorporando à fala popular e tornando-se cada vez mais presentes, o que significa certa tendência à valorização do conceito enquanto possibilidade de vivência cotidiana. Atualmente, a indústria de entretenimento proporciona uma grande variedade de lazer passivo. O computador, presente em 10% dos lares brasileiros (IBGE, 1998), junto ao CD-ROM e a Internet são exemplos das inovações tecnológicas que estão se tornando parte de um cotidiano sedentário. Segundo Grilo (1992), a sociedade contemporânea adotou uma filosofia de vida orientada para a tecnologia, que visa evitar os esforços e aumentar o conforto.

Em relação aos moradores do campo, o lazer precisa ser observado com um olhar mais atento, pois ao contrário dos centros urbanos, no meio rural são poucas (e/ou outras) as opções de lazer disponibilizadas, assim como são poucos os estudos que tratam diretamente o lazer para as pessoas residentes no campo. Podemos afirmar que o que vem acontecendo é que o interesse dos jovens vem se transformando diante da diluição das fronteiras entre campo e cidade, onde os modos de lazer da cidade se tornam mais atrativas para os jovens rurais do que os do campo. Diante deste cenário faz-se necessário uma reflexão a respeito das possibilidades de se ampliar às formas de lazer no campo, de forma a responder o interesse dos jovens em contato com outros valores que os têm aproximado dos jovens da cidade.

A maioria dos trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico abordando a temática lazer tem como público alvo à população residente nos centros urbanos, onde se constata a centralização de um número maior de equipamentos de lazer tais como cinemas, teatros, *shoppings centers*, academias, clubes, entre outros. Contudo, a existência de espaços de lazer não garante o acesso a todos os jovens, uma vez que em muitos locais é preciso que se tenha boas condições financeiras para usufruir dos benefícios oferecidos, ficando assim o acesso limitado a quem pode pagar, o que impede a participação da classe menos favorecida financeiramente. Em relação à restrição de espaços diversificados e de acesso a vivências diferenciadas de lazer que contemplem a juventude rural, Stédile (2001) argumenta sobre a questão chamando a atenção para dois pontos cruciais, a criatividade e a limitação imposta a quem não tem dinheiro para gastar nas atividades de lazer. O autor se manifesta da seguinte forma:

“Há também muita reclamação da juventude no meio rural, que diz não ter alternativa de lazer. No entanto, a meu ver, mas do que falta de alternativa, isso cada comunidade deve ter criatividade, mas, é a influência da cultura urbana. Ai o jovem sonha em ver no seu assentamento o que ele vê pela televisão que tem na cidade... mas é uma ilusão porque na cidade somente tem muitas alternativas para lazer para quem tem dinheiro. Para a juventude pobre da periferia as alternativas de lazer também inexistem...” (Stédile, *ibid*)

Uma dimensão inovadora constatada em várias pesquisas sobre as práticas juvenis no Brasil e em outros países se refere à importância da esfera cultural e do lazer como espaço produtor de sociabilidade. Nos espaços de lazer, os jovens podem encontrar as possibilidades de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social. As diferentes práticas de experiência coletiva em espaços públicos de cultura e lazer podem ser consideradas como verdadeiros laboratórios onde se processam experiências e se produzem subjetividades. Essa constatação nas pesquisas sobre a vida dos jovens urbanos, também nos ajuda a pensar as possibilidades de lazer, de acesso à cultura no meio rural como promotora de cidadania. Entretanto, a ausência ou ineficácia das políticas públicas voltadas ao lazer dos jovens rurais, mais especificamente no investimento de práticas esportivas, faz com que os espaços de sociabilidade e promotores de cidadania sejam limitados.

Para identificar quais os espaços de lazer disponibilizados aos jovens rurais de São João Evangelista-MG utilizamos a estratégia de percorrer as seguintes localidades rurais do município: Nelson de Sena, Comercinho, Barra, Ribeirão da Mesa, Baguari e

Cansação, com objetivo conhecer os espaços e práticas de lazer e tendo perguntado aos jovens quais são as opções de lazer existentes nestas localidades.

As respostas obtidas demonstram que os espaços utilizados para o lazer no meio rural estão associados a recursos naturais (rios, cachoeiras, represas, etc.) ou a forte influência cultural da região (festas religiosas, futebol, etc.). A figura 7 apresenta os espaços citados pelos jovens. Podemos perceber que em São João Evangelista-MG as festas religiosas têm uma presença marcante, sendo a opção mais citada pelos entrevistados com 25,7% das respostas. Estas festas em sua grande maioria são promovidas pela igreja católica, e quando não realizadas na sede do município, acontecem nos distritos. Nestas ocasiões normalmente as pessoas da localidade se reúnem para a realização de novenas e barraquinhas de leilões. Estes eventos de religiosidade tornam-se para os jovens momentos de descontração, de encontrar com outras pessoas e se divertir, como foi comentado anteriormente.

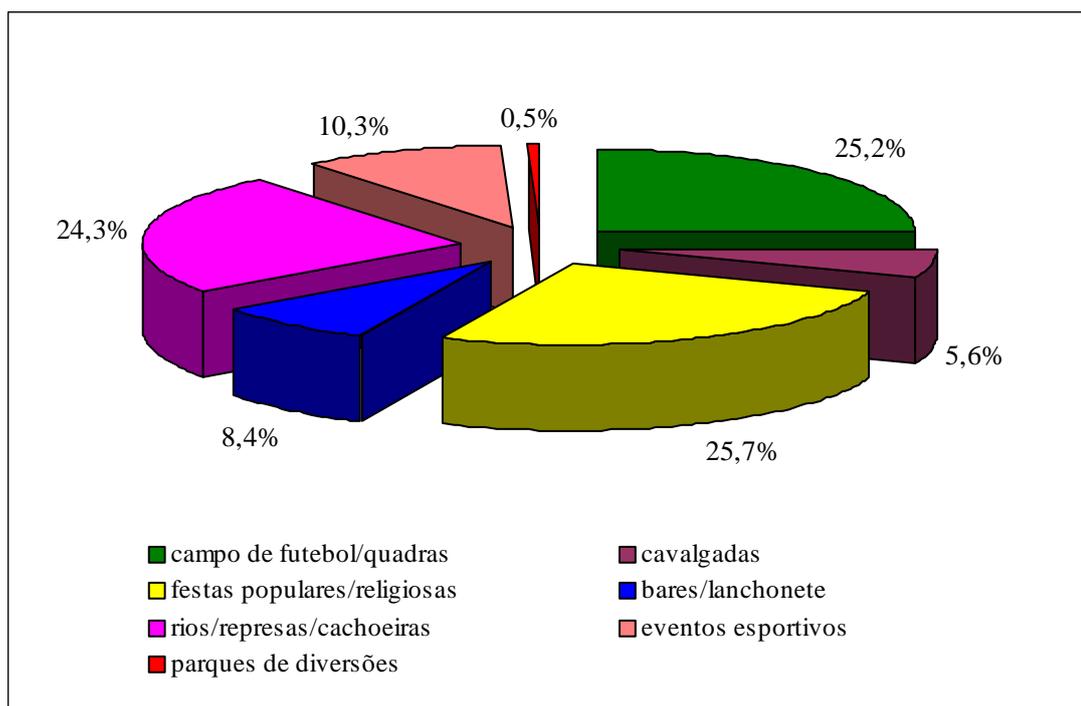


FIGURA 7– Espaços de lazer disponibilizados aos jovens rurais de São João Evangelista-MG. (respostas estimuladas e múltiplas).

Outros espaços citados com frequência são aqueles destinados à prática esportiva, principalmente o futebol. Os campos de futebol e as quadras aparecem como principal espaço de lazer para 25,2% dos jovens entrevistados. A maioria dos campos são pequenos e de terra batida, não apresentando as condições ideais para a prática do jogo de futebol, ainda assim, são muito utilizados pelos jovens. As quadras existentes em algumas escolas do meio rural também são espaços onde os jovens reúnem com frequência para jogar bola. Estes espaços são utilizados na sua maioria pelos rapazes, uma vez que o futebol é um universo predominantemente masculino, sendo assim, fica evidente que se de uma maneira geral os espaços de lazer são limitados, para as jovens estes são ainda mais escassos.

Os rios, represas e cachoeiras aparecem como sendo o principal espaço de lazer para 24,3% dos jovens. No município de São João Evangelista existem rios que são utilizados pelos jovens como ponto de encontro e diversão, principalmente na localidade de Baguari, onde existem cachoeiras que são famosas em toda a região. Em uma delas existe um espaço com uma faixa de areia onde os jovens reúnem-se com frequência, as pessoas levam bebidas, fazem churrasco, ligam o som dos carros e passam o dia. Nesta localidade, que tem se tornado um ponto turístico durante o período do carnaval e feriados nacionais, especialmente em épocas de calor, o movimento é intenso. O local deixou de ser um espaço de lazer somente dos jovens rurais, passando a receber muitas pessoas da sede de São João Evangelista e de cidades vizinhas como Paulista e Coluna.

Ao buscar conhecer o que esses jovens gostam de fazer no seu tempo livre, mesmo que faça só de vez em quando, diferentes respostas retratam as maneiras pelas quais os jovens rurais ocupam o seu tempo livre. Conforme indica a tabela 4 as respostas estavam diretamente ligadas às opções/espaços de lazer existentes nas localidades onde residem os jovens pesquisados.

TABELA 4 - Ocupação do tempo livre, segundo gênero. (respostas estimuladas e múltiplas).

	Homens	Mulheres
Encontrar amigos	15,6%	16,1%
Jogar bola/futebol	22,7%	6,9%
Ouvir música	14,9%	27,6%
Assistir televisão	14,9%	13,8%
Namorar	15,6%	3,4%
Ir à missa /igreja/culto	8,4%	18,4%
Ficar em casa descansando	5,8%	4,6%
Viajar nos finais de semana	1,9%	9,2%

Como trata-se de um município pequeno, localizado no interior, distante dos grandes centros e com renda per capita baixa, equipamentos de lazer como cinemas, *shoppings centers* e teatros nem sequer foram citados, uma vez que estes espaços não existem no município, demonstrando que aqueles que os citam, de alguma forma têm estabelecido contatos com os espaços urbanos de outras cidades. Como veremos mais adiante, são poucos os espaços de lazer existentes no meio rural que atraem os jovens que buscam os atrativos da vida urbana, desta forma as atividades consideradas como lazer passivo aparecem com destaque.

Muitos jovens disseram ocupar seu tempo livre ouvindo música, e ao analisarmos separadamente as respostas de homens e mulheres, percebemos que as jovens demonstram maior interesse 27,6%, enquanto para os homens este percentual representa 14,9%. Normalmente as mulheres ficam mais tempo em casa o que pode, em parte, explicar o fato de ouvirem mais música do que os homens. Outro fator importante diz respeito ao maior interesse dos homens pela prática do jogo de futebol, sendo esta segunda opção com maior número de respostas. 15,5% entre todos os jovens pesquisados disseram ocupar o seu tempo livre jogando futebol. E aqui se percebe que esta é uma atividade predominantemente masculina. Entre aqueles jovens que responderam que ocupam o seu tempo livre jogando futebol, 22,7% são homens, enquanto apenas 6,9% são mulheres. O futebol (assistir ou jogar) aparece como umas das principais opções de lazer de São João Evangelista-MG, em parte devido a influência da mídia, sobretudo da TV aberta que mostra jogos de futebol no mínimo 2 vezes na semana, além deste esporte fazer parte da cultura nacional. Outro fator que faz com que este apareça com força entre os jovens é que existem espaços no meio rural e

na sede para a sua prática, sendo esta uma atividade de baixo custo ao jovem, praticamente não se gasta nada para jogar futebol.

A prática do jogo de futebol também é fortalecida pelos campeonatos nos distritos e na sede do município. A prefeitura municipal, através do Departamento de Esportes, promove anualmente, no período de março a junho, o campeonato municipal de futebol amador. Neste evento, as equipes dos distritos participam e há um grande envolvimento dos moradores, pois é oferecido o transporte às pessoas das localidades que vão assistir aos jogos e torcer por suas equipes.

Encontrar os amigos (14,7%), assistir televisão (13,9%) e namorar (13,5%) aparecem também como destaques na preferência dos jovens rurais. As relações sociais no convívio com os amigos são importantes para os jovens de uma forma geral, não aparecendo discrepâncias nos dados obtidos na pesquisa (16,1% na preferência das mulheres e 15,6% na preferência dos homens). Já com relação ao namoro, podemos perceber uma diferença nos números obtidos. Entre todos os jovens que responderam que o que mais gostam de fazer no tempo livre é namorar, 15,6% são homens, enquanto apenas 3,4% das mulheres responderam que ocupam seu tempo livre com o namoro. Essa informação corrobora a idéia de que o namoro é mais propício aos homens do que às mulheres devido ao contato sexual, assim os pais evitam que as filhas namorem. Para as moças, o casamento ainda representa uma liberdade em relação a guarda severa dos pais. Nesse caso, um namoro pode se tornar rapidamente um compromisso de casamento, mesmo que a moça possua pouca idade.

Ainda com relação à comparação dos dados no aspecto gênero, outra atividade onde percebemos uma diferença na escolha foi na opção “ir a missa/igreja/culto”. Os dados obtidos demonstram ser esta uma atividade preferencial das jovens, 18,4% delas apontaram esta como sendo a principal forma de ocupação do tempo livre, somente 8,4% dos homens escolheram esta opção. Isso, na verdade, comprova que a saída para a Igreja torna-se uma das poucas oportunidades das moças de se afastar do espaço doméstico, mesmo que elas continuem vigiadas por familiares e parentes. Além disso, atribui-se culturalmente às mulheres a responsabilidade pelo contato do núcleo familiar com o sagrado. Através de uma socialização diferenciada, as mulheres tornam-se mais religiosas que os homens, já que seu espaço de circulação muitas vezes se limita a freqüentar a igreja.

Perguntados sobre o que nunca fizeram, mas gostariam de fazer no tempo livre se não tivessem que se preocupar com tempo, dinheiro, proibição dos pais ou qualquer

outro problema, boa parte dos jovens entrevistados respondeu que gostaria de ocupar o tempo livre com atividades de lazer, conforme indica a tabela 5.

TABELA 5 - Das coisas que você nunca faz nas suas horas livres, o que gostaria de fazer, sem se preocupar com quaisquer impedimentos, segundo gênero. (respostas estimuladas e múltiplas).

	Homens	Mulheres
Viajar	20,4%	29,3%
Ir a festa	19,1%	13%
Passear na cidade	7,9%	9,8%
Ir a shows	20,4%	13%
Praticar esportes	4,5%	12%
Freqüentar clubes / academias	17,8%	22,8%

A atividade mais citada foi viajar, primeira opção para 23,7% dos jovens rurais entrevistados. O desejo de viajar manifestado pelos jovens, em alguns momentos está acima do destino da viagem, muitas vezes o que querem é sair da localidade onde vivem, conhecer outros lugares, descobrir novas oportunidades, conhecer gente nova. Quando solicitados a informar o destino destas viagens, eles disseram querer viajar para cidades do mesmo estado, para outros estados e para as cidades litorâneas que tenham praia. Entre os jovens que manifestam como primeira opção o desejo de viajar; as mulheres representam 29,3%, enquanto os homens aparecem com o percentual de 20,4%. Essa busca pela saída, pela viagem demonstra atrair mais as moças que os rapazes, já que esses têm seus espaços de sociabilidades mais amplos que elas. Podemos inferir que as moças sentem mais as dificuldades de circular fora do âmbito familiar que os rapazes, assim a possibilidade de viajar representaria uma maior liberdade do controle dos pais, irmãos e parentes.

Ir a shows e festas também aparece com destaque entre as respostas dos jovens, sendo que os rapazes demonstraram um maior interesse nesta atividade, sendo que 20,4% deles optaram por ela, enquanto entre as mulheres este percentual foi de 13%. Estas opções que aparecem como desejos destes jovens, muitas vezes não estão acessíveis, pois no município acontecem poucas festas e shows, mas apontam o interesse pelo que ocorre fora da sua localidade de origem e que de diferentes formas, eles têm conhecimento. As melhores ocasiões para que os jovens possam desfrutar

destas opções são quando se realizam as duas principais festas populares da cidade: o carnaval e a semana da cultura. Estes eventos normalmente são realizados em praça pública, sem cobrança de ingressos, o que facilita o acesso de todas as pessoas.

Também aparece como sendo uma atividade de interesse dos jovens rurais freqüentar clubes e academias (22,8% para o sexo feminino e 17,8% para o masculino), o que, de certa forma, os aproxima dos jovens da cidade. Mais uma vez, é preciso observarmos que o jovem rural da atualidade tem acesso a informações de um mundo globalizado, principalmente através da mídia (TV e rádio) que muitas vezes ditam padrões de moda e comportamentos. Estes jovens não querem apenas informações, mas também querem ter acesso às atividades e benefícios disponibilizados aos jovens urbanos. Esta questão reafirma os anseios do jovem do campo em querer melhores condições de vida. Destacam-se ainda como opções de atividades de lazer o desejo de ir passear na cidade e praticar esportes.

Os lugares onde estes costumam encontrar-se são as escolas, igrejas (principalmente a Igreja Católica) e as praças públicas, onde eles reúnem-se para conversar e “passar o tempo”. Com relação ao “passar tempo”, os jovens costumam reunir-se nas pracinhas dos distritos para conversar, observar o movimento e esperar que apareça algo para fazer, uma vez que devido às suas opções de lazer se limitam a esses espaços, porém o “passar o tempo” apresenta, segundo os jovens, uma ambigüidade, pois em determinados momentos pode ser negativo - eles não têm o que fazer e a ociosidade é vista neste caso como algo ruim; no entanto, pode ser também positivo - em determinados momentos surgem opções de atividades interessantes quando os jovens se encontram, mesmo sem nada programado previamente.

Este cenário demonstra as opções dos jovens com base na realidade vivida por eles. No entanto, quando questionados sobre o que gostariam de fazer no seu tempo livre, independente das limitações de tempo, dinheiro, proibição dos pais ou qualquer outro problema, “viajar” (23,7%), “ir a shows” (17,4%), “ir a festas” (17%), “freqüentar clubes/academias” (16,5%), e “praticar esportes” (15,6%), são as principais opções citadas, mas que estão fora do seu lugar de moradia. Os poucos espaços e/ou opções de lazer disponibilizados aos jovens rurais que vislumbram a cidade como lugar de lazer, faz com que nos finais de semana estes migrem para a sede do município em busca de festas, divertimento, novas amizades, entre outros.

Essa carência de lazer (possibilidade de viajar, de ir a festas, passear, etc.) para os jovens que vivem essa diluição das fronteiras entre campo e cidade (PEREIRA, 2004) é

observada também em uma das amostras da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania realizada em dezembro de 2003. Os dados da pesquisa demonstram que o lazer (não mais limitado aos atrativos da natureza) é apontado como um desejo idealizado por grande parte dos jovens rurais, no caso de não estarem sob limites de dinheiro, de tempo, ou de repressão familiar. É significativo e estimula reflexões o fato de que a demanda por atividades culturais (cinema, shows, etc.) apareça em segundo lugar como atividade ideal para ocupar o tempo livre, igualmente para os jovens rurais e urbanos (24% dos jovens de ambas as categorias).

Não podemos afirmar que no campo não existam espaço de lazer, já que o setor de turismo vem crescendo no campo (ecoturismo). A realidade dos jovens rurais hoje demonstra que o seu interesse está direcionado para outras formas de lazer, que rompam com a idéia de que no campo só se trabalha e que os lugares de lazer dos jovens se limitam aos contatos de festas religiosas, convívio na casa de parentes e amigos, banhos de cachoeiras, andar a cavalo e outros contatos com a natureza. Esses jovens rurais querem se aproximar de seus pares urbanos, tendo acesso a outros espaços e formas de lazer. Diante da diluição das fronteiras entre campo e cidade (PEREIRA, 2004), os jovens estão em contato com outros valores que questionam a imagem de um rural isolado. Participando da vida urbano-industrial, seja para o trabalho, escolarização, assistência médica, compras de provimentos, ou outros motivos hoje muito comum entre os moradores do campo, os jovens sentem a indiferença do poder público. Desse modo, pensar em lazer para os jovens do campo é questionar as tradições, imagens do campo e cidade, seja no campo educacional, trabalhista, religioso, ou mesmo do lazer.

A situação é ainda pior para as moças que têm seus espaços de lazer ainda mais limitados. Como apontam nossos dados, o esporte, mais especificamente o futebol, representa as poucas oportunidades de lazer, além das festividades religiosas e das escolas locais. Contudo, os jogos de futebol se limitam aos homens, já que na diferenciação dos papéis de gênero, esse é um território masculino.

CAPÍTULO III

JUVENTUDE RURAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

3.1 Juventude rural e políticas públicas

Embora recente, observa-se na sociedade brasileira um consenso inicial em torno da necessidade de implantação de políticas públicas destinadas à juventude. No caso do rural brasileiro, é necessário criar e institucionalizar instrumentos democráticos e participativos de formulação e gestão de políticas para o campo, envolvendo cada vez mais a juventude rural.

Durante muitas décadas, o rural brasileiro foi visto como sinônimo de atraso, lugar onde o poder público esteve completamente ausente. Porém, nos dias de hoje, o cenário do mundo rural se modificou bastante e diante de uma nova dinâmica de um mundo globalizado, o Estado não pode mais se omitir diante da população rural. Promover ações que visem melhorar a vida desta parcela da população é mais que um desejo político, é uma necessidade.

Em seu significado mais genérico, a idéia de políticas públicas está associada a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (financeiros e humanos), envolve uma dimensão temporal (duração) e alguma capacidade de impacto. Para Rua e Abramovay (2000: p. 53), “políticas públicas são um conjunto de decisões e ações

destinadas à resolução de problemas políticos”. Alguns dos principais problemas vividos pelos jovens, entre eles a violência sofrida possui fortes vínculos com a vulnerabilidade social em que se encontra a juventude brasileira.

Abramovay et al (2002) promove uma discussão sobre o tema afirmando que é preciso investir na juventude combatendo a vulnerabilidade social pelo aumento do capital social e cultural que poderá proporcionar a substituição do clima de descrença reinante por um sentimento de confiança no futuro. Para justificar a dificuldade em acessar as estruturas de oportunidades, o estudo apresenta um conjunto de dados sobre a educação, saúde, cultura, lazer e trabalho. Esses dados apontam para a existência de deficiências no acesso dos jovens a esses bens e serviços, o que colabora com a manutenção da situação de vulnerabilidade social.

Dias (2006) afirma que para mudar a realidade do jovem no campo temos que buscar mudanças profundas, que envolvem desde questões estruturais, até a própria mudança cultural que desvaloriza o jovem rural. Mas para isso é necessário garantir toda uma infra-estrutura e desenvolvimento rural que permita que os jovens não precisem sair da terra para se desenvolverem e contribuïrem na produção direta dos alimentos. Há aí um imenso desafio para as políticas de desenvolvimento rural: mudar o padrão segundo o qual se tornam agricultores aqueles jovens que não quiseram ou não conseguiram estudar. Não há dúvida de que a distribuição de ativos (educação, crédito, terra) é a mais importante premissa para o sucesso na luta contra a pobreza: porém, tão importante quanto esses ativos é criar o ambiente para que seu uso escape da rotina e se apóie em projetos inovadores, dos quais o conhecimento seja o mais importante insumo.

É notória a heterogeneidade da juventude rural brasileira, aliás, alguns estudos já tratam da questão como “juventudes rurais”¹⁸, uma vez que são realidades diferentes, motivadas por fatores distintos como os socioeconômicos e os culturais. No entanto, a pesquisa “perfil da juventude brasileira”¹⁹ revela uma incrível semelhança em algumas das expressões entre os jovens do campo e da cidade. Buscar entender essas semelhanças assim como o que os diferencia exige, primeiramente, um procedimento metodológico que supere a visão polarizada entre o campo e a cidade, é o que sugere Carneiro (2005):

¹⁸ WEISHEIMER, Nilson. Juventudes rurais: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005. 76 p. (Estudos Nead).

¹⁹ www.institutocidadania.com.br acessado em 17/11/2005.

“Poderíamos sugerir, por exemplo, que o rural e urbano se expressam em universos culturais distintos que podem se manifestar nos mesmos espaços geográficos. Por exemplo, a pouca distinção entre alguns valores da cidade e do campo pode ser expressão da diluição das fronteiras culturais entre o socialmente reconhecido como rural e urbano, tornando-se cada vez mais imprecisas as fronteiras concernentes às idealizações e projetos dos jovens” (CARNEIRO, 2005: p. 259-260).

A diluição das fronteiras culturais, possivelmente potencializada pelo dinamismo de um mundo globalizado e pela forte influência dos veículos de comunicação em massa, especialmente a TV, tem levado a semelhanças comportamentais entre jovens urbanos e rurais. Acreditamos que o cenário já observado em muitos municípios brasileiros tende a crescer, uma vez que o acesso às informações e a maior escolaridade, aliados à forte influência da mídia que divulga os valores e comportamentos da sociedade urbana.

Deve-se dar a devida atenção às demandas específicas das jovens mulheres rurais, tendo em vista que são elas que estão saindo com mais frequência do campo e necessitam superar problemas históricos. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG (2005), apresenta alguns dados e destaca como alguns dos problemas relacionados à vida das mulheres no campo, os seguintes aspectos: 1-) cerca de 36% da população economicamente ativa no mercado de trabalho rural são de mulheres. Entretanto, estas não desfrutam dos benefícios e resultados sociais desse modelo de desenvolvimento; 2-) a mão de obra feminina tem sido absorvida nos trabalhos temporários, sem garantia de direitos e sem investimentos na formação profissional; 3-) quase dois terços das mulheres rurais engravidam entre 15 e 21 anos de idade e quase a metade não utiliza qualquer método contraceptivo.

Estas são algumas das razões que têm levado um grande número de jovens do sexo feminino a migrarem do campo para a cidade. A ausência de mulheres no campo pode comprometer a longo prazo o desenvolvimento da agricultura familiar, uma vez que a própria continuidade do modelo familiar tradicional passará por conflitos na sua formação e estruturação. Camarano e Abramovay (1999: p. 78) apresentam dados regionais e nacionais relevantes a respeito do tema. Uma das conclusões que os autores chegaram é que o “êxodo predominantemente jovem mostra que o campo se abre cada vez mais para o contato com as cidades. Resta saber se esta abertura dará lugar a laços construtivos e interativos ou se levará à desagregação do tecido social existente hoje no

meio rural”. Lopes²⁰ (2006) também chama a atenção para esta questão em seu estudo desenvolvido no sul do país sobre o celibato masculino e perspectiva dos jovens no meio rural. No município de São João Evangelista esta não é uma questão relevante, uma vez que existe um equilíbrio entre jovens do sexo masculino e feminino residindo no meio rural.

3.2 Programas e projetos voltados para a juventude

Alguns pesquisadores²¹ destacam o aumento da violência entre jovens como uma das conseqüências da vulnerabilidade social, chamando a atenção para a fragilidade brasileira na consolidação da cidadania no país, utilizando como principal argumento o que denomina “paradoxo brasileiro” (PERALVA, 2000): a décima economia industrial do mundo convive com a segunda pior distribuição de renda em todo o mundo²².

Esse cenário passa a se alterar no final dos anos noventa e no início da década atual. Iniciativas públicas são observadas, algumas envolvendo parcerias com instituições da sociedade civil, e as várias instâncias do poder executivo – federal, estadual e municipal. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – lei federal nº 8.069) garante e amplia os direitos dos jovens. No entanto, não basta apenas ter os direitos garantidos por lei, é preciso ações e investimentos em programas que proporcione aos jovens uma melhor qualidade de vida. Sposito e Carrano (2003) identificaram 30 programas/projetos governamentais incidindo com maior ou menor focalização sobre a juventude brasileira, e três ações sociais não governamentais de abrangência nacional. É preciso assinalar que a quantidade de programas/projetos não se apresenta como garantia de maior atenção e qualidade de ação na questão da juventude. Ainda segundo os autores, alguns ministérios demonstraram baixa capacidade de coordenação de suas ações sobre os programas/projetos, incipiente reflexão sobre a problemática juvenil e baixíssima sinergia com atores coletivos da sociedade civil.

O problema não é somente a insuficiência e a ineficácia dos programas do governo federal, mas também a falta de integração entre as diversas esferas do poder

²⁰ Lopes, Milena Nunes. O celibato masculino e perspectivas dos jovens no meio rural. Trabalho apresentado no Seminário Nacional – Juventude em perspectiva promovido pelo CPDA/UFRRJ em maio de 2006.

²¹ Pinheiro (1996) e Peralva (2000).

público (federal, estadual e municipal) e mesmo entre os programas existentes, conforme tabela 6, e principalmente a completa exclusão dos jovens e de suas organizações no processo de decisões e elaboração dos programas/projetos voltados para a juventude rural.

TABELA 6 – Programas/Projetos do governo federal voltados para a juventude.

Programa/projeto	Responsável pelo Programa/Projeto	Período
Programa saúde do adolescente e do jovem	Ministério da saúde	Antes de 1995
Programa especial de treinamento (PET)	Ministério da Educação	Antes de 1995
Prêmio jovem cientista	Ministério da ciência e tecnologia	Antes de 1995
Jogos da juventude	Ministério dos esportes e turismo	1995 – 1998
Esporte solidário	Ministério dos esportes e turismo	1995 – 1998
PRONERA	Ministério do desenvolvimento agrário	1995 – 1998
PLANFOR	Ministério do Trabalho e Emprego	1995 – 1998
Capacitação solidária	Presidência da república / conselho Comunidade solidária	1995 – 1998
Alfabetização solidária	Presidência da república / conselho Comunidade solidária	1995 – 1998
Programa Escola Jovem	Ministério da Educação	1999 – 2002
Financiamento Estudantil	Ministério da Educação	1999 – 2002
Programa Recomeço	Ministério da Educação	1999 – 2002
Olimpíadas Colegiais	Ministério do Esporte e Turismo	1999 – 2002
Projeto Navegar	Ministério do Esporte e Turismo	1999 – 2002
Esporte na Escola	Ministério do Esporte e Turismo	1999 – 2002
Serviço Civil voluntário	Ministério da Justiça	1999 – 2002
Plano Nacional de Enfretamento da Violência sexual	Ministério da Justiça	1999 – 2002
Programa de Defesa dos direitos da Criança e Adolescente	Ministério da Justiça	1999 – 2002
Programa Paz nas Escolas	Ministério da Justiça	1999 – 2002
Jovem Empreendedor	Ministério do Trabalho e Emprego	1999 – 2002
Centros da Juventude	Ministério da Previdência e Assistência social	1999 – 2002
Agente Jovem de desenvolvimento social e humano	Ministério da Previdência e Assistência social	1999 – 2002
Prêmio Jovem cientista do futuro	Ministério da ciência e tecnologia	1999 – 2002
PIAPS	Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da Republica	1999 – 2002
CENAFOCO	Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da Republica	1999 – 2002
Brasil em ação	Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	1999 – 2002
Projeto Alvorada	Presidência da República	1999 – 2002
Programa de apoio ao aluno Estrangeiro	Ministério da Educação	Não informado
Reinserção Social do Adolescente em conflito com a lei	Ministério da Justiça	Não informado
Combate ao abuso e Exploração sexual	Ministério dos Esportes e Turismo	Não informado
Projeto sentinela	Ministério da Previdência e Assistência Social	Não informado
Projeto Rede Jovem	Comunidade Solidária	Não informado

Fonte: Sposito e Carrano – 2003

²² SPOSITO E CARRANO (apud PINHEIRO, 1996).

3.2.1 PRONAF Jovem

Ao longo da história do Brasil, o segmento da agricultura familiar foi excluído das políticas públicas e dos projetos de desenvolvimento. Por muitos anos a agricultura patronal foi a mais valorizada, inclusive recebendo as maiores e melhores linhas de crédito do governo. A falta de estrutura e a limitação de políticas públicas voltadas aos agricultores familiares têm sido um dos fatores que contribuem para a migração da juventude rural para as cidades. Estudos demonstram que o ponto máximo dessa migração ocorre entre 20 e 24 anos, para os homens, e entre 15 e 19 anos, para as mulheres. Diante deste cenário, torna-se necessário a criação e implementação de políticas públicas que atendam de forma mais efetiva os agricultores rurais, em especial aos jovens. No entanto, a partir de meados da década de 90 vem acontecendo um gradativo avanço nesta questão.

Em 1996, o governo federal criou o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, com a 1ª linha de financiamento da produção para agricultores familiares (custeio agrícola). O Programa foi institucionalizado através do Decreto Presidencial nº 1.946, de 28 de junho de 1996, como um programa de apoio técnico e financeiro ao desenvolvimento rural para o fortalecimento da agricultura familiar. De acordo com dados disponibilizados no site do Ministério do Desenvolvimento Agrário²³ no ano de 2004, mais de 1,57 milhões de pessoas firmaram contratos do Pronaf, contra apenas 953,2 mil em 2002. O volume de recursos destinado pelo governo ao financiamento rural de agricultores familiares também apresentou expressivo crescimento, passando de R\$ 2,4 bilhões em 2002 para R\$ 5,6 bilhões em 2004, o que representa um incremento de 134,2%.

Em 2004 foi criado o Pronaf Jovem que tem como principal objetivo fomentar o futuro da agricultura brasileira, combater o êxodo rural e o aumento da miséria e da criminalidade nos centros urbanos. É uma ação estruturante e fundamental para o desenvolvimento sustentável do país. O Pronaf Jovem é uma linha de crédito especial do Plano Safra para a Agricultura Familiar e tem como prioridade atender filhos de agricultores entre 16 e 25 anos de famílias enquadradas nos grupos B, C, D e E do programa. Para ter acesso ao financiamento de até R\$ 6 mil, com juros de 1% ao ano, os jovens agricultores devem ter formação técnica profissional – precisam ser formados ou

²³ www.mda.gov.br/saf acessado em 20/06/2006

estar cursando o último ano de cursos técnicos nas casas familiares rurais, escolas técnicas agrícolas de nível médio ou outro curso de formação profissional reconhecido pela Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA). Jovens que não se formaram ou não cursam escolas técnicas poderão se beneficiar da linha de crédito especial ao comprovar mais de três anos de atividade agrícola.

O prazo para reembolso é de até dez anos, com carência de até três, ou até cinco anos quando o projeto técnico da atividade assistida comprovar a necessidade do prazo. A finalidade do Pronaf Jovem é atender as propostas de crédito relacionadas com projetos específicos de interesse de jovens que promovam novas formas de agregação de renda e/ou atividades exploradas pela unidade familiar. O financiamento rural do Pronaf tem impactos tanto sociais quanto econômicos, ao mesmo tempo em que dá condições para que os agricultores familiares ganhem em escala dentro da unidade de produção, mantém as pessoas ocupadas, gera empregos e possibilidades para que a família permaneça no meio rural. Além disso, diminui a tensão no campo e a pressão por emprego na cidade.

De acordo com a Secretaria da Agricultura Familiar, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, no município de São João Evangelista existem 93 agricultores familiares com cadastro e com Declaração de Aptidão ao PRONAF²⁴.

3.3 Políticas públicas de desenvolvimento em São João Evangelista: o lugar dos jovens

No lineamento e na criação de políticas públicas, é de extrema importância envolver os atores sociais neste processo. As políticas destinadas aos jovens rurais devem ser construídas com a participação destes, é preciso que se conheçam bem quais são seus anseios, desejos e necessidades. No questionário aplicado aos jovens rurais de São João Evangelista, diversas questões servirão como suporte, contribuindo para a elaboração de ações e políticas públicas. Uma das mais importantes diz respeito aos problemas existentes nas localidades onde os jovens residem, problemas estes apontados pelos próprios jovens.

²⁴ <http://www.pronaf.gov.br> consultado em 12/04/2005.

Para 36,8% dos jovens rurais de São João Evangelista, o principal problema existente nas localidades onde residem é o desemprego. Na atualidade, o desemprego não é problema exclusivo dos jovens rurais, no entanto, em São João Evangelista muitos trabalham na agricultura familiar e parte deles não recebem dinheiro pelo seu trabalho conforme vimos nos dados apresentados neste estudo. Este cenário parece expor ainda mais o desemprego como um grande problema, uma vez que estes jovens não têm renda própria, ou quando muito, a renda é insuficiente para atender às suas necessidades.

Ao analisarmos os dados segundo classificação de gênero, fica evidente que a questão preocupa muito mais as mulheres. Enquanto entre os homens o percentual daqueles que apontaram o desemprego como principal problema é de 12%, entre as mulheres jovens este valor é 24,8%. Se para os rapazes a renda obtida na agricultura familiar é baixa, para as moças inexistente, pois quando trabalham na roça o fazem para “ajudar” a família e não recebem dinheiro por tais serviços. A utilização da categoria “ajuda”, na verdade, torna invisível a participação ativa das mulheres na agricultura familiar.

O segundo item apontado como principal problema nas localidades diz respeito à administração política do município, sendo citado por 14,6% dos jovens. Neste item a diferença dos dados na classificação de gênero é pequena, ainda assim o percentual de mulheres insatisfeitas é maior, 15% delas contra 13,5% dos jovens do sexo masculino. Outro problema existente nas localidades e apontado com muita frequência pelos jovens é a dificuldade de acesso a outras localidades fora da sua residência, sendo apontado por 13,4% dos entrevistados. As estradas que ligam as localidades à sede do município são todas sem pavimentação e não recebem a manutenção adequada. Os moradores convivem diariamente com o desconforto provocado pelo excesso de buracos e poeira, mas é no período chuvoso entre outubro e março que as dificuldades aumentam, em algumas localidades as estradas ficam completamente intransitáveis. Outro fator que contribui para a insatisfação diz respeito às dificuldades de acesso, o fato de não existir transporte coletivo na maioria das localidades, sendo assim as pessoas quando precisam ir à cidade são obrigadas a recorrer a outros meios, tais como caronas com amigos e conhecidos, bicicletas, fazer o percurso a pé ou quando podem pagar um veículo de terceiros.

A tabela 7 apresenta os problemas existentes nas localidades e relatados pelos jovens, segundo a classificação de gênero e faixa etária. Além dos já citados e

comentados aparecem também com destaques à preocupação com a saúde (10,2%), lazer (9,3%) e educação (8,1%)

TABELA 7 - Na sua opinião quais são os principais problemas da localidade onde você reside? segundo gênero.(respostas estimuladas e múltiplas).

	Homens	Mulheres
Educação	8,3%	3%
Desemprego	12%	24,8%
Segurança/violência	7,8%	7,9%
Dificuldade de acesso	12,5%	11,9%
Administração política do município	13,5%	14,9%
Saúde	12%	8,9%
Lazer	7,3%	7,9%
Drogas	5,7%	5,9%
Crise econômica/financeira	9,9%	8,9%
Vizinhos	6,3%	4%
Não tem nenhum problema	2,1%	2%
Não sei responder	2,6%	0%

Em relação ao interesse pessoal por temas variados, obtivemos alguns dados que nos permitem refletir sobre esta questão. O tema que aparece em destaque é “corpo e saúde” (17,4% dos entrevistados). A saúde aparece como o principal aspecto a ser considerado na qualidade de vida. Sobre esta questão entendemos como normal, afinal ter uma boa saúde é um dos pilares para se viver bem, independente da condição socioeconômica e cultural. Em relação ao “corpo”, a preocupação dos jovens está em torno da estética, o que denota uma forte influência dos modos de vida urbano. Ao considerarmos as diferenças de gênero nesta questão podemos perceber através dos dados que homens e mulheres pensam de forma muito parecida sobre o assunto. Para 17,6% dos homens o assunto de maior interesse é corpo e saúde, já para as mulheres este percentual é de 16,7%, conforme nos indicam os dados apresentados na tabela 8.

TABELA 8 - Entre os temas relacionados abaixo, quais são os três que você tem mais interesse pessoal? Segundo gênero e faixa etária (respostas estimuladas e múltiplas).

	Homens	Mulheres
Sexualidade	8,3%	6,9%
Artes (música, teatro, etc.)	5,6%	14,7%
Educação	15%	10,8%
Religião	8,3%	12,7%
Drogas	1,1%	3,9%
Reforma agrária	2,2%	0%
Política	2,8%	0%
Esportes / atividades físicas	13,3%	9,8%
Corpo e saúde	16,7%	17,6%
Desigualdade e pobreza	3,9%	5,9%
Ecologia e meio ambiente	5,6%	3,9%
Lazer	17,2%	13,7%

Outro assunto que aparece como sendo de muito interesse entre os jovens entrevistados é o lazer. Este foi o assunto que apareceu em segundo lugar no cenário geral, sendo citado por 15,8% dos jovens. Ao analisarmos as respostas por sexo, percebemos que os rapazes valorizam mais o lazer em relação às mulheres. Os dados demonstram que enquanto 17,2% deles disseram ser este o assunto de maior interesse pessoal, para as mulheres o percentual foi de 13,7%.

Conforme apontamos neste estudo, normalmente as opções de lazer no campo são bastante limitadas, geralmente ligadas ao contato com a natureza, o que tem sido alvo de críticas e de insatisfação por parte dos mesmos. As poucas opções existentes e valorização do lazer pelos entrevistados, vão ao encontro da afirmação de Carneiro (2005: p. 257) quando a autora coloca que “a ausência de espaços de lazer é responsável, entre outros fatores, pela avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração dos jovens.” Isso nos permite dizer que é necessário o estabelecimento de ações que visem à criação e/ou lineamento de políticas públicas voltadas à oferta de lazer aos jovens residentes no meio rural.

A educação também aparece nas entrevistas como um assunto muito importante para os jovens (14,3%). A valorização da educação e o acesso à escola aparecem como um importante componente que pode contribuir de forma significativamente para que os jovens possam ter melhores condições de vida. Para Spósito (2005: p. 90), “a instituição escolar, ao se expandir, surge também como um espaço de intensificação da experiência de vida dos jovens que culminam com uma inserção no mundo do trabalho”.

Os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” mostram uma diferença no número de jovens estudantes no campo e na cidade. De acordo com pesquisa realizada em todo o Brasil no ano de 2003²⁵, entre os jovens residentes nas cidades 65% estavam estudando, enquanto 35% estavam fora da escola. Já entre os jovens residentes no meio rural, o percentual dos que estavam estudando no momento do levantamento dos dados é um pouco menor: 55%. Segundo os jovens rurais de São João Evangelista, nos últimos anos houve uma melhoria na oferta do ensino por parte do poder público, principalmente pela disponibilidade do transporte escolar gratuito.

Além dos temas já comentados, os dados apresentados na tabela 8 chamam a atenção para a diferença na valorização do tema artes (música, teatro, etc.). Enquanto 14,7% das mulheres citaram este como o assunto de maior interesse, entre os homens somente 5,6% disseram ser este o tema mais importante. Analisando os dados ainda segundo gênero, vemos que entre os homens os esportes/atividades físicas são mais valorizados, enquanto 13,3% deles identificaram este como sendo o assunto de maior interesse, entre as mulheres este percentual foi de 9,8%. Essa valorização diferenciada das artes e dos esportes aponta para a socialização diferenciada de moças e rapazes, e demonstra que diante dos seus interesses diferenciados, as moças são prejudicadas pelo pouco acesso às artes.

Como comentamos anteriormente, percebemos que as mulheres valorizam mais a religião: para 12,7% delas este é o tema de maior valor, já entre os homens este percentual cai para 8,3%. A igreja, nesse sentido, se transforma num espaço social importante para as moças, visto que freqüentar a igreja é algo permitido pelos pais e as moças se mostram mais favoráveis ao cumprimento das regras impostas pela religiosidade. No caso dos rapazes, a doutrina religiosa seria pouco atraente, já que impõe condições que mais do que atraí-los, os afasta, como por exemplo, o consumo de bebidas alcoólicas, o uso de cigarros e drogas, e o não celibato. Além disso, a liberdade de poder circular dentro e fora da sua localidade, faz com que os rapazes não freqüentem assiduamente as missas ou os cultos.

Ao analisarmos os dados, percebemos que as atividades esportivas aparecem como uma alternativa nas falas dos jovens. Não basta disponibilizar o campo ou a quadra, mas é necessário criar condições para que o seu uso seja otimizado. Sendo

²⁵ ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro P. M. (org.). Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. 1ª edição. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo – SP. 2005.

assim, algumas ações como a promoção de eventos esportivos, a democratização dos espaços, oferecendo atividades que atendam aos interesses das mulheres, e contratação de profissionais que possam coordenar estas atividades são algumas medidas que podem valorizar a prática de esportes e ser uma opção de lazer que atenda aos jovens rurais. As falas de alguns jovens descritas abaixo apresentam alternativas.

“Por ser um distrito, este lugar é muito mal informado, mas tem como lazer a cachoeira, acho que poderia ter um salão para festas, um parque de exposição,,por exemplo, e várias outras coisas que servem para nós jovens.” (A. P. S. moça, 18 anos)

“Investindo mais no lazer e educação. Incentivando esportes, criando assim opções para a comunidade, fazendo assim um intercâmbio entre lazer e sociedade”.(S. H. G. rapaz, 21 anos)

“Onde moro não tem nenhum espaço de lazer, as vezes inventamos, improvisamos alguma coisa. Poderia construir uma quadra de voleibol e de uma biblioteca. Poderia também trazer pessoas para treinar os times, ensinar a jogar melhor.” (C. M. S. moça, 17 anos)

“Eu acho que a Prefeitura deveria reunir os jovens e ver o que eles desejam para ter um lazer, algo para se divertir”.(J. C. S. rapaz, 19 anos)

Os jovens acreditam que a Prefeitura pode contribuir de forma mais efetiva na oferta e promoção do lazer nas localidades. No entanto, alguns deles apresentam um discurso politizado, questionando por vezes a administração política do município. A fala dos jovens descrita abaixo ilustra esta questão;

“Porque o prefeito e os vereadores não têm interesse em nos ajudar, pois nós estamos precisando de construir quadras e clube e de profissionais para nos ajudar.”(R. C. A rapaz, 21 anos)

“Se o Prefeito preocupasse mais com a população, com a comunidade, com a saúde das pessoas, com a violência e não prometer coisas que não poderia cumprir que isto é o maior defeito que existe no mundo de hoje.” (S. F. P. 19 moça, 19 anos)

“Pode contribuir dando mais valor para o lugar e valorizando os eleitores porque Baguari é um ótimo lugar para construir várias coisas para a diversão dos jovens e não tem quase nada”. (J. C. S. rapaz, 17 anos)

“Poderia trazer um parque de diversão. Trazer cantor para cantar para a gente, fazer mais coisas para a população. Fazer uma escolinha de voleibol, um clube, uma quadra esportiva.” (L. P. O moça, 19 anos)

Ao longo deste estudo, percebemos que muitos deles saem do campo devido principalmente às condições precárias de vida no meio rural. Apesar das potencialidades da agricultura familiar a vida dos jovens rurais ainda é muito difícil. A ausência de políticas sociais voltadas para a educação, a saúde, a geração de renda, etc, tornaram-se os principais motivadores do êxodo rural. Aos que resistem ao êxodo rural, precisam construir a descentralização da gestão da produção e da renda, que historicamente estão nas mãos do pai. Em suma, pudemos perceber que provavelmente muitos dos jovens não deixariam de residir no campo se tivessem condições melhores de vida.

No caso de São João Evangelista-MG, o que observamos é que as políticas públicas voltadas para o jovem residente no meio rural praticamente não existem, ou estão fora do foco, pois são formuladas sem a participação da população prioritária. Quando se trata das ações do poder público voltadas para o lazer, grande parte da juventude rural de São João Evangelista-MG destaca como prioridades a serem atendidas por parte do poder público, investimento na construção de espaços para a prática de esportes, principalmente quadras e campos de futebol.

Quando perguntados sobre que tipo de modalidades esportivas gostariam de ver ou ter próximo de suas residências, instituição de ensino ou associação, as opções que aparecem são o “futebol” (23,9%) e “danças” (22,6%). No entanto, existem questões ligadas à melhoria de suas condições de vida, que aparecem com frequência nas suas falas como, por exemplo melhoria das estradas, desemprego, renda familiar, entre outros.

E – Você acha que o poder público (Estado e/ou Prefeitura) poderia contribuir mais na oferta e promoção do lazer na localidade onde você mora?

R – Poderia mandar um dinheiro para construir uma quadra, uma boate, arrumar mais as estradas, gerar mais empregos. (W.S.F., rapaz, 21 anos)

R – Mandar mais verbas para as pessoas que morram nas comunidades rurais, pois as comunidades rurais não têm benefício nenhum do governo (J.C.G., rapaz, 20 anos)

R – Gostaria que os prefeitos preocupassem mais com lazer esportivo, fazer a quadra esportiva, principalmente na Escola, na qual foi prometida há uns 8 ou 9 anos atrás (V.A.S., moça, 23 anos).

A construção das políticas públicas para a juventude rural precisa contribuir para reverter a idéia de meio rural como um lugar sem perspectivas de uma vida digna,

precisa dar a juventude a oportunidade de optar por permanecer no campo sem que sejam obrigados a migrarem para as cidades em busca de melhores perspectivas. É preciso defender a implantação de políticas públicas que garantam não só a permanência, mas a qualidade de vida do jovem no meio rural. Isso significa promover mudanças nas políticas fundiárias e de crédito, educação, lazer, cultura, possibilitando o resgate da auto-estima, a ampliação dos horizontes e a construção de alternativas concretas, obedecendo a uma nova lógica e um novo modelo de desenvolvimento, sustentável e solidário. (DIAS, 2006)

É preciso afirmar que qualquer política pública destinada à juventude necessita da ampliação do entendimento dos modos de ser jovem e uma escuta sensível para a construção e participação juvenil, pois os impasses do presente não podem transformar o futuro num tempo ausente. O futuro precisa ser construído de forma participativa, envolvendo de forma mais efetiva os jovens nos grandes debates e ações da sociedade brasileira.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Se tomarmos como referência os estudos desenvolvidos sobre juventude rural no Brasil nas décadas passadas, podemos dizer que houve um avanço significativo. A ruralidade, o desenvolvimento rural, o desenvolvimento local no Brasil moderno são hoje temas em debate na comunidade acadêmica, entre militantes de movimentos e organizações sociais e entre responsáveis pelas políticas públicas voltadas para a agricultura e o meio rural. No entanto, ainda é preciso avançar no sentido de que os debates e estudos viabilizem ações que de fato atendam aos anseios e necessidades da juventude rural, principalmente aquelas advindas do poder público. As políticas públicas existentes não atendem de forma satisfatória a diversidade e multiplicidade dos jovens rurais, sendo necessário uma intervenção no sentido de apoiar, valorizar e proporcionar melhores condições de vida a este segmento.

A agricultura familiar é a principal geradora de postos de trabalho no meio rural. Entretanto, uma parte das pessoas ocupadas na agricultura familiar não consegue obter uma renda mínima unicamente por meio de seus estabelecimentos (GUANZIROLI, 2000). Para sobreviver, muitos agricultores familiares dependem de rendas externas ao estabelecimento agrícola. Um dos passos mais importantes neste sentido é a valorização das atividades rurais não agrícolas. Além da possibilidade de melhoria da renda familiar, estas atividades podem atenuar o desinteresse das moças pela vida rural, uma vez que as liberam da necessidade de serem agricultoras, e este é um ponto fundamental, uma vez que são elas que têm migrado do campo com maior intensidade.

Abramovay (1998: p. 91-92) é enfático ao afirmar que “a mobilidade espacial da população brasileira hoje, especialmente dos jovens, não permite que se pense em qualquer forma de ‘fixação do homem ao campo’; a revitalização do meio rural brasileiro passa, ao contrário, pela abertura, pela intensificação dos contatos econômicos, sociais e culturais com as cidades”. Diante da diluição das fronteiras entre campo e cidade (PEREIRA, 2004a), os jovens estão em contato com outros valores que questionam a imagem de um rural isolado.

Portanto, observa-se que a juventude no campo já não vive limitada a formas tradicionais de produção e reprodução social. O jovem do campo, hoje, está integrado com as novidades de uma sociedade moderna globalizada. Isso significa que uma vida limitada ao convívio com a natureza, fazendo dela seu único espaço de lazer, já não atende aos interesses dos jovens que vão em direção à cidade em busca de melhores condições de educação, trabalho e lazer. Isso também não quer dizer que eles queiram se retirar do campo e viver na cidade, pelo contrário, como apontam os dados aqui levantados e outras pesquisas aqui citadas, (PEREIRA, 2004a) os jovens buscam complementar uma vida no campo, ligada a sua família, amigos e parentes, com as novidades de distração e lazer que são produzidas em outros espaços, como o urbano.

A busca por uma melhor qualidade de vida no campo, segundo os dados obtidos neste estudo, passa por algumas questões básicas como a manutenção de uma boa saúde, educação, transporte (melhoria do acesso à cidade) e emprego/trabalho, mas também está fortemente associada a outros valores como as relações familiares, o esporte e o lazer. Dos jovens participantes desta pesquisa 97% afirmaram que as atividades de lazer contribuem para a melhoria da qualidade de vida, sendo que os principais benefícios destas atividades são melhorar a saúde e conhecer outras pessoas/novas amizades. Estes dados reafirmam a importância das relações sociais para estes jovens e mostra também que quando tratamos das atividades esportivas como lazer, as preferidas são aquelas realizadas em grupos como é o caso do futebol e das danças.

No caso das políticas públicas de lazer, as autoridades tratam o campo e a cidade com perspectivas diferenciadas, insistindo nas imagens que apontam o campo como local de trabalho e a cidade como espaço de diversão. Como mostrado nesta pesquisa, o principal espaço de diversão para os jovens rurais de São João Evangelista é o futebol. No entanto, o futebol é um espaço predominantemente masculino, o que revela para uma grande carência de espaços de lazer para as moças. Assim, os jovens têm que sair

do campo para se divertir, o que realça uma imagem de atraso do campo, ao mesmo tempo em que fortalece a sensação de uma fronteira entre campo e cidade.

O esporte constitui e representa hoje uma das práticas corporais mais significativas das sociedades contemporâneas e esta prática no Brasil, mesmo estando indicada como fator importante de cidadania social por parte do Estado, não tem atendido aos anseios e necessidades da população de baixa renda. A exceção fica por conta da prática do futebol pelos rapazes. Neste caso, essa prática está relacionada principalmente a questões culturais, pois trata-se de um esporte de forte apelo popular e muitas vezes nas localidades pobres se joga futebol descalço pelas ruas ou em campos de terra batida. A questão se agrava ainda mais quando tomamos como referência a classe social, nível de escolaridade e status cultural, entre outros.

Se partirmos do princípio de que a inclusão aos bens sociais e culturais faz parte da formação da cidadania do sujeito e que o esporte e o lazer no meio rural devem emergir com novas práticas a partir de um novo modelo que ofereça contribuições significativas à formação e à melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais, será preciso que se questione não o direito, mas como seria possível desenvolver as práticas corporais, desportivas e de lazer direcionadas aos jovens rurais do município de São João Evangelista-MG. Qual o papel do poder público municipal nas questões relacionadas à oferta de lazer aos jovens rurais? Como reconhecer o valor das práticas esportivas e das diversas manifestações do lazer como formas de contribuição para a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais?

Dentro desta perspectiva, é imprescindível que se estabeleçam ações planejadas e um outro tipo de organização do esporte e do lazer, onde estejam previstos também a destinação de recursos e investimentos para que seja contemplado, tanto a promoção de atividades corporais lúdicas, criativas, solidárias, cooperativas e prazerosas, quanto o estímulo e apoio às atividades culturais que visem proporcionar lazer aos jovens rurais. Se o lazer e o esporte possuem importância na vida moderna que transcendem a mera reprodução das estruturas sociais, é preciso observar fundamentalmente as suas possibilidades para a emancipação dos jovens rurais nos valores e normas que apontam traços significantes para a construção de práticas que possam contribuir para a melhoria das condições de vida no meio rural.

Sabemos que administrar um município do interior com tantos problemas sociais e com um orçamento limitado não é uma tarefa simples. Entendemos que para um melhor gerenciamento dos recursos públicos é preciso conhecer bem a realidade local e

priorizar as ações e investimentos com base em estudos que contribuam para a elaboração de planejamentos que sejam viáveis econômica e socialmente. Por isto, ao programar uma política de esporte e lazer nas diversas localidades do meio rural, esta deve se estruturar sobre metas, princípios e em ações estratégicas com vistas a estabelecer prioridades em todo o planejamento e execução.

Ao longo de dois anos desenvolvemos este estudo junto aos jovens de São João Evangelista, sendo que um dos seus objetivos é propor lineamentos ou diretrizes para o estabelecimento de políticas públicas voltadas para os jovens rurais do município. Sendo assim, julgamos pertinente neste instante apresentar algumas sugestões no sentido de promover uma reflexão a respeito da temática envolvida. Levando-se em conta o forte interesse pelas atividades esportivas por parte dos jovens rurais pesquisados, as sugestões que se seguem estão direcionadas ao esporte como opção de lazer. Quanto aos princípios, as sugestões para a criação e implementação do programa de esporte e lazer se assentarão nos seguintes pontos:

1. Dinamização dos espaços e equipamentos de Esporte e Lazer

Na busca de se garantir o acesso dos jovens rurais à prática esportiva e aos demais interesses do desenvolvimento sociocultural do lazer, devem ser eleitos com a participação da população local os espaços para a construção de equipamentos, viabilizando seu uso e abrindo o horizonte para o caráter polivalente que deverão possuir. É importante nesta etapa que se pense na diversidade de atividades a serem oferecidas, a fim de que os equipamentos não fiquem limitados apenas a espaços para a prática do futebol.

2. Garantia da participação de Todos.

Democratizar o acesso ao lazer e ao esporte implica não ignorar a imperiosa necessidade de romper com a discriminação tão presente em nossa sociedade. Os dados obtidos e apresentados neste estudo demonstram a carência de atividades de lazer no meio rural, em especial para as mulheres, uma vez que nas atividades esportivas a

participação delas se mostrou bastante limitada. Faz-se necessário criar mecanismos que possam estimular a participação das jovens, pois conforme vimos no estudo, são elas que mais têm migrado do meio rural para as cidades.

3. O esporte e o lazer como identidade cultural.

É imprescindível considerar o esporte e as práticas do lazer como uma das formas de inserção e resgate da cultura local e, ao mesmo tempo, como possibilidade de vivência no campo das práticas denominadas de cultura corporal. Neste sentido, é possível estimular a prática de atividades que tenham relações com a vivência cotidiana dos jovens como, por exemplo, as cavalgadas, pescarias, danças regionais, entre outros.

4. O lazer e o esporte como práticas sociais.

O esporte e as práticas de lazer devem ser compreendidos como integrantes do patrimônio histórico-cultural do mundo contemporâneo, como bens culturais indissociáveis do direito de apropriação (material e simbólico) de seu conhecimento pelo sujeito em busca da melhoria da qualidade de vida pessoal e social. Os eventos esportivos poderão ser atrativos não somente aos praticantes, mas a toda população local, pois nestas ocasiões se criam e se fortalecem os laços sociais, sendo assim, é uma oportunidade de reencontrar as pessoas, fazer novas amizades e ampliar o convívio social.

5. A atividade física, o esporte e o lazer possuem interface com a saúde.

A prática regular de atividades físicas ou desportivas contribui para a manutenção da saúde, minimizando, por exemplo, os efeitos da obesidade, pressão arterial elevada, arteriosclerose, entre outros. É importante destacar que um povo verdadeiramente saudável é aquele que é atendido em suas necessidades sociais básicas, dentre as quais, as atividades físicas e esportivas integradas em ações de saúde individual e pública, possibilitando à população jovem residente no campo o fortalecimento da formação de hábitos saudáveis e a melhoria da qualidade de vida.

A expansão dos meios de comunicação em massa, especialmente da mídia eletrônica (rádio e TV), proporcionou absoluta integração territorial. Jovens do campo e da cidade compartilham preferências, a maioria delas, é claro, ditadas pela força da mídia, como por exemplo, no modo de vestir e de falar, nos ídolos do momento, nos times preferidos, etc. O primeiro efeito dessa homogeneização não é somente a expansão dos horizontes do jovem rural, mas, essencialmente, a criação de novas necessidades. São novas expectativas que surgem. O jovem quer educação de qualidade, melhores condições de trabalho, recreação e lazer, mas acima de tudo quer falar e ser ouvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W., FREITAS, M. V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000b.

_____. Helena; BRANCO, Pedro P. M. (org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. 1ª edição. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo – SP, 2005.

ABRAMOVAY, Ricardo. *Agricultura familiar e uso do solo*. São Paulo em Perspectiva, v.11, nº 2, pp. 73-78, 1997.

ABRAMOVAY, Ricardo et all. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: UNESCO, 1998.

_____. Miriam et alii. *Juventude, violência e vulnerabilidade na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002, 192p.

ADORNO, Sérgio. Adolescentes, crime e violência. In: ABRAMO, H. W., FREITAS, M. V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

ALVIM, R., GOUVEIA, Patrícia (orgs.) *Juventude nos anos 90: conceitos, imagens, contextos*.(apresentação). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

ANDREWS, S. *Stress a seu favor: como gerenciar sua vida em tempos de crise*. Porangaba: Instituto Visão Futuro, 2001

ANTUNES, Ricardo. (2002). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo. Atlas, 1994.

ARAÚJO FILHO, J. A. *Lazer: perspectivas e desafios para a sociedade contemporânea*. *Holos*, ano 17, n. 01, mai/2001. Disponível em: <<http://www.etfrn.br/documentos/holosmaio01>>. Acesso em: 08 nov. 2003.

BENEVENUTO, Mônica Aparecida Del Rio. Um olhar sobre a construção da visão de juventude entre assentados rurais. In: *XI Congresso Brasileiro de Sociologia*, Campinas, setembro de 2003.

BOGO, Ademar. *O MST e a cultura*. Caderno de Formação nº 34. São Paulo: MST, . 2000.

BOM SUCESSO, E. P. *Trabalho e qualidade de vida*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunny, 1998.

CAMARANO, Ana Amélia e ABRAMOVAY, Ricardo - “Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil- Panorama dos últimos cinquenta anos” - *XXI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais - ANPOCS - Caxambu*, 1998.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *O que é Lazer*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense., 1992.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 284 p., 1975.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 35, Anais... Natal: SOBER, pp. 147-185, 1997.

_____. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n.11, Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 1998.

_____. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais, in F. C. T. da Silva, R. Santos, L. F. C. Costa (orgs.). *Mundo rural e político: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro, Campus/Pronex. 1999.

CASTELO BRANCO, Pedro Silveira. Relatório Técnico-científico sobre os remanescentes de quilombo de Bombas, Iporanga, SP. 2003.

CASTRO, Elisa Guaraná de. “Assentamentos entre o rural e o Urbano”. In Carneiro, M.J. (orgs.) *Campo Aberto – o rural no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

CHAYANOV, A.V. *La organización de la unidad económica campesina*. Tradução de por Rosa María Russovich. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. 342 p.

DIAS, M. L. S. (mimeo) Trabalho da disciplina: Mundo rural. Mestrado Profissionalizante Meio Ambiente e Sustentabilidade – UNEC, 2006.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *J. Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. *J. Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980a.

_____. J. *Planejamento do lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão*. São Paulo: SESC, 1980b.

_____. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

DURSTON, J. Estratégias de vida de los jóvenes rurales en América Latina. In: CEPAL. *Juventud rural — modernidad y democracia en América Latina*. Santiago do Chile, p. 57-80, 1996a.

_____. Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual. In CINTERFOR. Disponível em: <http://www.cinterfor.org.uy/public>. Acessado em 20 de janeiro de 2004.

EDGINTON, C. R. , Managing Leisure Services: A New Ecology of Leadership Toward the Year 2000. *JOPERD*, 68 (8): p. 29-31, 1997.

FARIA, C.A.P. Uma genealogia das teorias e modelos do Estado do Bem-Estar Social. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n.46, p. 38-71, 1998.

FLEGNER , Attila e DIAS, João C. Pesquisa e metodologia: manual completo de pesquisa e redação. Rio de Janeiro: ICP/CCFEX, 1995.

GARCIA JR, A. R. . *O Sul: Caminho do Roçado. Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social*. 1. ed. SAO PAULO: MARCO ZERO/CNPQ/UNB, 1989. 276 p.

Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul. – Ministério do desenvolvimento agrário MDA/NEAD, Brasília 2006. 260 p.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 4ª ed. São Paulo: 1994.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *ERA Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v 35, n.3, p. 21-29. 1995.

GLÓRIA, K. G. O Conhecimento ambiental transmitido pelas Escolas Agrotécnicas face ao sabor camponês: o caso de São João Evangelista-MG. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade). Caratinga: UNEC, 2005. 114p

GRAZIANO DA SILVA, J. *O novo rural brasileiro*. Nova economia: Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 43-81, 1997.

_____. *O novo rural brasileiro*. 2ª edição. Campinas: Unicamp-IE, 1999.

_____. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. *Estudos Avançados*, , v. 15, n. 43, São Paulo, 2001: pp. 37-50.

HEREDIA, Beatriz A. *A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HIRANO, Sedi (org). *Projeto e Planejamento*. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda, 1988.

JANATA, Natacha Eugênia. “Fuxicando sobre a cultura do trabalho e do ludico das meninas-jovens-mulhres e de assentamentos do MST.” Centros de Desportos. Programa de Pós Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado.2004.

LAMARCHE, Hugues. *A agricultura familiar*. Paris: L’Harmattan, v. 2, p. 20-27. 1994.

LECHAT, Noële Marie Paule. Relações de gênero em assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (RS): participação da mulher na produção e reprodução em unidades familiares e coletivas. IN: PRESVELOU, Clio & ALMEIDA, Francesca Rodrigues & ALMEIDA, Joaquim Anécio. *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: Ed. da UFSM.1996.

LEFF, E. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes. 2001. 343p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho . *O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional..* Licere, CELAR-UFGM, v. 3, p. 125-133, 2000.

_____.*Lazer e esporte: políticas públicas*. 2a. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. *Estudos do lazer: uma introdução*. 3ª ed. Campinas, SP : Autores Associados, 2002

_____. *Lazer e educação*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2004. v. 1. 164 p.

MEDEIROS, E. B. Educação para o lazer. *Boletim de Intercâmbio*. Rio de Janeiro: SESC, 3, 1980.

MELO, H. P. de; SABBATO, A. DI. O feminino no mundo rural: um olhar pela PNAD/IBGE. In: X CONGRESSO INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA RURAL, Rio de Janeiro. Resumos...Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. 1CD. paper 1254. 21 p., 2000.

MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Abep, v. 15, n. 1, jan./jun. 1998.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao lazer*. Barueri, SP : Manole, 2003.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação/ANPEd*. n .ºs 5 e 6, mai/dez, 1997. p. 5-14.

MOREIRA, W. W. *Qualidade de vida*. Campinas: Papirus, 2001.

MOREIRA, W.W. *Educação Física e esportes: perspectivas para século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

_____. W. W. e SIMÕES, Regina (org.) *Esporte como fator de qualidade de vida*. Editora UNIMEP, Piracicaba – SP, 2002.

MST. *Construindo o caminho*. São Paulo: Secretaria Nacional do MST.2001.

MUNRO, D. *Cuidado com o planeta Terra: uma estratégia para o futuro da vida*. São Nobel/SESC, 1994. 199 p.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. In: *Ciência Hoje*. v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev. SBPC: Rio de Janeiro, 1987.

_____. *Terra à vista... e ao longe*. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC. 1998.

_____. Movimento de mulheres agricultoras: terra e matrimônio. In: X CONGRESSO INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA RURAL, Rio de Janeiro. Resumos...Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. 1CD. paper 0304. 16 p., 2000.

PERALVA, A. *Violência e democracia: paradoxo brasileiro*. Paz e Terra, São Paulo, 2000.

PERALVA, A e SPOSITO, M. (org.) *Juventude e Contemporaneidade – Revista Brasileira de Educação*, n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.

PEREIRA, Jorge Luiz de Góes. Entre campo e cidade: amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2004a, pp. 322-352.

_____. Jorge Luiz de Góes. Lideranças femininas na luta pela terra no assentamento Batatal e suas conseqüências para as relações de gênero. Dissertação de Mestrado. CPDA/RJ, Rio de Janeiro, 1999 160f.

_____. *Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade*. Seropédica: UFRRJ, 2004b. 178 p. (Tese, doutorado em Sociedade e Agricultura).

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 2001.

RENA. L. C. C. B. *Projeto adolescer: “Concepção de sexualidade dos adolescentes no interior de Goiás: conseqüências para o processo de reprodução humana”*. Goiás-1992/1995.

REQUIXA, R. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977, p.9.

_____. *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

RODRIGUES, M. V C. *Qualidade de vida no trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2000.

RUA, M. G. ABRAMOVAY, M. *Companheiras de luta ou “coordenadoras de painelas?”* Brasília: UNESCO, 2000. 348.

_____. M. G. *Políticas públicas e juventude dos anos 90*. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas, v. 2. Brasília: CNPD, p. 731-752.

SAMPAIO, J. R. *Qualidade de vida, saúde mental e psicológica social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. São Paulo: Atlas, 1990. 175p.

SCHNEIDER, S. *Agricultura Familiar e Industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. Teoria Social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: v.18, n.51, p.99 – 121. 2003.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, nº 24, p. 16-39, set-dez. 2003.

STÉDILE, João Pedro. *Vida e Trabalho nos Assentamentos Rurais*. CD ROM produzido pelo MST, em 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em ciências Sociais.(?)*

VIANNA, M. A. F. *Motivação, liderança e lucro*. São Paulo: Gente, 1999.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A modernização sob o comando da terra; os impasses da agricultura moderna no Brasil. IN: *Idéias, Revista do IFCH/UNICAMP*, Campinas, jul/dez, 1996.

_____. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.). *Agricultura familiar: realidade e perspectivas*. Passo Fundo: EDUPF, 1999.

_____. *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Projeto de pesquisa, Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

WEISHEIMER, Nilson. *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário/Estudos Nead, 2005, 76 p.

WOORTMANN, E. F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” no nordeste. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 18, n. 7, p. 41-61, fev. 1992.

_____. “Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral” Anuário Antropológico/87. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

_____. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1- QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA COLETA DE DADOS

O LAZER E A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DOS JOVENS RURAIS DE SÃO JOÃO EVANGELISTA-MG.

INSTRUÇÕES

Esse é um instrumento de coleta de dados para um estudo que pretende analisar o Lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista-MG. As suas respostas serão mantidas em sigilo. Por favor, responda todas as questões.

Este questionário deverá ser preenchido por jovens com idade entre 15 e 24 anos, residentes na zona rural do município de São João Evangelista-MG. Neste questionário existem questões abertas (classificadas como “espontâneas”) e questões fechadas, onde as respostas foram sugeridas em seguida à formulação da pergunta (classificadas como “estimuladas”). Em caso de dúvida, pergunte ao Instrutor.

Nome: _____

Sexo: masculino feminino Idade: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Religião: _____

1-) Atualmente qual é a sua situação conjugal?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> solteiro | <input type="checkbox"/> amigado(a)/mora com parceiro(a) |
| <input type="checkbox"/> casado(a) no papel | <input type="checkbox"/> separado(a) |
| <input type="checkbox"/> viúvo(a) | |

2-) Você está estudando atualmente? Se sim: em que série ou ano você está? Se não: até que ano da escola você estudou?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> não frequentei a Escola | <input type="checkbox"/> primário incompleto |
| <input type="checkbox"/> 4ª série / primário completo | <input type="checkbox"/> fundamental incompleto |
| <input type="checkbox"/> 8ª série / fundamental completo | <input type="checkbox"/> médio incompleto |
| <input type="checkbox"/> 3ª série / médio completo | <input type="checkbox"/> superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> superior completo ou pós | |

3-) Onde você passou a maior parte de sua infância?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> na mesma cidade em que mora hoje | <input type="checkbox"/> em outra cidade do estado em que mora |
| <input type="checkbox"/> em uma cidade de outro estado | <input type="checkbox"/> no campo |

4-) O que você pensa quando o assunto é lazer?

5-) O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre, mesmo que faça só de vez em quando?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> encontrar amigos | <input type="checkbox"/> assistir televisão |
| <input type="checkbox"/> jogar bola / futebol | <input type="checkbox"/> namorar |
| <input type="checkbox"/> ouvir música | <input type="checkbox"/> ir à missa / igreja / culto |
| <input type="checkbox"/> viajar no fim de semana | <input type="checkbox"/> ficar em casa descansando |
| <input type="checkbox"/> outros (as). Quais: _____ | |

6-) Na localidade onde você mora, quais são as opções (espaços) de lazer disponibilizadas aos jovens?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> campo de futebol / quadras | <input type="checkbox"/> rios / represas / cachoeiras |
| <input type="checkbox"/> cavalgadas | <input type="checkbox"/> eventos esportivos |
| <input type="checkbox"/> festas populares / religiosas | <input type="checkbox"/> parques de diversões |
| <input type="checkbox"/> bares / lanchonete | |
| <input type="checkbox"/> outros (as). Quais: _____ | |

7-) Qual o melhor lugar para você encontrar seus amigos?

8-) O que vocês fazem juntos?

9-) Há alguma forma de impedimento para você se divertir?

- | |
|---|
| <input type="checkbox"/> Sim. Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Não |

10-) Como os seus pais reagem as suas formas de diversão?

- | |
|--|
| <input type="checkbox"/> Proíbem de toda forma |
| <input type="checkbox"/> não gostam mas são compreensíveis |
| <input type="checkbox"/> Apóiam sempre |
| <input type="checkbox"/> Controlam demais as minhas saídas |

11-) Pensando nas coisas que você nunca faz nas suas horas livres, se você não tivesse que se preocupar com tempo, dinheiro, proibição dos pais ou qualquer outro problema, o que você gostaria de fazer?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> viajar | <input type="checkbox"/> Ir a shows |
| <input type="checkbox"/> Ir a festas | <input type="checkbox"/> praticar esportes |
| <input type="checkbox"/> ir passear na cidade | <input type="checkbox"/> frequentar clubes / academias |
| <input type="checkbox"/> outros (as). Quais: _____ | |

12-) Você acredita que as atividades de lazer lhe proporcione algum benefício? Em caso afirmativo, quais são estes benefícios.

13-) Para você qual é o principal aspecto a ser considerado para se ter uma boa qualidade de vida?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> dinheiro | <input type="checkbox"/> boas relações familiares |
| <input type="checkbox"/> moradia | <input type="checkbox"/> saúde |
| <input type="checkbox"/> lazer | <input type="checkbox"/> emprego / trabalho |
| <input type="checkbox"/> relações sociais / amizade | <input type="checkbox"/> segurança |
| <input type="checkbox"/> Praticar Esporte | |
| <input type="checkbox"/> outros (as). Quais: _____ | |

14-) Você acredita que as atividades de lazer desenvolvidas por você no seu dia a dia contribuem para uma melhoria da sua qualidade de vida?

- sim.
- não. Por quê? _____

15-) Caso você tenha respondido SIM na questão anterior, de que maneira você acredita que o lazer contribui para esta melhoria?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> aliviando tensão no dia a dia físico | <input type="checkbox"/> proporcionando bem estar |
| <input type="checkbox"/> conhecendo outras pessoas / novas amizades | <input type="checkbox"/> aliviando o estresse |
| <input type="checkbox"/> melhorando minha saúde | |
| <input type="checkbox"/> outros (as). Quais: _____ | |

16-) Você gosta de esportes?

- Não.
- Sim. Se sim, que tipo(s) de esporte(s) (modalidades) você gostaria de ver próximo de sua residência, instituição de ensino ou associação?
- | | |
|--|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> futebol | <input type="checkbox"/> danças |
| <input type="checkbox"/> voleibol | <input type="checkbox"/> handebol |
| <input type="checkbox"/> basquete | <input type="checkbox"/> natação |
| <input type="checkbox"/> outros (as). Quais: _____ | |

17-) Com relação ao trabalho, atualmente qual é a sua situação?

- Estou trabalhando
- nunca trabalhei, nem procurei trabalho
- nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho
- já trabalhei e estou desempregado(a)

18-) Se atualmente você estiver trabalhando, marque a alternativa abaixo que melhor de adapte a sua situação.

- trabalha na agricultura familiar e recebe dinheiro no campo assalariado(a) no campo
- Trabalha na agricultura familiar e não recebe dinheiro (autônomo) conta própria
- assalariado(a) na cidade
- outros (as). Quais: _____

19-) Os espaços e/ou práticas de lazer existentes na localidade onde você reside atendem as suas necessidades, ou seja, você está satisfeito(a) com os mesmos?

- sim
- não. Caso os espaços e/ou práticas existentes não atendam às suas necessidades, de que forma você acha que esta situação poderia ser resolvida?
- _____
- _____

20-) Você acha que o poder público (Estado, Prefeitura, outros órgãos públicos) poderiam contribuir de forma mais efetiva na oferta e promoção do lazer na localidade onde você reside? Em caso afirmativo de que maneira deveria ser esta intervenção?

21-) Entre os temas relacionados abaixo, quais são os três que você tem mais interesse pessoal? Para responder esta questão numere os temas de 1 a 3 de acordo com o grau de importância.

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> sexualidade | <input type="checkbox"/> política |
| <input type="checkbox"/> artes (música, teatro,...) | <input type="checkbox"/> esportes / atividades físicas |
| <input type="checkbox"/> educação | <input type="checkbox"/> corpo e saúde |
| <input type="checkbox"/> religião | <input type="checkbox"/> desigualdade e pobreza |
| <input type="checkbox"/> drogas | <input type="checkbox"/> ecologia e meio ambiente |
| <input type="checkbox"/> reforma agrária | <input type="checkbox"/> lazer |
- Outros: _____

22-) Na sua opinião quais são os principais problemas da localidade onde você reside? Para responder esta questão numere os temas de 1 a 3 de acordo com o grau de importância.

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> educação | <input type="checkbox"/> saúde |
| <input type="checkbox"/> desemprego | <input type="checkbox"/> lazer |
| <input type="checkbox"/> segurança / violência | <input type="checkbox"/> drogas |
| <input type="checkbox"/> dificuldade de acesso | <input type="checkbox"/> crise econômica / financeira |
| <input type="checkbox"/> administração política do município | <input type="checkbox"/> vizinhos |
| <input type="checkbox"/> não tem nenhum problema | <input type="checkbox"/> não sei responder |